



Rita Alexandra Gomes Gonçalves

A DIVERSIDADE CULTURAL NA LOCALIZAÇÃO

Relatório de Estágio do Mestrado em Tradução orientado pelo Professor Doutor Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho, apresentado ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Outubro de 2021

FACULDADE DE LETRAS

A DIVERSIDADE CULTURAL NA LOCALIZAÇÃO

Ficha Técnica

| | |
|---|---|
| Tipo de trabalho | Relatório de Estágio |
| Título | A diversidade cultural na localização |
| Autora | Rita Alexandra Gomes Gonçalves |
| Orientador | Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho |
| Júri | Presidente: Doutora Cornélia Elisabeth Plag |
| | Vogais: |
| | 1. Doutor Fernando Gonçalves Ferreira Alves |
| | 2. Doutor Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho |
| Identificação do Curso | Mestrado em Tradução |
| Área científica | Tradução |
| Especialidade/Ramo | Português e uma língua estrangeira (Inglês) |
| Data da defesa | 25 de novembro de 2021 |
| Classificação do Relatório | 17 valores |
| Classificação do Estágio e Relatório | 18 valores |



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Agradecimentos

Ao Doutor Jorge Almeida e Pinho, pela sua orientação preciosa, prontidão e disponibilidade para rever este relatório apesar das adversidades, e pela perseverança para que terminasse este longo percurso em bom termo.

À Doutora Cornelia Plag, por todo o conhecimento e sabedoria transmitidos, que aumentou a minha paixão pelas línguas e pela tradução.

À tradutora Susana Bernardo, por me ter acolhido e por me ter proporcionado uma oportunidade de aprendizagem fantástica e uma experiência de estágio excelente.

Aos meus amigos mais próximos, por me ampararem neste período e por terem uma paciência imensa.

Ao Luís, por ter sempre acreditado em mim, mesmo quando eu própria não acreditava.

Ao meu pai, por apoiar incondicionalmente as minhas escolhas e decisões.

À minha mãe, por olhar por mim, esteja onde estiver.

RESUMO

A diversidade cultural na localização

Como resultado da exponencial expansão tecnológica e digital, vivemos num mundo cada vez mais globalizado, onde toda a informação se encontra à distância de um simples clique. Este crescimento exige que os conteúdos sejam disponibilizados em vários idiomas para que possam ser comercializados internacionalmente. Este relatório analisa os processos associados à tradução deste tipo de produtos, mais concretamente o processo de localização, utilizando um manual de instruções da montagem de um computador como exemplo.

Depois de relatar a experiência de estágio curricular, que sustenta e dá origem a este Relatório, e de contextualizar teoricamente o trabalho realizado, retiram-se algumas conclusões sobre a tradução técnica baseadas nas suas características. Dentro da tradução técnica, no caso específico deste Relatório, é analisada a tradução de manuais de instruções utilizando vários exemplos de casos duvidosos que surgiram durante um dos projetos realizados em contexto de estágio curricular. O objetivo principal da investigação feita neste Relatório é compreender qual é, de facto, a eficácia do processo de localização. Embora este processo revele ser vantajoso para o cliente e para o próprio tradutor, é também possível encontrar questões problemáticas relativas à diversidade cultural e linguística.

O tradutor, como conhecedor e defensor das suas línguas de trabalho, deve ter sempre em consideração estas questões para poder fazer escolhas de tradução mais conscientes e ponderadas ainda que, por vezes, por exigência ou pedido do cliente, seja forçado a render-se à terminologia uniformizada.

Palavras-chave: tradução técnica, manual de instruções, localização, diversidade cultural

ABSTRACT

The cultural diversity in localization

As a result of the exponential technological and digital expansion, we live in an increasingly globalized world, where all information is just a simple click away. This growth requires that content is available in multiple languages so that it can be traded internationally. This report analyzes the processes associated with the translation of these types of products, namely the localization process, using an instruction manual to assemble a computer as an example.

After reporting the experience of the curricular internship, which supports and results in this report, and theoretically contextualizing the work carried out, I draw some conclusions about technical translation based on its characteristics. Within technical translation, in the specific case of this report, the translation of instruction manuals is analyzed using several examples of doubtful cases that emerged during one of the projects carried out in the context of the curricular internship. The main goal of the investigation in this report is to understand how effective the localization process is. Although this process proves beneficial for both client and translator, it is also possible to encounter problematic issues related to cultural and linguistic diversity.

The translator, as a connoisseur and advocate of their working languages, must always take these issues into account to make knowledgeable and considerate translation choices, even if sometimes, due to a demand or request from the client, they are forced to surrender to the standardized terminology.

Keywords: technical translation, instruction manual, localization, cultural diversity

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| Introdução..... | 1 |
| Capítulo I..... | 3 |
| 1. O estágio curricular..... | 3 |
| 1.1. A escolha de um estágio curricular..... | 3 |
| 1.2. Caracterização da entidade de acolhimento..... | 4 |
| 1.3. Descrição do estágio curricular..... | 6 |
| 1.4. Atividades desenvolvidas..... | 9 |
| 1.5. Ferramentas de apoio à tradução..... | 11 |
| 1.6. Exemplos de projetos realizados durante o estágio..... | 13 |
| 1.7. Considerações finais sobre o estágio..... | 18 |
| Capítulo II..... | 21 |
| 2. Enquadramento teórico..... | 21 |
| 2.1. Breve introdução..... | 21 |
| 2.1. Tradução técnica..... | 23 |
| 2.2. Características da tradução técnica..... | 32 |
| 2.3. Conceito de equivalência na tradução..... | 38 |
| 2.4. Teorias funcionalistas..... | 41 |
| 2.5. <i>Skopostheorie</i> | 45 |
| 2.6. Christiane Nord e o modelo de análise textual..... | 49 |
| Capítulo III..... | 61 |
| 3. A localização..... | 61 |
| 3.1. Conceitos básicos de localização..... | 61 |
| 3.1.1 Localização de <i>Websites</i> | 64 |
| 3.2.1 Localização de <i>software</i> | 66 |
| 4. Tradução de manuais de instruções..... | 68 |
| 5. Problemas de tradução relativos a manuais de instruções..... | 70 |

| | |
|---------------------------------------|----|
| 5.1. Fatores extratextuais | 70 |
| 5.2. Fatores intratextuais | 75 |
| Conclusão | 87 |
| Bibliografia/Fontes Consultadas | 91 |
| Anexos..... | 95 |

Introdução

Vivemos num mundo cada vez mais globalizado, onde o crescimento das novas tecnologias avança exponencialmente dia após dia. O tradutor, como especialista da língua e conhecedor da cultura, tem um papel cada vez mais importante e relevante neste processo de desenvolvimento tecnológico. A tradução é essencial para a transmissão de conhecimentos que seriam de outra forma desconhecidos, ultrapassando as barreiras culturais e linguísticas que existem entre as pessoas. Ainda que a tradução seja um produto feito pelo tradutor, isso não significa que este seja o único a tomar decisões importantes neste processo. O cliente pode fazer, na encomenda de tradução, pedidos relativos à tradução que não podem ser ignorados e devem ser fundamentalmente respeitados e executados. Um exemplo do que pode ser solicitado é a utilização de termos que são considerados universais para estabelecer uma uniformização entre os textos produzidos em qualquer idioma. O cliente faz esta escolha tendo em consideração, maioritariamente, os aspetos financeiros do seu modelo de negócios – o que pode manifestar-se na desvalorização de aspetos de diversidade cultural e linguística. Posto isto pretendo, através deste Relatório de Estágio, não só dar a conhecer o trabalho realizado durante o estágio curricular, mas também abordar a temática da localização, presente num dos projetos realizados, e algumas das problemáticas associadas.

O primeiro capítulo deste relatório consistirá na descrição da minha experiência de estágio na entidade de acolhimento. Primeiramente, a título de curiosidade, será explicado brevemente o motivo pelo qual foi realizado um estágio curricular em desfavor das outras opções possíveis. A secção seguinte apresentará uma breve caracterização da entidade de acolhimento, nomeadamente do percurso da tradutora que me acolheu, assim como um retrato do percurso no estágio curricular. Depois desta caracterização, faz-se uma referência às várias atividades desenvolvidas durante o estágio curricular, divididas por área de especialização e, posteriormente, incidir-se-á sobre as ferramentas CAT utilizadas como auxílio dos projetos realizados durante o período letivo do Mestrado em Tradução e durante o estágio curricular. Para ilustrar o trabalho realizado, serão apresentados exemplos retirados de alguns dos projetos de tradução produzidos durante o estágio, nomeadamente aqueles que apresentaram algumas dificuldades relevantes.

O segundo capítulo abordará questões fundamentalmente teóricas que servirão de enquadramento para o capítulo seguinte. Primeiramente, será feita uma introdução ao conceito de tradução técnica, seguida de uma descrição das várias características deste tipo de tradução

para que seja possível, posteriormente, refletir sobre as características presentes no projeto analisado no terceiro capítulo. Serão ainda explanadas e analisadas cronologicamente várias teorias, começando pelo conceito de equivalência até chegar às várias teorias funcionalistas que surgiram ao longo das últimas décadas. Estas abordagens são úteis para que se possa estabelecer uma relação entre as minhas escolhas de tradução e os pressupostos definidos por vários autores, nomeadamente com os fatores intratextuais e extratextuais apresentados por Christiane Nord.

O terceiro e último capítulo deste Relatório de Estágio estará relacionado com a aplicação e análise metódica do projeto de tradução escolhido, nomeadamente a tradução de um manual de instruções. Devido ao facto de se tratar de um manual de instruções de montagem e desmontagem de um computador, será pertinente referir o processo de localização. Depois de definir o que é a localização e abordar os termos relacionados, será feita uma breve referência ao mundo da localização e como é que este método é aplicado em alguns meios do mundo informático. De seguida, será feita uma breve abordagem à tradução de manuais de instruções, como meio introdutório para o desenvolvimento da análise do projeto realizado durante o estágio curricular. Nesta análise serão expostos vários exemplos problemáticos, os motivos pelos quais são, de facto, exemplos dignos de menção, e as soluções de tradução encontradas. Para finalizar, são apresentadas algumas conclusões e considerações pessoais, tendo em consideração a diversidade cultural e linguística em torno do processo de localização.

Ainda que a localização seja um processo inegavelmente vantajoso para o cliente e para o tradutor, por questões financeiras e por questões relativas à gestão de tempo, respetivamente, é importante ponderar a existência de problemas associados a este tipo de tradução. Serão apresentados possíveis problemas, nomeadamente a forma como as diferentes línguas têm representações diferentes na atualidade e como, conseqüentemente, o poder que cada uma delas tem num mundo globalizado difere. Para além disso, será também referida a reutilização de terminologia nas traduções e como esta estratégia pode ser problemática a nível cultural.

Capítulo I

1. O estágio curricular

1.1. A escolha de um estágio curricular

Para terminar o plano de estudos do curso de 2º ciclo em Tradução é necessário realizar um trabalho final, podendo optar entre as modalidades de projeto, dissertação ou estágio curricular, com o respetivo relatório. A minha escolha foi a modalidade de estágio curricular, onde se espera que o aluno complete aproximadamente 300 horas de trabalho numa entidade de acolhimento à escolha que tenha, ou aceite fazer, um protocolo com a Universidade de Coimbra. Este estágio pode ser realizado não só em empresas de tradução, como também em qualquer entidade, desde que preste algum tipo de serviço de tradução (por exemplo Câmaras Municipais).

Optei pela realização de um estágio curricular porque considerei a modalidade mais adequada para adquirir alguma experiência e conhecimento sobre o mercado de trabalho no sector da tradução. Até então, toda a minha experiência de tradução resumia-se àquela adquirida em contexto académico, portanto a possibilidade de poder ter contacto com o trabalho realizado por alguém que já tem a tradução como sua profissão há vários anos seria uma mais-valia. O estágio é uma excelente oportunidade para expandir conhecimentos na área, desde a receção de um projeto, preparação, tradução propriamente dita, revisão até à entrega do mesmo.

Outro aspeto importante na minha escolha de um estágio foi a possibilidade de ter mais contacto com as ferramentas de tradução, *CAT*¹, que foram introduzidas no primeiro ano do Mestrado em Tradução, na unidade curricular “Informática Aplicada e Terminologia”, nomeadamente as ferramentas MemoQ e SDL Trados Studio. A utilização destas ferramentas é imprescindível para o trabalho de tradução na atualidade, portanto é necessário ter um conhecimento extenso e profundo destes instrumentos.

Para além dos fatores anteriores, o estágio permite também uma transição mais suave da vida académica para, futuramente, a vida profissional – ainda que o estágio seja apenas uma breve amostra do que é esta profissão, permite ter uma noção dos desafios que esta apresenta,

¹ *Computer-Assistance Translation*, em português, “ferramentas de tradução assistida por computador”, são mecanismos utilizados para auxiliar os tradutores de modo a tornar o seu trabalho mais fácil e eficaz. Fazem parte destes mecanismos as bases terminológicas e as memórias de tradução.

como a coordenação de trabalhos necessária e articulação dos respetivos prazos, por exemplo, e permite também obter a satisfação de ver o fruto do nosso trabalho e aquilo de que somos capazes.

Depois de tomada a decisão de realizar um estágio curricular, foi necessário escolher uma entidade que acolhesse estagiários. No mundo da tradução é possível encontrar grandes empresas, que têm à sua disposição um conjunto de tradutores especializados nas áreas de tradução que desejam abranger, e é também possível encontrar pessoas que preferem trabalhar a título individual num ambiente mais pessoal, como um *home office* ou um escritório particular, os tradutores *freelancer*. Após contactar algumas empresas de tradução, a coordenadora do Mestrado em Tradução, Doutora Cornelia Plag, sugeriu que entrasse em contacto com uma tradutora *freelancer* que conhecia e que revelou interesse em acolher um estagiário no ano letivo 2019/2020. Depois de feito o contacto inicial via e-mail, no dia 3 de julho de 2019 reuni-me com a tradutora Susana Bernardo para que nos pudéssemos apresentar, conhecer e formalizar a nossa parceria. Nesta reunião discutimos também os possíveis horários e duração do estágio, o que foi rapidamente decidido desde início, uma vez que dispus do primeiro semestre completo para a realização do estágio e que este seria em Coimbra, no *home office* da tradutora. Para além disso, a tradutora expôs também quais as suas áreas de trabalho e, conseqüentemente, quais seriam as áreas com as quais também eu iria ter contacto ao longo de todo o estágio.

Posteriormente a este encontro, nas semanas seguintes, foi concretizado o protocolo entre a Universidade e a entidade de acolhimento, uma vez que foi a primeira vez que a tradutora Susana Bernardo acolheu um estagiário. Depois de feito o protocolo e de serem entregues todos os documentos necessários no Gabinete de Estágio, foi possível iniciar o meu estágio curricular no dia 2 de setembro de 2019.

1.2. Caracterização da entidade de acolhimento

Susana Bernardo é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, na vertente Inglês e Alemão, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. É pós-graduada em Tradução de Inglês/Português e Alemão/Português – Linguagem Comum e Especializada e é também Mestre em Tradução Especializada pela mesma faculdade. Tem também uma pós-graduação em

legendagem pelo ISAG, no Porto, e fez formação à distância em Comunicação Humanitária na Universidade de Genebra. Na sequência da sua formação académica, foi aluna Erasmus na Universidade de Potsdam, na Alemanha. Para completar o seu currículo, obteve o *Certificate of Proficiency in English* pela Universidade de Cambridge. Para além desta formação, realizou vários cursos de formação técnica no Reino Unido e em Portugal no âmbito da Indústria Automóvel, área na qual se especializou.

Susana Bernardo iniciou a sua carreira como tradutora numa Multinacional de Comunicação Internacional em áreas técnicas e de *marketing*, onde trabalhou numa filial portuguesa durante 4 anos. Depois disso, tornou-se trabalhadora independente e expandiu as suas vertentes de trabalho para diferentes áreas, nomeadamente, Tecnologias da Informação, diferentes áreas de intervenção técnica como marketing, saúde, audiovisual, artes e humanidades, colaborando com alguns clientes há cerca de 20 anos. É membro da American Translators Association (ATA) desde 2013. De acordo com a tradutora, nenhuma das associações portuguesas de tradução, como a APT ou a APTRAD, é suficientemente relevante para o seu trabalho, uma vez que a maioria dos seus clientes se encontra no mercado norte-americano. Fazer parte de uma associação norte-americana de tradução permite-lhe estar a par das tendências de mercado e permite-lhe também ter mais visibilidade nesse mercado de clientes. Esta associação proporciona várias iniciativas e atividades dinâmicas, tornando-se assim uma mais-valia para a aprendizagem contínua para os tradutores.

Dos seus serviços linguísticos fazem parte a tradução, localização, transcrição, revisão, edição, gestão e validação terminológica, controlo de qualidade, avaliação de testes e consultoria linguística. A sua ferramenta de tradução de excelência é o SDL Trados Studio, que para além da sua preferência, é também a requerida por alguns dos clientes que possui.

Susana Bernardo é colaboradora da organização não-governamental Akto – Direitos Humanos e Democracia, para a qual realiza trabalho voluntário, e lecionou a unidade curricular “Inglês Técnico de Gestão”, da Licenciatura em Gestão de Empresas, no Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Coimbra.

Atualmente, é doutoranda da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, no “Doutoramento em Línguas Modernas: Culturas, Literaturas, Tradução”.

Apesar de trabalhar como *freelancer*, Susana Bernardo dispõe do seu próprio escritório, *home office*, com acesso separado da sua casa particular, para que possa realizar a sua atividade

profissional. A tradutora mantém um horário um pouco flexível de trabalho para a sua melhor organização e gestão, ainda que admita trabalhar também fora do seu horário de trabalho, quando necessário. Uma das vantagens de trabalhar a título individual é a criação de horários e estratégias de organização que melhor se adequem ao indivíduo, em contraste com a organização e horário que seria imposto numa empresa para um conjunto de funcionários.

1.3. Descrição do estágio curricular

O estágio curricular decorreu no *home office* da tradutora Susana Bernardo, com sede em Assafarge, na Rua do Cineiro, nº 27. Teve início no dia 2 de setembro de 2019 e terminou a 29 de fevereiro de 2020, com uma duração aproximada de 300 horas. O horário no local de trabalho era das 10h até às 13h, 4 dias por semana, até ao mês de dezembro, inclusive, para poder frequentar os seminários relativos ao Mestrado, e 5 dias por semana nos meses de janeiro e fevereiro, com o mesmo horário, uma vez que as atividades letivas na Universidade terminaram no primeiro semestre, em dezembro.

No local de trabalho foi-me disponibilizado um posto de trabalho próprio com acesso à Internet, glossários, memórias de tradução e bases terminológicas. Do acervo da entidade de acolhimento fazem parte inúmeros dicionários monolíngues e bilingues técnicos e generalistas de diversas línguas (entre elas o português, inglês, alemão e francês), livros da especialidade, gramáticas e prontuários.

Na primeira semana de estágio foram definidas normas, horários e metodologias com a orientadora de estágio, assim como alguns objetivos gerais e específicos. A orientadora de estágio pediu-me também que produzisse dois documentos diferentes – um documento onde pudesse colocar *websites* e referências para um acesso mais fácil e rápido quando necessário para a realização de traduções, e um documento onde pudesse registar diariamente um pequeno resumo das atividades realizadas. Estes documentos foram produzidos na plataforma *Google Docs*, para que ambas as partes tivessem acesso a esta informação, sempre atualizada.

A primeira semana de estágio foi dedicada ao *onboarding*, com a disponibilização de alguns documentos para realizar uma introdução suave a esta nova etapa. O primeiro documento foi um “Plano de Estágio Curricular”, onde a orientadora me pediu que sumarisasse vários pontos sobre as minhas expectativas em relação ao estágio, assim como objetivos e intenções com

o mesmo. De seguida, em conjunto com orientadora, foi feita uma breve análise do documento *EMT Competence Framework 2017*², passando por cada um dos 5 pontos essenciais aos quais o documento se refere, que são: *Language and Culture, Translation, Technology, Personal and Interpersonal* e *Service Provision*. Este documento também já tinha sido disponibilizado e analisado na unidade curricular “Teoria da Tradução”, do Mestrado em Tradução, o que facilitou a leitura posterior do mesmo neste contexto.

Nesta primeira semana foi também analisado um *Standard Translation Workflow*, onde foi explicada brevemente cada uma das etapas da Tradução, desde a encomenda de tradução, passando pela tradução e edição em si e acabando na revisão e controlo de qualidade do texto de chegada. Ao mesmo tempo, foi também sendo feita referência ao livro *Scientific and Technical Translation Explained*, de Jody Byrne, mais especificamente ao capítulo 5.3.2 *Producing a translation brief*, onde o autor refere a encomenda de tradução e a sua importância. Jody Byrne apresenta um exemplo de formulário que pode ser apresentado ao cliente, de modo a responder eficazmente a todas as perguntas que o tradutor necessita de fazer para que possa realizar uma tradução adequada (Byrne, 2012, p. 137). No formulário estão perguntas como: qual o tipo de texto; qual a finalidade da tradução; quais as línguas de trabalho; etc.

Para finalizar esta primeira semana de adaptação, a tradutora apresentou-me um exercício de “caça ao erro”, exercício este que foi apresentado nas “VI Jornadas: A tradução na prática e a prática na tradução”. Respondi a três perguntas que foram colocadas antes de começar o exercício relativamente à definição do que é um erro, quais os vários tipos de erro e qual a classificação de gravidade de um erro. De seguida foram analisados os erros que detetei ao ler o texto em causa e foram apresentadas algumas das minhas propostas de correção. Este exercício foi bastante útil nos meses seguintes de estágio curricular, uma vez que me alertou para a revisão mais cuidada e precisa dos documentos traduzidos. Existem erros que considero menos graves que outros, como por exemplo erros menores relativos à ortografia (as denominadas gralhas), no entanto não devem ser ignorados ou menosprezados, nem devem estar presentes nas versões finais dos projetos de tradução.

Nas semanas seguintes, a orientadora e tradutora Susana Bernardo começou a enviar, via e-mail, os vários projetos de tradução que realizei durante os 6 meses de estágio. No início do estágio, os trabalhos de tradução realizados eram essencialmente trabalhos já realizados

² Este documento está disponível na página https://ec.europa.eu/info/resources-partners/european-masters-translation-emt/european-masters-translation-emt-explained_en

anteriormente pela tradutora. Estes trabalhos serviram como método de iniciação, de forma a adaptar-me ao novo ambiente de trabalho e também para que a orientadora de estágio pudesse perceber quais as minhas competências. No caso destes trabalhos, a orientadora enviava posteriormente a tradução final que tinha entregado ao cliente aquando a realização da tradução, e pedia-me que fizesse uma análise comparativa das duas versões, de modo a identificar as diferenças e semelhanças. Esta análise permitia não só captar e corrigir possíveis erros nas minhas traduções, como também ver como duas pessoas diferentes podem por vezes encontrar diferentes formas de expressar uma mesma coisa. Ainda que todas as traduções se tratassem de traduções técnicas, no caso daquelas em que não era entregue um guia de estilo, era possível existirem algumas diferenças, nomeadamente sintáticas, entre a minha tradução final e a tradução final disponibilizada pela orientadora.

Depois dos trabalhos iniciais, a orientadora de estágio começou a entregar-me alguns trabalhos para projetos nos quais se encontrava a trabalhar no momento. No caso destes trabalhos, depois de os finalizar, tinha de os enviar à orientadora de estágio, que realizava uma revisão extensa do meu trabalho, para que este pudesse ser finalizado, lido outra vez na totalidade por ambas, e finalmente enviado pela tradutora para as entidades que encomendaram a tradução.

No final da tradução de cada projeto, os documentos eram inseridos por mim no programa Xbench, um *software* de controlo de qualidade, para me assegurar de que os documentos estavam devidamente traduzidos. Este programa permite verificar os segmentos de projetos feitos com programas de auxílio à tradução, como por exemplo o SDL Studio Trados (que foi o programa usado em quase todos os projetos), de modo a identificar, por exemplo, diferenças de traduções em segmentos cujo texto de partida é o mesmo, diferenças numéricas no texto de partida e no texto de chegada, ausência de *tags*³ no segmento do texto de chegada, entre outros.

³ As *tags* contêm informações sobre a formação ou estrutura do texto de partida, como por exemplo a existência de texto em fonte ou cor diferente, existência de imagens, etc. Estes segmentos de texto não devem ser eliminados ou ignorados, mas sim mantidos e utilizados no texto de chegada, quando existem.

1.4. Atividades desenvolvidas

No decorrer do estágio existiu um contacto variado com diversas temáticas, nomeadamente com diferentes áreas de intervenção técnica, como informática, biomédica, marketing, cuidados de saúde, direitos humanos e automóvel.

Para cada um dos conteúdos abordados, realizei entre 3 a 4 trabalhos de tradução, começando por um trabalho de introdução simples e curto, entre 200 a 300 palavras, para abordar a nova temática, vocabulário e reunir referências para trabalhos posteriores na mesma área. Os dois trabalhos seguintes normalmente consistiam em traduções um pouco mais longas, com cerca de 1000 palavras e o último trabalho consistia em algo mais extenso, com cerca de 2000 a 2500 palavras, de forma a consolidar a temática.

Depois de cada um dos trabalhos ser atribuído, a tradutora Susana Bernardo encontrava-se sempre disponível para responder a quaisquer perguntas que pudessem surgir relativamente a, por exemplo, contexto do texto, os destinatários, a intenção e também perguntas técnicas relativas à tradução enquanto a realizava. No final de cada uma das traduções, a orientadora de estágio encontrava-se igualmente disponível para responder a perguntas finais para de seguida proceder à entrega do trabalho.

Na entrega, a orientadora de estágio revia o trabalho para que este me pudesse ser entregue com as devidas correções. Na entrega dos documentos, a orientadora reunia-se comigo para analisar, em conjunto, a tradução feita por mim e as alterações necessárias à tradução, assim como para esclarecer alguma escolha de tradução da minha parte ou para explicar a razão pela qual algo foi alterado pela orientadora.

Para além de todos os trabalhos de tradução realizados, tive também oportunidade de realizar um trabalho de revisão, juntamente com a tradutora Susana Bernardo, de um documento sobre cidadania e igualdade de género. O documento tinha aproximadamente 190 páginas e abordava vários tópicos dentro da temática principal, temas esses com linguagem bastante acessível, inclusiva e pouco técnica, uma vez que era um documento que se destinava a ser lido e compreendido pela população em geral. O facto de o documento estar escrito numa linguagem simples facilitou este processo e fez com que fosse possível para mim, sem qualquer conhecimento prático em revisão, ter uma experiência nesta área para adquirir mais conhecimentos. A intenção desta revisão era essencialmente detetar quaisquer erros ortográficos,

semânticos e sintáticos, assim como incoerências na formatação do documento (tipos, tamanhos e cores de letra, por exemplo).

Durante os 6 meses de estágio curricular foram feitos 33 trabalhos de tradução individuais, maioritariamente de inglês para português, mas alguns também de português para inglês. No gráfico seguinte é apresentada uma visão geral dos trabalhos desenvolvidos e das respetivas áreas.

Trabalhos de tradução

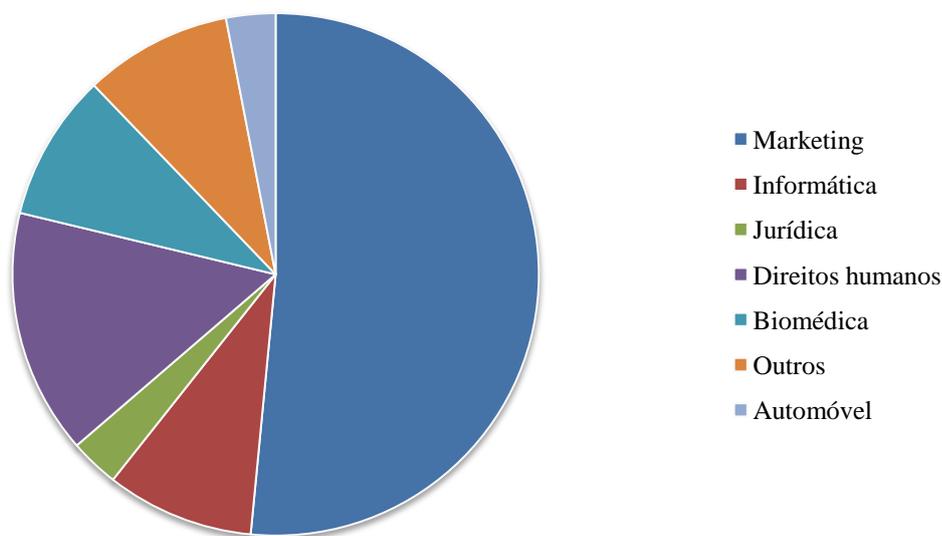


Gráfico 1: Trabalhos de tradução realizados no estágio curricular

A maioria dos trabalhos realizados foi na área do marketing, como é possível observar no gráfico. Estes projetos consistiram em traduções de cursos *e-learning*, de apresentações feitas no programa *Microsoft Power Point* e de pequenos textos para folhetos e panfletos. Na área dos direitos humanos, foram realizados trabalhos vários, entre eles a versão de língua inglesa de um *website* e a tradução de um documento sobre a juventude sem-abrigo para uma associação não-governamental sediada em Coimbra.

Na área informática, foram realizados dois projetos pequenos, um sobre algumas funcionalidades de uma impressora e outro sobre um curso ministrado por uma empresa de *software* de computadores, e, para finalizar, uma tradução de um manual de instruções da montagem de um computador.

Na área biomédica, foi realizado um projeto de tradução de um excerto de uma bula de um medicamento, de um formulário de consentimento para um tratamento num hospital e de um panfleto sobre a insuficiência cardíaca.

Na área jurídica, foi realizada apenas uma tradução de um pequeno curso sobre proteção de dados, uma vez que esta não faz parte das áreas de especialização da orientadora de estágio e não é uma área com a qual trabalha frequentemente.

A fração “Outros” inclui três trabalhos de áreas bastante diferentes, mas que não se inserem em nenhuma das outras: a tradução de um programa de um festival, a tradução de um manual e documentos adjacentes de um sistema de controlo de pragas e a tradução de um documento para uma empresa petrolífera. Os dois primeiros trabalhos desta categoria foram os mais longos e trabalhosos, com cerca de 30 a 40 páginas cada um.

Na área automóvel, foi realizada a tradução técnica de vários segmentos para manuais e *websites* de empresas da indústria automóvel.

1.5. Ferramentas de apoio à tradução

No início do primeiro ano do Mestrado em Tradução foi fornecida a cada aluno uma licença para o programa memoQ. Os alunos foram incentivados a trabalhar com esta ferramenta de tradução ao longo do ano, especialmente na unidade curricular “Informática Aplicada e Terminologia”, em que o programa era utilizado todas as aulas, mas também em todas as outras unidades curriculares de tradução, para os vários trabalhos pedidos pelos docentes, para que nos familiarizássemos com a ferramenta. No segundo ano foi-nos fornecida outra licença para que pudéssemos continuar a usar o programa em contexto académico. Para além do memoQ, tivemos também um breve contacto com o SDL Trados Studio. A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra dispõe de diversos computadores com este *software* instalado para que os alunos possam usufruir dele livremente.

No local de estágio, a ferramenta de tradução utilizada foi o SDL Trados Studio 2019 Freelancer. Este programa é utilizado por motivos de preferência pessoal da tradutora Susana Bernardo, mas também porque muitos dos seus clientes têm preferência por esta ferramenta.

A utilização de uma ferramenta de tradução permite que o tradutor construa memórias de tradução e glossários que o ajudam a realizar não só a tradução em que estão a trabalhar no momento, mas também traduções posteriores que partilhem as mesmas temáticas. Esta funcionalidade é útil na tradução de documentos técnicos extensos, onde o tradutor tem a possibilidade de ir construindo uma memória de tradução à medida que faz o seu trabalho, para que quando apareça um segmento igual a um anteriormente traduzido, este seja automaticamente traduzido ou sejam dadas sugestões de acordo com a compatibilidade do segmento, o que evita uma tradução inconsistente de uma mesma frase e permite ao tradutor ter mais tempo para se concentrar noutros pormenores do trabalho.

No começo do estágio curricular, utilizava apenas o Word para realizar as traduções: os documentos eram entregues em formato de tabela, isto é, colocados numa tabela com duas colunas, onde uma delas servia para o texto de partida e a outra para o texto de chegada, facilitando assim a revisão posterior da orientadora de estágio. Mais tarde, para além de ter adquirido por iniciativa própria uma licença do SDL Trados Studio 2019 para que pudesse experimentar e trabalhar com esta ferramenta livremente, a orientadora de estágio forneceu-me também uma licença do mesmo *software*. Apesar de ainda me encontrar em formação, penso que a aquisição de uma licença desta ferramenta foi uma mais-valia para o meu trabalho no estágio e especialmente para a minha formação individual, uma vez que posso explorar a ferramenta ao meu ritmo e fazer uso dos diversos webinários que a SDL disponibiliza aos seus utilizadores. A mudança do memoQ para o SDL Trados Studio foi simples e rápida, consegui adaptar-me ao programa e às diferentes funcionalidades com facilidade e neste momento consigo trabalhar mais eficientemente com o SDL Trados Studio.

Para além dos programas de tradução propriamente ditos, tive também contacto com o Xbench, uma ferramenta de controlo de qualidade e verificação de inconsistências. Esta ferramenta foi-me apresentada e aconselhada durante o estágio curricular e foi utilizada para a maioria dos projetos realizados. Este programa deteta as várias inconsistências ao longo de uma tradução e apresenta os erros com as respetivas descrições. É possível detetar inconsistências no texto de partida (quando é feita a mesma tradução em vários segmentos cujo texto de partida é igual), inconsistências no texto de chegada (quando existe uma tradução diferente para vários segmentos cujo texto de partida é o mesmo), inconsistências numéricas, inconsistências nas *tags*, inconsistências em duplos espaçamentos e palavras repetidas. Estas ferramentas são úteis para qualquer tipo de projeto, especialmente para projetos de maior escala, onde é mais difícil detetar

erros e incoerências ao fazer a revisão. Uma vez que o programa deteta também inconsistências no texto de chegada, é bastante útil para projetos com várias repetições, onde vários segmentos apresentam o mesmo conteúdo. Desta forma, torna-se mais fácil manter a consistência ao longo de todo o texto e evitar incoerências sintáticas e semânticas.

Como foi referido anteriormente, estas ferramentas permitem a construção e uso de memórias de tradução. Para muitos dos projetos realizados neste estágio, nomeadamente as traduções da área do marketing, o próprio cliente já possuía as suas memórias de tradução e glossários, que partilhava com a tradutora ao enviar um projeto. Num caso concreto, um dos clientes possui estas memórias de tradução e glossários porque trabalha com diversos tradutores e, para manter a consistência terminológica, sintática, semântica e gramatical em todos os seus documentos, é necessário que exista esta base de dados partilhada entre todos os envolvidos. Estas memórias de tradução e glossários são atualizados frequentemente para que os tradutores envolvidos estejam sempre a par das mais recentes alterações ou atualizações. No caso de um outro cliente, este possui, além de um extenso glossário, um guia de estilo próprio e instruções que devem ser seguidas na realização de traduções. Neste guia estão presentes exemplos de estilo, gramática, formatação, conversões, notas e todo o tipo de informações adicionais que possam ser relevantes na tradução dos textos.

1.6. Exemplos de projetos realizados durante o estágio

Ainda que este Relatório de Estágio se centre num projeto de tradução específico, é importante também referir outros projetos realizados fora da área informática. Como é possível observar no Gráfico 1, a grande maioria dos trabalhos realizados encontra-se em outras áreas como o *marketing*, direitos humanos e tradução técnica. Ao apresentar um pouco de outros trabalhos realizados durante o estágio é possível explorar um pouco mais os problemas de tradução com os quais me deparei.

Exemplo 1:

Projeto: Tradução de um conjunto de características de uma impressora

Área: Informática

Este foi um dos primeiros projetos realizados no âmbito do estágio curricular e, ainda que aparentasse ser um projeto curto e aparentemente simples, apresentou alguns desafios na tradução. Na entrega deste projeto foram também entregues documentos adjacentes, nomeadamente uma base terminológica, instruções de tradução e um guia de estilo.

O extenso glossário fornecido pelo cliente, com terminologia específica da área informática, é bastante útil e deve ser seguido rigorosamente, assim como as outras instruções fornecidas. A existência desta base terminológica fez com que sentisse a necessidade de verificar constantemente todos os termos para me certificar que a terminologia estava a ser usada de acordo com os critérios da empresa, ainda que a terminologia da área informática me parecesse familiar e natural. Esta insegurança fez com que demorasse um pouco mais de tempo na tradução integral do documento, mas ajudou-me bastante a familiarizar-me mais com bases terminológicas.

Neste caso particular, escolhi um excerto com um pormenor importante que, apesar de não se ter tornado um problema na tradução, não deixou de ser relevante para futuras traduções na mesma área. A primeira palavra do título encontra-se sublinhada e numa cor diferente. Esta diferença deve-se à utilização da primeira letra como um atalho, os chamados *shortcuts* ou *hot keys*. É importante que a letra escolhida na tradução para o atalho não seja uma letra acentuada, por exemplo, uma vez que os utilizadores podem não ter acesso a esse tipo de caracteres e, consequentemente, podem não conseguir utilizar o atalho.

Em relação à generalidade da tradução, depois de uma análise comparativa entre a minha proposta de tradução e a tradução final fornecida pela orientadora de estágio, concluímos que, com exceção de pequenas alterações sintáticas, os documentos encontravam-se bastante semelhantes. As diferenças encontradas deviam-se ao facto de esta tradução ter sido encomendada originalmente para português do Brasil, o que faz com que existam diferenças nomeadamente na utilização de algumas formas verbais.

Texto de partida

Printer Driver Overview

A printer or fax driver is a software program that enables documents created with

Texto de chegada

Vista Geral do Controlador da Impressora

O controlador da impressora ou fax é um programa de *software* que permite que os

| | |
|---|---|
| specialized software applications (word processing, spreadsheets, graphics) to be compatible with a specific printer or fax device. | documentos criados com aplicações de <i>software</i> especializadas (processamento de texto, folhas de cálculo, gráficos) sejam compatíveis com um dispositivo de impressão ou fax específicos. |
|---|---|

Exemplo 2:**Projeto:** Tradução de um documento informativo para trabalhadores numa indústria petrolífera**Área:** Técnica

Este projeto apresenta bastante nomenclatura de sinalização de segurança. Ainda que o texto não fosse acompanhado pelas imagens de sinalização, que normalmente estão presentes nos locais de trabalho, o texto é sempre semelhante ou igual ao texto que acompanha ou descreve este tipo de sinalização. Uma vez que, em português, esta nomenclatura está definida pela ACT (Autoridade para as Condições de Trabalho), é necessário segui-la sempre que necessário na tradução.

Outro aspeto importante desta tradução é a existência de siglas no texto de partida que remetem para termos em inglês. Numa primeira abordagem, optei por tentar traduzir a sigla (neste caso JSA), no entanto, na revisão final com a orientadora de estágio, chegámos à conclusão de que estas siglas deveriam ser mantidas em inglês. O público-alvo deste documento informativo, ainda que de nacionalidade portuguesa, encontra-se num país estrangeiro de língua inglesa e, portanto, é mais natural que encontrem estes formulários e as respetivas siglas tal como estão neste documento, pelo que é preferível manter as siglas em inglês para uma melhor e mais direta compreensão.

Texto de partida

If any inconsistencies are found, make changes to the JSA worksheet with your supervisor. Every step in a job will have some hazards, and they should be included on the JSA

Texto de chegada

Se forem encontradas quaisquer inconsistências, faça alterações à JSA Worksheet com o seu supervisor. Todas as etapas de um trabalho terão alguns perigos e

| | |
|---|--|
| <p>worksheet. Hazards are any <i>thing</i> or <i>physical situation</i> that could cause people, the environment, or equipment harm. Hazards can include bad weather, insufficient light, loud noises, inexperienced crew members, dropped objects, equipment failure, human error, communication breakdown, overloading equipment, improper tool usage, poor housekeeping, faulty hoses, inattentive crew members, pinch points, falling, chemical exposure, open flames, toxic air, and <u>many</u> more...</p> | <p>eles devem ser incluídos na JSA Worksheet. Os perigos são qualquer <i>coisa</i> ou <i>situação física</i> que possa provocar danos a pessoas, ao ambiente ou a equipamento. Os perigos podem incluir mau tempo, luz insuficiente, barulho, membros da tripulação inexperientes, queda de objetos, falha de equipamento, erro humano, falha de comunicação, sobrecarga do equipamento, uso incorrecto de ferramentas, má organização de limpeza e arrumação, tubos defeituosos, membros da tripulação desatentos, perigo de entalamento, quedas, exposição química, chamas nuas, ar tóxico e <u>muitos</u> outros...</p> |
|---|--|

Exemplo 3:

Projeto: Tradução de um documento informativo sobre a juventude sem-abrigo na Europa

Área: Direitos humanos

Este projeto mostrou ser, desde o início, um desafio devido à sua dimensão (cerca de 30 páginas). Este foi um dos projetos mais longos realizados, tanto em contexto de estágio como em contexto de sala de aula durante o Mestrado em Tradução. No entanto, apesar de ser longo, o projeto apresentou linguagem bastante acessível e repetitiva, o que acelerou a sua execução.

Para além da dimensão, o outro grande desafio foi a leitura, compreensão e interpretação do texto de partida. Ainda que a temática fosse recente e o texto apresentasse uma linguagem simples, o texto de partida, em inglês, tinha sido anteriormente traduzido de esloveno para inglês. Nessa primeira tradução, alguma informação do texto original foi perdida (existência de várias frases incompletas) ou traduzida de forma ambígua (sintaxe e semântica incorretas ou confusas). Esta situação fez com que algumas partes da tradução não fossem tão intuitivas e requeressem mais atenção. Neste exemplo em particular, é possível ver que a cidade “Liubiana” não está corretamente escrita em inglês (deveria ser Ljubljana); curiosamente, “Lubiana” também não é a designação dada à capital em esloveno (deveria ser *Ljubljana*). Esta gralha e

outros aspetos levantaram a questão, entre mim e a orientadora de estágio, de como terá sido feita a tradução do texto de esloveno para inglês (possivelmente através de ferramentas de tradução automática).

Texto de partida

In Lubiana the most common form of youth homelessness is insecure, inadequate and day homelessness. We pointed out the problematic of addictions, connected to complicated family situations, violence, poverty and the lack of housing solutions suitable for young people.

Texto de chegada

Em Liubliana, a juventude em situação de sem-abrigo está, na sua maioria, em habitações precárias, inadequadas e em situação de sem-abrigo diurna. Aqui salientámos o problema das dependências, que estão relacionadas com as situações familiares complicadas, violência, pobreza e a falta de situações de alojamento adequadas para a juventude

Exemplo 4:

Projeto: Tradução de um programa para um festival

Área: Música

Este projeto foi o mais desafiante em todo o estágio curricular. Tratou-se de um projeto extenso e bastante técnico em algumas partes, com alguma terminologia técnica de música clássica e bastantes nomes de instrumentos. Para além disso, foi uma tradução de português, a minha língua materna, para inglês, a minha língua estrangeira. É mais natural e comum que se traduza da língua estrangeira para a língua materna, mas por vezes acontece o contrário. Estas traduções requerem mais cuidado e atenção por parte do tradutor, por um lado porque o texto de chegada tem de soar naturalmente, como se fosse escrito por alguém cuja língua materna é, neste caso, o inglês; por outro lado, porque como é algo menos comum, é natural que possam ocorrer mais falhas.

Ainda que os nomes de compositores se mantivessem, assim como os nomes das suas peças, foi necessário verificar os títulos de todas as peças apresentadas no programa para que não existissem falhas, tanto nas suas designações, como na catalogação de, por exemplo, sonatas. Devido à formatação do texto (projetada para ser um programa impresso), quando inserido no

SDL Studio Trados, alguma da informação ficou pouco clara (junção de horas com números associados à catalogação das peças), portanto foi importante fazer uma verificação extensiva de todos os títulos. No final deste programa, encontravam-se várias biografias de todos os artistas que iriam atuar neste festival. Estas biografias também revelaram ser um grande desafio – trata-se de textos muito curtos, mas que contêm muita informação, que no texto de partida se encontrava muitas vezes descrita de forma confusa, com utilização de inúmeras datas, nomes e locais numa só biografia e com frases demasiado extensas. Na tradução destas biografias, o objetivo foi essencialmente captar a informação principal e mais importante, distanciar-me um pouco da estrutura do texto de partida para que este parecesse natural depois da tradução.

Tal como é possível ver neste exemplo, optei por não colocar todos os anos numericamente, mas sim utilizando expressões como “two years after”, para facilitar a leitura e não a tornar demasiado repetitiva com a estrutura “in 2004”, “in 2006”, “in 2011”, etc.

Texto de partida

Em 2004 ingressou na escola de música XXX, onde teve aulas de piano com XXX, XXX, e XXX.

Em 2006 iniciou os estudos de Órgão com XXX no Instituto XXX.

Em 2011 frequentou a licenciatura em Órgão na XXX, sob a orientação de XXX.

Texto de chegada

In 2004, he joined the music XXX, where he attended piano lessons XXX, XXX and XXX.

Two years later, he started studying Organ with XXX at XXX.

In 2011, he entered an Organ Degree at XXX, under the guidance of XXX.

1.7. Considerações finais sobre o estágio

A escolha da realização de um estágio curricular foi, em suma, bastante satisfatória. Durante o estágio tive a oportunidade de manter contacto direto com o mundo profissional, que era um dos meus principais objetivos. Considero que foi uma mais-valia para o meu futuro, já que adquiri bastantes conhecimentos que virão a ser extremamente úteis.

Para começar, a minha integração foi bastante fácil e fui muito bem recebida pela entidade de acolhimento. A tradutora Susana Bernardo disponibilizou todos os recursos necessários para que a minha experiência fosse bastante enriquecedora, todas as minhas dúvidas e problemas foram respondidos e resolvidos com rapidez e eficácia, e o *feedback* dado foi sempre bastante positivo e útil para os projetos seguintes.

O conhecimento e experiência da tradutora com as ferramentas CAT foi também um aspeto muito positivo neste estágio, uma vez que tive não só acesso a estes programas, mas também explicações e esclarecimentos bastante úteis sobre o funcionamento dos mesmos, o que levou a que hoje consiga, com facilidade, trabalhar com estas ferramentas e usufruir de várias funcionalidades para as quais não estava apta anteriormente.

O outro aspeto positivo foi a possibilidade de ter contacto com as várias informações que um cliente transmite ao tradutor. A importância destes fatores já tinha sido explorada em várias unidades curriculares no primeiro ano do Mestrado em Tradução, mas com o estágio curricular compreendi verdadeiramente o significado destas informações. Quanto mais informação o tradutor possuir sobre um texto, mais facilmente realizará a sua tradução. Por vezes, não saber para quem se destina o texto de chegada, que poderá ter destinatários diferentes do texto de partida, pode dificultar muito o processo de tradução, e isso é algo com que o tradutor se depara por vezes no mundo profissional. Este conhecimento foi bastante importante para mim e preparou-me um pouco para o que me poderá esperar no mercado de trabalho.

O facto de ter tido contacto com variadas áreas foi também um aspeto extremamente importante. Ainda que mais tardiamente no estágio, e mesmo que não tenha sido em grande quantidade, tive um contacto bastante profundo com a área automóvel, uma vez que se tratava da área de especialidade da tradutora. Foi nesta área que realizei as traduções mais técnicas e especializadas e que tive acesso a um grande número de glossários e memórias de tradução. Esta experiência fez com que realizasse muita pesquisa autónoma sobre a área automóvel, desde a parte mecânica até à comercialização, e que, conseqüentemente, adquirisse bastante vocabulário técnico da área.

Um aspeto importante de referir é a minha escolha de realizar um estágio com uma tradutora *freelancer*, em contraste com a realização de estágios em grandes empresas como a grande parte dos meus colegas que optou pela mesma modalidade de estágio. Quero apenas referir que, apesar de não ter tido a experiência de trabalhar com uma equipa num contexto de

grande empresa, não penso que isso tenha alterado em nada a minha experiência. Sinto que tive todo o apoio e ajuda necessários, talvez até mais do que teria se estivesse noutra contexto, uma vez que a proximidade com a orientadora no estágio permitiu um contato mais direto e um fluxo de trabalho constante.

Capítulo II

2. Enquadramento teórico

2.1. Breve introdução

Para falar sobre a tradução, é indispensável abordar a Teoria da Tradução devido ao processo de aquisição de conhecimentos necessários para exercer a atividade. Note-se que a importância dada a esta temática começa desde cedo, quando o próprio programa curricular do Mestrado apresenta uma unidade curricular intitulada “Teoria da Tradução”. Para além disso, também durante o estágio curricular foram feitas várias referências à importância da componente teórica e da sua utilização prática no mundo de trabalho

Ainda que, num contexto real de trabalho, o tradutor não pense concretamente numa determinada teoria e em quais são os seus princípios, é inevitável que não teorize durante a execução de um trabalho de tradução (Pym, 2014, p. 1). A simples escolha de um termo em detrimento de outro para uma tradução implica uma escolha feita pelo tradutor tendo em consideração o seu estudo anterior da temática da tradução, ainda que essa escolha não seja totalmente consciente. A escolha é feita, por norma, de uma forma tão rápida e intuitiva (algo que é adquirido com a experiência) que o tradutor pode não associar diretamente estas escolhas como algo relacionado com a teorização da tradução. A utilização do termo “encomenda de tradução”, por exemplo, implica um conhecimento do conceito, que foi primeiramente introduzido no enquadramento da teoria de *skopos*, mais tarde referido e enquadrado no modelo de análise de texto de Christiane Nord e, por fim, referido mais recentemente por Jody Byrne, que apresenta um exemplo de como deve ser apresentada a encomenda de tradução.

Muitas vezes, o tradutor só se torna consciente da utilização da teoria quando é necessário explicar e justificar as suas escolhas no seu projeto de tradução, seja, primeiramente, a um professor (durante o seu processo de formação) ou a um cliente (quando já está a exercer a sua função) (Pym, 2014, p. 1).

No entanto, e considerando que o objetivo deste Relatório é refletir sobre as condicionantes do texto de partida que influenciam o texto de chegada, é importante refletir um pouco sobre a teoria e referir o trabalho de alguns teóricos.

Ao longo do primeiro ano do Mestrado em Tradução, em todas as unidades curriculares, foi sendo deixada clara a existência de vários tipos de tradução, como por exemplo tradução literária, tradução técnica (que será analisada detalhadamente neste capítulo) e tradução audiovisual. Os dois primeiros referidos são os mais comuns e reconhecidos como tipos de tradução. No entanto, e uma vez que faz parte do programa curricular do próprio Mestrado em Tradução uma unidade curricular dedicada à Introdução à Interpretação, e que são feitas regularmente oficinas de legendagem na própria Universidade, é importante não esquecer estas vertentes. Ainda que a tradução audiovisual tenha sido, desde o início dos Estudos de Tradução, relativamente pouco estudada e algo descurada, na minha opinião é essencial que seja analisada e desconstruída atualmente, devido às suas diferenças relativamente a outros tipos de tradução, aos avanços tecnológicos e até mesmo aos desenvolvimentos nos próprios estudos da área da tradução.

Cada um destes formatos está associado às suas próprias formas de veiculação; Vejamos os dois últimos: a legendagem, por exemplo, é uma vertente da tradução que é produzida para um grande público, o que significa que a variedade lexical poderá ser menor para que o texto possa ser melhor compreendido pelo público em geral. Para além disso, também a expansão do texto é bastante diminuta, uma vez que o número de caracteres por linha é definido em função da velocidade de leitura de um texto por um espectador para que este seja capaz de assimilar a informação apresentada, e também em função do tamanho do ecrã no qual o material audiovisual em questão é exibido⁴. A interpretação, por sua vez, é também uma vertente da tradução que requer competências específicas e um pouco diferentes, uma vez que o intérprete (nome dado ao tradutor que executa a interpretação) seleciona e escolhe a informação que transmite com base na informação que lhe é dada, que muda consoante algumas variáveis, como por exemplo o contexto no qual a interpretação é feita.

Esses formatos transpõem-se na tradução dos textos para as línguas de chegada e têm normalmente um propósito e um formato diferente que também requer conhecimentos e formação diferentes. No entanto, uma vez que não são os objetos de estudo neste Relatório, não irei aprofundar esta temática.

No contexto deste Relatório e do respetivo estágio curricular, o foco será a tradução técnica. Portanto, de seguida, pretendo refletir sobre as definições de alguns autores para

⁴ Informação retirada da página da Associação Portuguesa de Tradutores Audiovisuais, disponível na página <https://atav.pt/legendagem/>

determinados tipos de tradução, de modo a poder compreender em que medida estas definições são semelhantes ou, em alguns casos, contrárias.

2.1. Tradução técnica

John Edwin Holmstrom⁵ teve um enorme contributo na consciencialização da questão da necessidade de especialização dos tradutores. Em 1954, publicou o artigo *The Translation Machine* na revista *Courier*, onde conclui que “the translator must be himself a scientist as well as acquainted with the language he is translating from, and competent as an author in the language he is translating into.” (Holmstrom, 1954, p. 22), apelando a uma mudança no paradigma da tradução. A necessidade de tradutores especializados foi crescendo à medida que as novas tecnologias também cresceram, falando-se cada vez mais na necessidade de um acesso a documentos escritos em várias línguas, necessitando portanto da tradução para que isso seja possível.

Durante todo o seu percurso na UNESCO, Holmstrom trabalhou arduamente para que este tipo de organizações mundiais se juntasse e fizesse dicionários especializados para auxiliar os tradutores nesta tarefa. Anteriormente, em 1950, Holmstrom já tinha proposto oficialmente à UNESCO que esta patrocinasse a produção destes dicionários, no documento *Proposals for UNESCO to sponsor the production of special dictionaries*, para línguas e áreas economicamente relevantes, mas cujo retorno não era suficiente para justificar a edição e impressão de dicionários específicos (Holmstrom, 1950).

Esta necessidade tem origem na elevada quantidade de temas e matérias com as quais um tradutor tem contacto ao exercer a sua função. Se pensarmos bem, a tradução permite (e implica) a proximidade do tradutor com diversas ciências, dependendo do conteúdo do texto que está a traduzir. Ainda que o tradutor se especialize numa determinada área ao longo da sua carreira, existe uma grande probabilidade de ter contacto com um documento cuja temática está fora da sua zona de conforto. Por isso, é necessário que o tradutor seja também um investigador e um cientista. Através dessa investigação, o tradutor assegura a coerência terminológica no seu trabalho e, indiretamente, expande o seu conhecimento sobre uma determinada temática.

⁵ John Edwin Holmstrom, tradutor e engenheiro, trabalhou para a UNESCO entre 1949 e 1958. Publicou vários artigos referentes à tradução técnica, terminologia científica e à necessidade da existência de bases terminológicas técnicas.

Utilizar a terminologia corretamente é essencial, especialmente quando um conceito pode estar associado a diversos termos, ou quando vários conceitos culminam em palavras sinónimas, dependendo do contexto. As variações semânticas num documento dependem da área de estudo em questão, do objetivo do documento final e do âmbito no qual o documento está a ser traduzido. É através destes três fatores que o tradutor consegue identificar, para cada tipo de texto, vários métodos e estratégias que pode depois utilizar consistentemente no auxílio da tradução (Gambier, 2010, p. 412). Devido à sua importância, a dimensão da tipologia textual mencionada vai ser abordada posteriormente, na próxima secção. Antes disso, é importante abordar brevemente a história do começo dos Estudos de Tradução, uma vez que a necessidade da divisão dos vários tipos de texto começou com a própria necessidade da separação, e posterior categorização, de diversas teorias que pudessem descrever corretamente os fenómenos de tradução diferentes.

Em 1972, James S. Holmes introduziu, na sua comunicação “The Name and Nature of Translation Studies”, a primeira classificação para os vários tipos de texto. Esta comunicação é considerada por muitos a base fundadora dos Estudos de Tradução. Segundo Holmes, existiam duas grandes áreas “puras” dos estudos de tradução, os “*descriptive translation studies*” ou “*translation description*” e os “*theoretical translation studies*” ou “*translation theory*”; e uma área “aplicada” que envolve as aplicações práticas da tradução. Segundo o autor, os estudos de tradução, e estas duas primeiras áreas especificamente, permitiriam descrever os fenómenos da tradução e também estabelecer normas e princípios que explicassem esses fenómenos (Holmes, 1975, p. 71), e deveriam ser, através destes, desenvolvidos modelos que explicassem os processos de tradução. Segundo Holmes, até então as várias teorias e hipóteses eram demasiado específicas ou demasiado gerais, lidando apenas com alguns dos aspetos da tradução e do que deveria ser a teoria da tradução na sua totalidade (Holmes, 1975, p. 74), mas seriam as várias teorias parciais, nomeadamente seis delas a que o autor faz referência, que depois de um conhecimento aprofundado levariam a uma teoria geral dos estudos de tradução. O objetivo principal de Holmes era que se chegasse a conclusões suficientes para criar uma teoria geral da tradução que permitisse incluir e acomodar todos estes elementos de modo a poder explicar e prever todos os fenómenos relativos à tradução (Holmes, 1975, p. 73)

As seis teorias de tradução parciais – restritas ao meio, restritas à área, restritas à categoria, restritas ao tipo de texto, restritas ao tempo e restritas ao problema – agrupam as várias teorias da tradução existentes até então, que Holmes considerava dignas de serem designadas como mais do que meras hipóteses, uma vez que grande parte dos avanços nestes estudos eram

feitos através e devido a elas. Contudo, Holmes admite também a existência de situações nas quais estas teorias com restrições diferentes se podem interligar, como por exemplo na presença de textos ocidentais literários, onde teorias parciais restritas ao meio e restritas ao tipo de texto se podem cruzar (Holmes, 1975, p. 76).

Esta divisão foi mais tarde lembrada e retomada por Gideon Toury que, em 1995, esquematiza as várias divisões feitas por Holmes, criando assim o que fica conhecido como mapa de Holmes/Toury (ver Anexo I). O autor refere que, durante vários anos, o trabalho de Holmes não foi muito difundido e estudado dentro da comunidade de tradução, no entanto, a sua divisão e clarificação das várias áreas dos estudos de tradução merece todo o mérito, uma vez que se tornou um trabalho pioneiro nos Estudos de Tradução (Toury G. , 1991, p. 76).

O principal problema do trabalho de Holmes, problema a que o próprio refere, é o facto de que as três áreas principais (as duas áreas “puras” e a área “aplicada”) se interligarem e influenciarem mutuamente, nunca sendo ramos totalmente independentes. A relação entre elas não é unidirecional, mas sim dialética, uma vez que cada uma das áreas apoia as outras duas (Holmes, 1975, p. 78). Para além disso, é necessário ter também em consideração o facto de esta divisão ter sido feita primeiramente em 1972, o que torna natural a necessidade da modificação do mapa ao longo do tempo, uma vez que também os Estudos de Tradução evoluíram bastante.

São vários os autores que mais tarde remetem para o mapa de Holmes/Toury e tentam fazer alterações, adaptações ou expansões tendo em consideração as áreas que desejam realçar. Estas alterações são a prova de que a divisão de Holmes, ainda que simples, foi essencial, uma vez que abriu uma vasta gama de possibilidades para as classificações de textos e demonstrar o potencial dos estudos de tradução (Munday, 2016, p. 20). O mapa é bastante flexível e permite a adição de, por exemplo, fatores tecnológicos com os quais temos contacto nos dias de hoje e permite também que seja feita uma descrição mais detalhada das várias áreas já referidas por Holmes, de modo a completar o mapa.

Um dos autores que fez alterações ao mapa de Holmes/Toury é Jeremy Munday que, nas várias edições do seu livro *Introducing Translation Studies*, expande e altera a sua própria interpretação da área aplicada (ver Anexo I). Esta expansão tem como principal objetivo incorporar a utilização de ferramentas CAT e da tradução automática, elementos que são essenciais na atualidade devido à crescente utilização das novas tecnologias no auxílio da profissão do tradutor (Munday, 2016, p. 20).

Remetendo novamente para a divisão de James Holmes, a categoria com mais relevância, no contexto deste Relatório, é a das teorias parciais restritas ao tipo de texto. O autor inclui aqui as problemáticas relativas aos textos literários e aos textos científicos, e refere os esforços feitos para a criação de teorias específicas para a tradução de tipos de texto particulares, como os dois referidos, uma vez que até então não existia nenhuma teoria formal relativa aos tipos de texto, e os estudos que existiam eram contraditórias e inconsistentes (Holmes, 1975, p. 75)

No contexto deste relatório de estágio é pertinente identificar e analisar os vários tipos de tradução e, conseqüentemente, tipos de texto, para que seja possível distingui-los entre si. Através da identificação das características comuns dos vários textos é possível agrupá-los e designá-los adequadamente, o que permite criar estratégias de tradução de acordo com cada tipo de texto. Posteriormente, passa a ser possível identificar corretamente o texto que está em mãos, assim como também passa a ser mais fácil para o tradutor identificar os problemas e as dificuldades de tradução que surgem, uma vez que são comuns nos vários textos do mesmo tipo.

Por uma questão de pertinência, irei mencionar autores cujos estudos foram feitos posteriormente à comunicação de James Holmes. Ainda que existam autores anteriores que tenham feito distinções entre alguns tipos de tradução (como Friedrich Schleiermacher, em 1813), não pretendo abordá-los em detalhe, uma vez que, na sua grande maioria, não são relevantes no contexto da tradução técnica, embora sejam essenciais para outras áreas, como por exemplo a tradução literária.

Vejam os exemplos de Schleiermacher; o autor distingue dois tipos de trabalho de tradução, o do intérprete (*Dolmetscher*), que realiza a tradução de textos do domínio comercial, e o do tradutor (*Übersetzer*), que realiza a tradução de textos do domínio científico e artístico. Para o autor, na tradução de textos do domínio comercial seria suficiente ter um conhecimento razoável dos dois idiomas envolvidos, uma vez que se trata de um processo mecânico. A diferença entre os tipos de texto é tão grande que existem duas designações para o tradutor, acentuando a diferença entre elas; para reforçar isso, Schleiermacher refere até várias vezes que o trabalho do intérprete é inferior ao trabalho do tradutor (Schleiermacher, 1813/2007, pp. 236-237).

Ainda que o trabalho de Schleiermacher tenha sido, inegavelmente, importante para os Estudos de Tradução, é necessário observar a sua perspectiva tendo sempre em consideração o contexto e as suas motivações. Para si, um dos objetivos da tradução era disseminar a língua alemã e valorizar a sua cultura através dessa mesma disseminação (Schleiermacher, 1813/2007,

p. 263). Neste contexto, a tradução não tem um propósito, é apenas algo utilizado para alcançar um fim específico, determinado pela motivação do autor. A divisão dos tipos de tradução feita pelo autor não tem como objetivo aprofundar ou desenvolver teorias sobre a tradução. Na minha opinião, devido às caracterizações destes tipos de tradução, é possível associar a tradução técnica com a tradução de textos do domínio comercial mas, uma vez que, segundo o autor, o tradutor deste tipo de textos é inferior ao tradutor de textos de cariz artístico e científico (Schleiermacher, 1813/2007, p. 236), e o objetivo principal da sua comunicação não é fazer distinções entre os dois tipos, não é tão relevante para o contexto deste Relatório. Desta forma, e uma vez que existem vários autores contemporâneos dedicados especificamente à categorização e distinção do que são os tipos de tradução, e mencionam especificamente a categoria da tradução técnica, irei mencionar esses e as respetivas categorizações.

Peter Newmark, no seu livro *A Textbook of Translation*, afirma que a tradução técnica é uma das categorias da tradução especializada. Para o autor, documentos como manuais de instruções, comunicações e publicidade são associados à tradução técnica, enquanto áreas como a política, finanças e comércio são específicas da tradução especializada. De acordo com o autor, o principal elemento que distingue a tradução técnica dos outros tipos de tradução é a utilização de terminologia específica, assim como a utilização de linguagem maioritariamente conotativa (Newmark, 1988, p. 151).

Para além destas distinções, em 2004, Newmark reflete sobre a tradução não literária, onde refere a tradução especializada e afirma “I would define specialized translation, the topic of this journal, as the most technical form of non-literary translation (...)” (Newmark, 2004, p. 12), excluindo assim a tradução literária do ramo da tradução especializada e colocando-a num ramo paralelo.

Mais recentemente, Klaus Schubert faz também uma breve caracterização da tradução especializada e da tradução técnica. A tradução técnica foca-se, tal como o nome indica, nos domínios técnicos, tais como a engenharia, a tecnologia e outros domínios especializados; uma vez que o termo “técnico” é ambíguo, o autor foca a sua definição do tipo de tradução no sentido estrito da palavra, englobando apenas domínios bastante específicos. Por outro lado, o termo “especializada” é utilizado aqui no sentido lato da palavra, sendo utilizado para descrever este tipo de tradução como algo mais abrangente (Schubert, 2010, p. 350).

Para além da distinção entre estes dois tipos de tradução, o autor analisa o ato comunicativo em si e desconstrói-o em quatro áreas diferentes: o conteúdo técnico, a forma

linguística, o meio técnico e os processos de trabalho. É relevante analisar algumas das afirmações do autor relativamente a cada uma destas quatro áreas, uma vez que é possível relacioná-las especificamente com o projeto escolhido para este Relatório.

Vejamos a primeira área, o conteúdo técnico. O autor afirma que a tradução técnica está relacionada com uma grande variedade de documentos, sobretudo documentos descritivos e explicativos, que se focam no produto representado, e que não são normalmente produzidos para ser lidos na íntegra, mas sim para serem utilizados como uma referência (Schubert, 2010, p. 351). Esta descrição adequa-se a manuais de instruções, tal como o próprio autor menciona como exemplo, uma vez que se trata de um documento que fornece informação útil sobre a instalação e utilização de um determinado produto. É interessante mencionar que o autor refere os documentos relacionados com sistemas informáticos como um dos seus exemplos, e refere especificamente a necessidade frequente da adaptação deste tipo de textos. Esta temática vai ser abordada no próximo capítulo mais detalhadamente.

De seguida, relativamente à forma linguística, o autor afirma que a tradução deste tipo de textos necessita da utilização de formações semânticas e sintáticas específicas, como por exemplo a utilização recorrente de terminologia que não é habitualmente utilizada fora deste contexto e a utilização de formas verbais específicas (Schubert, 2010, p. 352). Estes dois exemplos são bastante visíveis em manuais de instruções; a terminologia relacionada com o produto (designação de peças de um dispositivo, por exemplo) é normalmente repetida ao longo de todo o manual e as frases são construídas utilizando, preferencialmente, a forma imperativa e/ou a forma infinitiva.

Relativamente ao meio técnico, Schubert afirma que os textos técnicos apresentam, por vezes, ilustrações e *designs* que necessitam de ser ajustados e traduzidos (Schubert, 2010, p. 352). No caso dos manuais de instruções, mais especificamente de manuais de instruções relativos a *software* ou *hardware*, é necessário ter em atenção a ocorrência de, por exemplo, caixas de texto, que restringem o espaço disponível para a tradução. O número de palavras por frase, e até mesmo o número de caracteres por palavra, pode variar bastante entre duas línguas. Vejamos da língua portuguesa e da língua inglesa: a palavra *laptop*, por exemplo, tem apenas 6 caracteres em inglês; no entanto, se traduzirmos para português, “computador portátil”, é necessário utilizar duas palavras, perfazendo assim um total de 19 caracteres, mais do triplo do necessário em inglês. Para além dos possíveis problemas devido à extensão de uma palavra, as línguas que não utilizam o alfabeto romano podem apresentar também problemas relativos ao

tamanho (nomeadamente da altura) de cada caracter em si. Num dos sistemas de escrita⁶ da língua japonesa são utilizados caracteres com dimensões superiores⁷, tanto em altura como em largura, aos caracteres do alfabeto romano, o que significa que, numa tradução de português para japonês, teria de ser tida uma especial atenção na revisão e pós-edição do documento final para assegurar a qualidade gráfica.

Por último, Schubert apresenta uma lista das várias tarefas que devem ser executadas ao lidar com a tradução técnica. A tradução é um processo com várias fases, não se restringe apenas ao ato tradutório em si. De acordo com o autor, as tarefas (não necessariamente por esta ordem) são as seguintes: receção do documento de partida, receção das especificações do trabalho, pesquisa de informação, planeamento do trabalho, tradução, formatação, revisão e finalização (Schubert, 2010, p. 353). No contexto deste Relatório, é pertinente aplicar esta lista ao trabalho de tradução realizado durante o estágio curricular e referir a ordem pela qual os processos de tradução são organizados com a tradutora Susana Bernardo.

Primeiramente, recebemos as especificações do trabalho para ficar a conhecer informações como o tema, a data de entrega e o número de palavras e depois, caso o trabalho seja aceite, recebemos o documento de partida. De seguida, caso o trabalho seja enviado por um cliente novo, revemos, em conjunto, algumas das partes essenciais da informação fornecida, por exemplo o público-alvo do texto de partida e o público-alvo do texto de chegada para saber quais as alterações de registo ou tom, e só depois é que começamos a tradução. Relativamente à pesquisa de informação, esta é uma etapa presente constantemente ao longo do trabalho, seja na receção do documento de partida, na tradução e até mesmo no momento de revisão. A pesquisa é constante ao longo de todo o processo portanto, para mim, não deve ser vista como uma etapa propriamente dita, mas sim como um método e um processo a seguir não só durante um trabalho de tradução específico. Depois da tradução estar completa, fazemos a revisão do texto de chegada e, se necessário, procedemos à formatação do documento. No final, o trabalho é enviado para a orientadora de estágio para que seja posteriormente enviado ao cliente.

Para além das distinções apresentadas pelos autores mencionados acima, semanticamente as palavras “técnica” e “especializada” apresentam também significados diferentes, ainda que

⁶A língua japonesa utiliza três sistemas de escrita diferentes: *kanji*, *hiragana* e *katakana*. Para este exemplo específico, refiro-me ao sistema de *kanji*, que consiste em caracteres originalmente Chineses.

⁷ Estes caracteres, devido à sua grafia, podem ser um pouco mais altos do que as letras do alfabeto romano. Vejamos, por exemplo, a palavra “olho”, que em japonês se escreve 目; a distância da base da linha até ao topo das letras “l” e “h” é menor que a altura do caracter em japonês.

muitas vezes sejam associadas. Vejamos as definições destas duas palavras. Segundo a Infopédia, o substantivo “técnica”⁸ significa:

1. conjunto de processos baseados em conhecimentos científicos, e não empíricos, utilizados para obter certo resultado; 2. conjunto dos processos de uma arte, de um ofício, ou de uma ciência; 3. ciência aplicada, especialmente no campo industrial; 4. conjunto de processos utilizados para obter certo resultado; 5. conhecimento prático. (Infopédia, 2021)

Já a palavra “especializada” significa, de acordo com a mesma fonte, “1. que se especializou em qualquer arte ou ciência; 2. que é relativo a uma área específica”⁹. Analisando estas definições, é possível ver que a palavra “técnica” pode estar relacionada com uma qualquer área especializada, podendo então ser também vista como uma categoria da área especializada, apoiando assim as afirmações de Newmark. Estas definições apoiam também as afirmações de Schubert, uma vez que o próprio afirma que aquilo que descreve relativamente à tradução técnica pode ser também utilizado para a tradução especializada (Schubert, 2009, p. 350).

Ainda que o trabalho destes dois autores seja significativo e tenham sido mencionados, é importante também referir que as suas abordagens apresentam alguns problemas. A abordagem de Newmark é algo obsoleta (o seu livro onde refere a tradução técnica foi publicado há 33 anos) e não aborda especificamente a tradução técnica, tornando-se pouco detalhada neste contexto. Já a abordagem de Schubert, ainda que relativamente recente, é pouco pormenorizada e detalhada, deixando um pouco a desejar como objeto de estudo e comparação.

Mais recentemente, o autor Jody Byrne surge com várias publicações e livros que abordam extensivamente o tema da tradução técnica e, portanto, é relevante referir a sua abordagem ampla sobre o tema. O autor faz algumas considerações relativas às definições e classificações destes tipos de texto. Byrne afirma que a tradução técnica está associada a textos relacionados com tecnologia. O autor afirma que um texto com terminologia especializada não pode ser necessariamente classificado como um texto técnico, dando como exemplo os textos religiosos, que apesar de apresentarem terminologia, um estilo e uma estrutura bastante específicos, não são classificados como técnicos (Byrne, 2006, p. 3).

Para além das diferenças apresentadas anteriormente, o autor refere também as diferenças entre a tradução técnica e a tradução científica, e que a última não pode ser incluída na primeira.

⁸ Informação disponível na página <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/t%C3%A9cnica>

⁹ Informação disponível na página <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/especializada>

Existe uma ligação entre ambas, relativamente à informação na qual se baseiam, no entanto, a forma como a informação é apresentada e a sua finalidade são diferentes. De acordo com o autor, “So, while a **technical text** is designed to *convey* information as clearly and effectively as possible, a **scientific text** will *discuss, analyze and synthesize* information with a view of *explaining ideas, proposing new theories or evaluating methods.*” (Byrne, 2012, p. 2). Isto é, o texto técnico tem como principal objetivo apresentar informações para ajudar alguém a realizar uma tarefa. Este texto é, normalmente, simples, curto e apresenta a informação de forma objetiva e concisa, o que significa que pode ser lido rápida e facilmente por qualquer pessoa. Por outro lado, o texto científico prende-se apenas com conhecimento e informação pura e teoricamente científica, e tem como principal objetivo ser analisado e debatido, o que significa que contém uma linguagem menos acessível ao público em geral, complexa e mais formal. O autor vai mais longe e refere até que os textos científicos podem apresentar características que estão normalmente presentes em textos literários, uma vez que a escrita pode ser mais subjetiva dependendo do autor (Byrne, 2006, p. 8).

Mais concretamente, em termos semânticos, é possível observar que, em artigos científicos, existe uma maior utilização de termos e expressões em latim e grego, prefixos e sufixos e termos compostos, relacionados essencialmente com a parte científica e teórica do que é descrito. Relativamente a estratégias literárias, é possível observar a utilização de recursos estilísticos como metáforas, comparações e antíteses, que são maioritariamente utilizados e relacionados com a escrita literária (Byrne, 2006, p. 9). A utilização destas figuras de estilo permite trazer outra dimensão ao texto, tornando-o mais apelativo e cativante.

Para compreender melhor esta distinção, Jody Byrne apresenta um exemplo concreto de um texto sobre o conceito de força eletromotriz e como podem ser escritos tipos de textos diferentes sobre este mesmo tema. De acordo com o autor, é possível escrever um texto científico na forma de um artigo que apresente conceitos, fórmulas e hipóteses científicas sobre a força eletromotriz, assim como é possível escrever um texto técnico na forma de um manual de instruções que explica como instalar um motor (Byrne, 2006, pp. 8-9).

Com base no pensamento de Jody Byrne, concordo que existem áreas que, apesar de possuírem alguma terminologia e convenções específicas, não são necessariamente consideradas técnicas. Tal como o autor afirma, “Just because there is a specialised terminology, doesn’t make something technical.” (Byrne, 2006, p. 3). É difícil definir os limites da tradução técnica e da tradução científica. Ainda que semelhantes e com relações entre si, não devem ser confundidas.

Num contexto real e prático, estas duas vertentes confundem-se e interligam-se, tornando a linha que as separa cada vez mais ténue (Byrne, 2012, p. 2), portanto é importante fazer esta distinção porque, em contexto académico e de trabalho, trata-se de dois tipos de tradução diferentes, e devem ser tratados como tal. Ainda que a distinção seja importante e notória, tal como já disse anteriormente, no contexto prático o tradutor tem mais facilidade em separar a tradução científica da tradução técnica ao observar não só as características do texto em si, mas também analisando fatores como o público-alvo do texto de chegada e a sua função.

No entanto, também é importante referir que, tendo em conta as afirmações de Jody Byrne, existem traduções que podem ser incluídas em ambas as categorias. Vejamos o exemplo da tradução informática. É possível incluir a tradução informática na tradução técnica na presença de um manual de instalação de um dispositivo de *hardware*: o manual é escrito para ajudar alguém a fazer algo, portanto a informação descrita é simples e concisa, assim como a linguagem utilizada, e é focada apenas em auxiliar alguém a fazer a instalação de um dispositivo. Contudo, a tradução informática pode também ser incluída na tradução científica se falarmos de um artigo científico que analise as funções matemáticas inseridas no dispositivo *hardware* para o seu funcionamento no computador: o objetivo do artigo é explicar, explorar e analisar a ciência por detrás do dispositivo em questão, utilizando um tipo de linguagem mais formal e erudita e podendo até apresentar a informação de uma forma interessante e informativa.

2.2. Características da tradução técnica

Para falar do papel da tradução técnica na atualidade, é importante compreender e analisar brevemente a sua origem. O conceito da tradução técnica remonta à Antiguidade, antes mesmo da tradução de textos sagrados como a Bíblia, mas é a partir do século XV que, de acordo com Jody Byrne, floresce e se desenvolve. Graças à invenção da prensa por Johannes Gutenberg, entre 1436 e 1460¹⁰, a impressão e venda de livros aumentou exponencialmente o que, conseqüentemente, levou ao aumento da tradução de livros do foro científico e tecnológico (Byrne, 2012, pp. 3-4). Devido a esta invenção, a tradução de textos sofreu alterações. Até então, era bastante comum um tradutor reescrever o texto, fazendo alterações ou omissões e apropriando-se do texto como seu na tradução, uma vez que existiam muito poucos exemplares

¹⁰ Informação disponível na página [https://www.infopedia.pt/\\$prensa-de-gutenberg](https://www.infopedia.pt/$prensa-de-gutenberg)

do texto de partida e também do texto de chegada, tornando difícil a verificação da autoria do texto (que mais tarde viria ser associado ao conceito de “propriedade intelectual”). Com esta alteração, existe um aumento de cópias de ambas as versões do texto, facilitando a identificação do autor original do texto e do respetivo tradutor nas outras línguas, dando o respetivo crédito a cada um deles (Byrne, 2012, p. 5).

Atualmente, estima-se que a tradução científica e técnica represente 90% da tradução mundial (Byrne, 2012, p. 6), o que só serve para comprovar que a sua importância cresceu exponencialmente. Devido a essa importância e crescimento, começou a surgir a necessidade de criar legislação e regulamentação para controlar e promover a tradução técnica. No contexto deste Relatório de Estágio, a mais relevante é a Resolução C411, denominada “Resolução do Conselho de 17 de dezembro de 1998 relativa às instruções de utilização de bens de consumo técnicos” (ver Anexo II). Tal como o título indica, este documento refere-se à tradução de instruções, mais concretamente à obrigatoriedade da existência de instruções traduzidas para a língua do respetivo país onde serão postos à venda a acompanhar os produtos técnicos. Para além deste aspeto, a Resolução também refere aspetos como o conteúdo ideal e a forma como a informação é apresentada e transmitida, a existência de avisos de segurança e ainda sugestões para o formato e impressão dos manuais de instruções.

Para além das considerações relativas ao documento final, esta Resolução também abrange e refere os próprios tradutores e a necessidade de as traduções serem realizadas por “especialistas com formação adequada que partilhem a língua dos consumidores visados pelo produto” (1998, p. 4), o que serve de apoio para os tradutores, uma vez que promove especificamente que a tradução seja feita por profissionais com conhecimento e formação nas línguas para as quais estão a traduzir.

Ainda que este tipo de documentos não seja feito especificamente para os tradutores consultarem, é sempre útil e pode servir como mais um documento para consulta na fase de pesquisa. Para todos os efeitos, o tradutor é o responsável pela tradução, o que significa que se o documento final apresentar falhas, existe uma grande probabilidade de o tradutor ser considerado responsável. Se a tradução apresentar erros, imprecisões ou equívocos, isso pode resultar em danos materiais ou danos pessoais; as instruções com erros podem levar a que um objeto seja montado incorretamente. Montar um móvel, por exemplo, tendo como material de apoio instruções que apresentam erros de tradução, tais como incoerências ou equívocos, pode levar a que o utilizador encaixe incorretamente as peças ou utilize os parafusos errados. Isto pode

resultar na instabilidade do móvel, o que faz com que seja mais suscetível de cair, provocando danos não só no objeto em si, mas também em alguém que se encontre perto do móvel.

Apesar de o foco neste Relatório de Estágio ser especificamente a tradução de instruções, é importante referir que existem vários tipos de documentos técnicos que entram na categoria da tradução técnica. Na verdade, se assumirmos que a grande maioria da tradução mundial se destina à tradução científica e técnica, tal como já foi referido anteriormente (Byrne, 2012, p. 6), não é de estranhar que a maioria dos documentos com os quais temos contacto no dia-a-dia se insira nesta categoria. Segundo Karen Korning Zethsen, são exemplo de textos técnicos documentos como artigos científicos, manuais, enciclopédia, especificações técnicas e relatórios (Zethsen, 1999, p. 66). De acordo com Schubert, fazem parte dos documentos técnicos, para além dos manuais de instruções, os manuais de funcionamento, os manuais de manutenção e os manuais de eliminação de produtos (Schubert, 2010, p. 351). Por outro lado, para Jody Byrne, fazem parte da categoria técnica documentos tais como as propostas e os contratos, relatórios, manuais de instrução e documentação relativa a *software* e *hardware* (Byrne, 2006, pp. 50-53).

Ainda que a categorização do tipo de texto seja um aspeto importante na tradução técnica, existem outras características que ajudam a definir este tipo específico de tradução. Vejamos, de seguida, a questão do vocabulário e terminologia. Peter Newmark sugere três níveis de tradução tendo em consideração o vocabulário do documento, e utiliza o vocabulário médico para exemplificar e explicar o seu raciocínio. De acordo com o autor, existe o nível académico, que inclui termos em grego e latim que são, regra geral, associados a artigos académicos; o nível profissional, que inclui termos mais formais utilizados por especialistas; e o nível popular, que inclui termos mais comuns, alternativos aos dois anteriores (Newmark, 1988, p. 153). No entanto, tal como nas categorizações por tipo de texto, também neste caso as palavras associadas a cada nível podem ser posteriormente associadas a outro nível. Estas categorias não são estacionárias, à medida que vão surgindo novos termos e novas tecnologias que requerem novas designações, as palavras podem ser catalogadas em níveis diferentes. Um termo que é normalmente utilizado por um grupo específico de pessoas num contexto académico pode, mais tarde, passar a ser utilizado como um termo comum pela população em geral. Ainda que menos utilizada, este tipo de divisão pode ser bastante útil, uma vez que tem em consideração o público-alvo do documento traduzido.

O público-alvo do documento de chegada é bastante importante e deve ser considerado sempre que uma tradução é feita, como já pudemos ver anteriormente, uma vez que o propósito

da tradução é ser compreendido pelo leitor do texto de chegada. Tal como o vocabulário na categorização de Newmark, também o público-alvo de um documento está sujeito a alterações. Quando surge uma nova descoberta ou invenção, são escritos documentos e artigos sobre o tema que só são acessíveis a um certo grupo de pessoas com conhecimento direto do assunto e só mais tarde, quando o tema se torna trivial, é que este tipo de documentos é lido e compreendido por um público mais geral que se interessa pela temática (Byrne, 2012, pp. 30-31).

Devido a este aspeto, é possível inferir que existem vários tipos de leitores, que diferem consoante o nível de conhecimento de uma determinada temática. Vários autores fizeram esta distinção e categorização. A abordagem de Catherine Julien e Krista Van Laan foca-se essencialmente na escrita de documentos relacionados com *software* e *hardware*, e nos recetores desses documentos, e não necessariamente no público-alvo de uma possível tradução. Ainda assim, não deixa de ser uma divisão focada no leitor e, portanto, é interessante de analisar. De acordo com as autoras, o público-alvo divide-se em quatro categorias: *novice user*, que não tem contacto prévio com a temática e utiliza o programa pontualmente; *power user*, que já está familiarizado com o básico, mas pode necessitar de mais informações para executar tarefas mais complexas; *programmer* ou *software developer*, que é um leitor com bastante conhecimento sobre a temática e utiliza o documento para saber simplesmente como funciona e não necessariamente para um propósito utilitário; e, por fim, o *system administrator*, que é o leitor mais experiente que gere o sistema informático de uma empresa, o que significa que tem conhecimento completo da temática (Julian & Laan, 2001, pp. 90-91). Esta divisão considera que o público-alvo é composto por funcionários de empresas, daí esta ser uma abordagem mais focada nas funções e ocupações dos leitores.

Por outro lado, Jody Byrne também apresenta uma classificação tendo em consideração o público-alvo de um texto traduzido (Byrne, 2012, p. 32). Esta classificação pode ser uma ferramenta útil para o tradutor ter em mente ao realizar uma tradução. Ainda que útil, é também importante referir que esta classificação simplifica bastante a situação e não tem em consideração, por exemplo, fatores externos políticos, culturais e sociais, nem fatores internos como o conteúdo e a configuração do texto.

De acordo com Byrne, o público-alvo de uma tradução divide-se em seis categorias: *expert user*, um leitor experiente que lê apenas a informação relevante; *technician*, que lê a informação em contexto de trabalho; *transfer user*, que tem algum conhecimento mas pode necessitar de ajuda; *rote user*, que utiliza a informação seguindo rigorosamente as instruções e as

imagens que a acompanham; *novice*, que tem pouco conhecimento e necessita de explicações claras e frequentes; e *general reader*, que tem acesso à informação por curiosidade e interesse e, portanto, não precisa de compreender tudo (Byrne, 2012, p. 32). No entanto, tal como com as outras classificações, também os tipos de leitor se podem confundir e sobrepor, uma vez que um documento pode ser utilizado por vários tipos de leitores, dependendo do que o leitor quer fazer com a informação que obtém.

É interessante observar que, dependendo do autor e da altura em que o seu trabalho é publicado, as perspetivas sobre os aspetos mais importantes da tradução técnica mudam bastante. Para Jody Byrne, o público-alvo é o fator mais importante na escrita e tradução técnica (Byrne, 2012, p. 33). Já para um autor como Peter Newmark, que escreveu o seu trabalho sobre a tradução técnica há 33 anos, o aspeto mais importante deste tipo de tradução é a terminologia. O autor afirma que, ainda que o vocabulário e a terminologia técnica só perfaçam entre 5% a 10% de um texto técnico, este é o aspeto principal que distingue este tipo de tradução de outros (Newmark, 1988, p. 151). Na verdade, em termos práticos, a percentagem de terminologia num texto é variável. Se olharmos para um rótulo, atualmente a quantidade de terminologia específica é muito superior, desde nomes de ingredientes e composição de ingredientes até aos valores nutricionais. De facto, é impossível negar a importância da terminologia, devido à facilidade com que é possível identificar terminologia específica ao olhar para um texto. De acordo com Byrne, ao realizar uma pesquisa na BITRA¹¹ (*Bibliography of Interpreting and Translation*) por “tradução técnica”, é possível observar que mais de metade das entradas está relacionada com problemas de terminologia e vocabulário (Byrne, 2006, p. 3). Se realizarmos essa pesquisa hoje, cerca de 1480 dos cerca de 1770 resultados da pesquisa de “tradução técnica” estão relacionados com a pesquisa do termo “terminologia”, o que comprova que, atualmente, a terminologia ainda tem um papel essencial na tradução técnica. No entanto, e como já foi referido anteriormente, ao analisar a tradução técnica, a terminologia não deve ser a única característica a ter em conta, nem deve ser tratada como a mais importante.

Para além disso, a terminologia pode nem sequer ser o aspeto mais problemático numa tradução. Com a existência de cada vez mais dicionários especializados, torna-se cada vez mais fácil encontrar a tradução para um determinado termo, da mesma forma que a uniformização de vocabulário, especialmente nas áreas informáticas, e a predominância da língua inglesa também

¹¹ A BITRA, *Bibliography of Interpreting and Translation*, é uma base de dados que contém milhares de artigos, teses e livros sobre tradução. A base de dados pode ser acedida através de https://aplicacionesua.cpd.ua.es/tra_int/usu/buscar.asp?idioma=en

contribuíram para essa facilidade em encontrar a tradução desta terminologia (Byrne, 2006, p. 4). Vejamos o exemplo da área informática. Os Estados Unidos da América dominam a indústria informática desde 1980 com empresas norte-americanas como a Microsoft, que desenvolvem *software* para o mercado mundial. Consequentemente, isto significa que grande parte da terminologia especializada tem origem na língua inglesa (Schäler, 2002, p. 6). Adicionalmente, muitos dos termos acabam por nem ser traduzidos para a língua de chegada, mas sim utilizados em inglês no texto de chegada, como por exemplo os termos *software* e *hardware*, que são assim utilizados em textos escritos em português. Estes dois exemplos não foram escolhidos aleatoriamente, foram escolhidos devido à sua importância no contexto deste Relatório e, portanto, serão referidos e analisados posteriormente.

Outra característica da tradução técnica que me parece pertinente é a importância da utilização de ferramentas de auxílio à tradução. Atualmente, independentemente da especialização do tradutor, é esperado que este tenha, pelo menos, um conhecimento básico de um programa de processamento de texto, como o Microsoft Word e de um serviço de correio eletrónico como o Outlook ou o Gmail, para poder fazer as traduções e comunicar com os clientes, respetivamente. No entanto, para tradutores especializados, nomeadamente nas áreas técnicas e científicas, o conhecimento informático necessário é muito mais elevado e específico. Existem vários documentos que, devido ao seu conteúdo (imagens, gráficos, hiperligações), se tornam tão complexos que não podem ser reproduzidos num processador de texto normal. É aí que entram programas de *software* capazes de produzir documentos em formato HTML ou XML (Byrne, 2012, p. 17). Para além do conhecimento de diferentes ferramentas de processamento de texto e dos respetivos formatos, atualmente também é esperado que o tradutor apresente um conhecimento acrescido de diversas ferramentas CAT, que são ferramentas específicas para tradução. A utilização destas ferramentas permite que, como já referi anteriormente em relação ao estágio curricular, o tradutor produza glossários e memórias de tradução que podem ser utilizadas posteriormente em trabalhos relacionados ou com a mesma temática. Estas estratégias permitem acelerar o processo de tradução, uma vez que não é necessário traduzir um mesmo segmento duas ou mais vezes. Através das memórias de tradução e glossários, o programa acede aos segmentos anteriores já traduzidos e faz uma verificação à procura de resultados iguais ou semelhantes. Para além da poupança de tempo, estas ferramentas são especialmente úteis porque permitem garantir a consistência lexical, sintática e semântica dentro de um mesmo documento e até mesmo entre vários documentos de um mesmo cliente.

Finalmente, a última característica relevante da tradução técnica é o estilo. Quando se fala em estilo, é comum associar-se esta característica com textos literários e não necessariamente com uma escrita mais técnica. No entanto, o género literário já não é o único que se preocupa com o estilo e expressividade (Zethsen, 1999, p. 72). O papel do estilo na escrita técnica é, na minha opinião, extremamente importante uma vez que este tipo de documentos tem um papel significativo no dia-a-dia de muitas pessoas. Apresentar um estilo simples, ainda que formal, é essencial para que o texto seja claro, e para que o leitor possa compreender, processar e utilizar a informação descrita. Vejamos, por exemplo, um panfleto: a informação tem de ser apresentada estrategicamente devido ao espaço reduzido para a colocar, o que implica que tanto o autor como posteriormente o tradutor tenham de ser o mais concisos possível, podendo ter de utilizar um pouco de criatividade para tal (Byrne, 2006, p. 4). Outro aspeto a ter em conta é que o estilo pode diferir do estilo do texto de partida. O objetivo da tradução técnica é apresentar a informação de forma compreensível ao público-alvo do texto de chegada e não necessariamente copiar a linguagem e o estilo. Este tipo de tradução é um ato comunicativo entre pessoas, em resposta à necessidade de ter acesso à informação na atualidade. Isso significa que, se for necessário, o estilo pode diferir do estilo do texto de partida para assegurar que a informação é transmitida (Byrne, 2006, p. 12).

Depois de ter analisado mais detalhadamente a tradução técnica, ter distinguido este tipo de outros e ter explorado alguns dos aspetos que a caracterizam, na próxima secção vou abordar algumas teorias de tradução que penso serem relevantes no contexto deste Relatório. Posteriormente, o objetivo é, possivelmente, estabelecer uma relação entre a tradução técnica e algumas dessas teorias.

2.3. Conceito de equivalência na tradução

Tal como já foi referido anteriormente, no contexto de trabalho, o tradutor executa o seu trabalho de forma quase intuitiva, sem associar ou considerar uma determinada teoria e os seus princípios, pelo menos numa fase inicial. No entanto, no contexto deste Relatório, parece-me adequado e pertinente estabelecer uma relação entre algumas das teorias com as quais tive contacto durante o Mestrado em Tradução e o trabalho realizado durante o estágio curricular. Durante muito tempo, a tradução técnica foi desvalorizada relativamente à tradução literária. Um autor já referido neste Relatório, Friedrich Schleiermacher, nem sequer considerava tradutores

aqueles que realizavam a tradução de textos técnicos. Os estudos relativos à tradução focavam-se em textos literários e, anteriormente, em textos como a Bíblia que é, ainda hoje, o texto traduzido para o maior número de línguas.

Javier Franco Aixelá faz uma análise histórica relativa ao desenvolvimento dos estudos da tradução técnica e científica utilizando a BITRA, uma base de dados com milhares de documentos relacionados com a tradução, como referência. De acordo com o autor, até 1900 não existiam publicações relativas à tradução técnica. Na verdade, só existem cerca de 250 entradas com data até 1900. No entanto, é necessário ter em conta que é difícil ter acesso a documentos publicados há mais de um século, o que não significa que não existam ou tenham existido. Depois disso, relativamente aos 50 anos seguintes, só 1,4% das entradas diz respeito à tradução técnica, comparativamente com 24,7% relativas à tradução da Bíblia e 30% relativas à tradução literária (Franco Aixelá, 2004, pp. 33-35). Comparando estas percentagens com algo mais recente, o mesmo autor refere que, entre 1991 e 2000, 10,2% das entradas são relativas à tradução técnica, 22,3% são relativas à tradução literária e 4% são relativas à tradução da Bíblia (Franco Aixelá, 2004, pp. 42-43). Isto só demonstra que, ainda que a percentagem de documentos referentes à tradução literária seja superior, o aumento da percentagem relativa à tradução técnica é notório e constante ao longo das décadas, o que significa que existe uma tendência para que assim continue, a par com os avanços tecnológicos.

Inicialmente, as abordagens centravam-se na dicotomia entre a tradução literal e a tradução livre, tendo só em consideração o texto de partida. Só a partir do final da década de 1950 é que começaram a surgir novas abordagens mais relacionadas com aspetos linguísticos e semânticos, que deram origem ao conceito de equivalência (Munday, 2016, p. 59). O termo “equivalência” foi primeiramente introduzido por Roman Jakobson em 1959. No seu artigo, Jakobson refere que, na tradução, não existe uma total e completa equivalência entre as palavras, uma vez que existem conceitos numa língua que podem não existir noutra. Posto isto, o autor afirma que este processo não pode então constar da tradução de unidades linguísticas separadas, mas sim de mensagens que se tornam equivalentes nas duas línguas (Jakobson, 1959, p. 233).

Mais tarde, também Eugene Nida deu o seu contributo para os Estudos de Tradução. Em 1964, Nida escreve o livro *Toward a Science of Translation*, que altera o paradigma da tradução. Até então, a tradução não era pensada como uma ciência que se pudesse comparar a matemática, física ou química. De acordo com o autor, o tradutor deve ter a capacidade de descodificar, na língua de partida, a estrutura externa e analisar separadamente cada uma das estruturas internas –

são estas estruturas que são transferidas para a língua de chegada e depois reconstruídas gramaticalmente numa estrutura externa (Nida, 1964, pp. 59-60).

Tal como Jakobson, Eugene Nida também concorda que o significado das palavras difere consoante o contexto e a cultura em que estão inseridas, afirmando que as palavras não têm significados fixos, contrariando o que era defendido por muitos linguistas até então (Nida, 1964, p. 33). O autor dividiu o tipo de significado das palavras em três categorias: linguístico, denotativo e conotativo. Através de uma série de técnicas, o tradutor é capaz de identificar o significado linguístico das palavras no texto de partida para poder encontrar os seus equivalentes na língua de chegada (Nida, 1964, pp. 57-71) (Munday, 2016, pp. 65-66).

Posto isto, e abandonando todos os termos utilizados anteriormente por outros autores para classificar e caracterizar a tradução, o autor decidiu identificar duas novas abordagens perante a tradução, e que designou como equivalência formal e a equivalência dinâmica. A equivalência formal tem como objetivo passar a mensagem do texto original, mantendo a forma e o conteúdo, o que significa que o foco é o texto de partida. Desta forma, é mais simples perceber a cultura da língua de partida, uma vez que não são feitas alterações substanciais (Nida, 1964, p. 159). Este tipo de abordagem aplica-se a, por exemplo, traduções documentais, que vão ser abordadas e exploradas na última secção deste capítulo. Nestas traduções, o objetivo é dar a conhecer a informação exata presente no texto de partida, mesmo que essa informação cause estranheza ou seja desconhecida na cultura e país de chegada. Por sua vez, a equivalência dinâmica baseia-se no efeito de equivalência, isto é, o efeito que o texto de partida teve no seu público-alvo deve ser equivalente ao efeito que o texto de chegada tem no seu público-alvo. O foco deve estar no texto de chegada, para que este seja completamente compreendido pelo leitor. Para atingir esse fim, é necessário que o tradutor utilize uma linguagem que soe natural ao público-alvo, admitindo alterações a nível lexical e relativas a referências culturais. Este tipo de abordagem aplica-se a traduções cujo contexto da cultura de chegada não seja relevante, desde que a mensagem transmitida no texto de chegada seja compreendida pelos leitores finais (Nida, 1964, pp. 159-160).

Ainda que a abordagem de Nida se distinga das anteriores, nomeadamente devido ao afastamento da tradução de palavra a palavra, e que a sua teoria tenha sido crucial para o desenvolvimento dos estudos de tradução, é importante refletir nos problemas que advêm da utilização destas abordagens. Alguns teóricos sentiam que Nida ainda se focava demasiado no nível da palavra e não tanto no panorama geral, como tencionava com a introdução destes dois

tipos de equivalência. O estudo extenso que o autor faz ao nível da palavra, relativamente às suas classificações e significados, pode implicar que o foco principal continue a ser a palavra. Outros autores consideravam que o conceito de equivalência era, na maior parte dos casos, impossível, uma vez que um texto nunca poderia ter o mesmo efeito em culturas e épocas diferentes. A tradução por vezes não consegue reproduzir a mesma riqueza cultural da expressão original, o que só por si origina uma discrepância entre a língua de partida e a língua de chegada (Munday, 2016, p. 69).

De facto, ainda que a equivalência dinâmica tenha em consideração o texto e o público-alvo do texto de chegada, o verdadeiro foco continua a estar no texto de partida, uma vez que, como foi referido anteriormente, o objetivo é que o efeito causado nos leitores do texto de partida seja o mesmo que é produzido nos leitores do texto de chegada. Consequentemente, não é possível analisar o texto técnico nos moldes da equivalência, uma vez que este tipo de texto está centrado essencialmente no público-alvo do texto de chegada. Contudo, estas abordagens mostraram ser revolucionárias, essencialmente devido à referência e consideração que têm pelo público-alvo.

2.4. Teorias funcionalistas

Na década de 1970 começou a verdadeira mudança de paradigma com o desenvolvimento das teorias funcionalistas. Estas teorias afastam-se da análise quase exclusiva de parâmetros linguísticos, textuais e dos conceitos de equivalência sintática e semântica, e focam-se no ato comunicativo e nas funções da linguagem em si. Por sua vez, também a tradução técnica se insere nos parâmetros de um ato comunicativo e tem uma finalidade concreta, o que significa que pode ser analisada à luz do funcionalismo. Tendo em consideração esta descrição e as características da tradução técnica observadas anteriormente, parece-me pertinente analisar algumas teorias funcionalistas e estabelecer uma relação entre estas e a tradução técnica.

Como foi referido anteriormente, a tipologia textual pode ser um fator importante para definir qual será o tipo de tradução associado. Na década de 1970, Katharina Reiss desenvolveu um modelo de tradução baseado na abordagem funcionalista que estuda a relação entre o texto de partida e o texto de chegada. O seu trabalho é relevante porque não é focado no nível das palavras ou frases, mas sim no grande plano do texto, mais concretamente no seu conteúdo geral

e na sua intenção comunicativa (Reiss, 1977/1989, p. 112). Reiss baseia-se nas três funções da linguagem apresentadas por Karl Bühler¹² – representativa, expressiva e apelativa – e identifica as situações comunicativas e tipos de texto nos quais estas funções são usadas, tendo sempre em consideração a sua relevância para a tradução. A autora distingue três tipos de texto com base no critério da função da linguagem de cada um: informativo, que desempenha uma função puramente informativa, por exemplo notícias, opiniões e demonstração de conhecimentos; expressivo, onde o autor utiliza a criatividade para transmitir uma mensagem ao leitor, como na poesia; e apelativo (posteriormente designado operativo), onde a intenção do autor é apelar ou estimular uma ação por parte do leitor, como por exemplo um anúncio (Reiss, 1977/1989, pp. 108-109). Reiss tece várias conclusões diferentes sobre cada uma destas classificações, mas todas têm um fator em comum: independentemente da intenção do autor no texto de partida, o texto de chegada deve transmitir a mesma sensação e intenção. Isto é, se a tradução cumprir a função comunicativa do texto de partida, o tradutor foi bem-sucedido no seu trabalho. (Reiss, 1977/1989, p. 110)

Ainda que esta divisão entre três tipos de texto possa ajudar a formar algumas considerações sobre a função comunicativa que uma tradução deve possuir, é importante ver que se trata de considerações e convenções bastante gerais. Um texto pode possuir mais do que uma função comunicativa, o que faz com que seguir estas convenções propostas para cada um dos tipos de texto possa ser complicado, se não impossível. Vejamos, por exemplo, um texto cuja função comunicativa seja tanto informativa como apelativa. De acordo com Reiss, na presença de um texto informativo, a principal preocupação na tradução é transmitir a informação do texto de partida com a menor variação possível do mesmo no texto de chegada. No entanto, na presença de um texto apelativo, a principal preocupação do tradutor deve ser a preservação da reação que o texto de partida pretende ter em quem o lê (Reiss, 1977/1989, pp. 109-110). Na presença de textos híbridos, Reiss afirma que a função principal do texto de partida deverá ser a escolhida para o texto de chegada.

Para além da distinção dos vários tipos de textos, Reiss também apresenta critérios intralinguísticos e extralinguísticos que devem ser seguidos na tradução para o texto de chegada. Entre estes estão componentes linguísticos e componentes não linguísticos, que variam de acordo com o tipo de texto (Reiss, 1981/2014, pp. 53-65). Não pretendo analisar detalhadamente estes

¹² Karl Bühler (1879-1963) foi um psicólogo e linguista alemão, considerado um dos fundadores da psicologia moderna. Em 1934, Bühler publicou a obra *Sprachtheorie* – Teoria da Linguagem – que ganhou bastante reconhecimento nas áreas da semiótica, linguística e filosofia e psicologia da linguagem.

critérios uma vez que o foco é a tipologia textual, mas é importante referir que fazem parte da abordagem da autora.

O trabalho de Katharina Reiss é, como se disse anteriormente, bastante importante na medida em que levou a que a teoria da tradução deixasse de se focar em níveis linguísticos mais básicos, como a palavra, para começar a considerar fatores externos ao texto, como a função comunicativa de um texto. No entanto, o trabalho de Reiss recebeu algumas críticas ao longo dos anos, por exemplo relativas à classificação de alguns textos específicos.

De acordo com Jeremy Munday (Munday, 2016, pp. 119-120), pode ser complicado aplicar os métodos de tradução de Reiss em alguns textos específicos. Vejamos, por exemplo, o caso de um texto expressivo, como um poema. Uma das características da poesia é a utilização vasta de recursos estilísticos, como por exemplo as metáforas ou expressões idiomáticas. Algumas dessas expressões têm traduções fixas em diversas línguas, mas noutras poderá ser difícil expressar o mesmo significado. O mesmo se pode dizer em relação à estrutura métrica de um poema, pelo que numa tradução pode não ser possível manter o mesmo número de sílabas métricas, alterando a estrutura interna e mesmo externa (visual) do poema. Outro problema em relação à classificação da autora, também referido por Munday (Munday, 2016, p. 120), é o facto de, por vezes, não ser possível identificar a função principal da linguagem num texto. Tal como foi referido anteriormente, existem textos que podem possuir várias funções comunicativas. Vejamos, por exemplo, um anúncio. Ainda que a função apelativa/operativa se destaque, é também possível que o anúncio apresente informações factuais, tendo também uma função informativa. Para além disso, existem também outros fatores importantes a considerar na realização de uma tradução, nomeadamente fatores externos ao texto, como os fatores extratextuais apresentados por Christiane Nord, autora que irei mencionar posteriormente, e que Katharina Reiss não considera na sua abordagem inicial.

Não obstante, apesar das críticas e lacunas, a abordagem de Katharina Reiss foi bastante inovadora e revolucionária visto que valoriza a função textual e admite que a função do texto de partida pode diferir da função do texto de chegada, apresentando funções comunicativas distintas (Reiss, 1977/1989, p. 114).

Ainda dentro das teorias funcionalistas, na década de 1980, Justa Holz-Mänttari propõe um modelo do ato translatório que se baseia na importância da adaptação do texto de chegada ao público-alvo da cultura de chegada, para assegurar a comunicação. Nesta abordagem, o foco é o

ato de comunicação num contexto multicultural, para que seja possível transmitir mensagens e informações para além da barreira linguística e cultural. De acordo com a autora, existem vários intervenientes no processo de tradução interlinguística, com “objetivos primários e secundários específicos”, que são enunciados e descritos por Jeremy Munday na sua obra *Introducing Translation Studies*: o iniciador, o encomendante, o produtor do texto de partida, o produtor do texto de chegada, o utilizador do texto de chegada e o recetor do texto de chegada¹³ (Munday, 2016, p. 124).

Este modelo é bastante relevante, tal como Munday refere, porque contribui para o posicionamento da tradução profissional não literária no seu contexto sociocultural. Indiretamente, se pensarmos bem, esta abordagem reflete o processo de tradução técnica em contexto de trabalho. Os intervenientes responsáveis pelo projeto de tradução, seja o iniciador ou o encomendante, iniciam este processo devido à sua necessidade de introduzir e disseminar os seus produtos e informações para um público mais vasto. Os objetivos de cada um dos intervenientes diferem, assim como o conhecimento que cada um pode ter sobre a temática do projeto em questão, o que implica a comunicação entre todos os agentes (Munday, 2016, p. 125).

Para além da apresentação do modelo translatório em si, Holz-Mänttari também realça o papel do tradutor, que considera ser um especialista no domínio da comunicação intercultural. O tradutor é o responsável por determinar o que é adequado para a cultura de chegada e por produzir um texto que cumpra essas qualidades. Referindo-se ao trabalho de Holz-Mänttari, Christiane Nord refere que “the purpose of translational action is to transfer messages across culture and language barriers by means of message transmitters produced by experts. Translators are experts in producing appropriate message transmitters in intercultural or transcultural communication” (Nord, 1997b, p. 12), apoiando a abordagem da autora. Adicionalmente, Nord também refere que, como especialista do ato translatório, a função do tradutor pode ir mais longe do que simplesmente realizar a tradução em si. O tradutor pode ter uma função de mediador ou de conselheiro para outras pessoas, e não chegar sequer a fazer uma tradução (Nord, 1997b, p. 17).

Ainda que irrefutavelmente importante, devido nomeadamente à definição e caracterização dos participantes no ato translatório e no processo de tradução e ao reconhecimento da tradução profissional não literária (Munday, 2016, p. 125), existem falhas

¹³ Tradução da minha autoria. No texto de Jeremy Munday, os intervenientes são designados por: *the initiator, the commissioner, the ST producer, the TT producer, the TT user e the TT receiver*.

que também são apontadas por alguns autores. Jeremy Munday critica a complexidade do jargão utilizado pela autora e também a sua falta de consideração por alguns aspetos das diferenças culturais (Munday, 2016, p. 126). Nord também reconhece que, ainda que relevante, a abordagem de Holz-Mänttari não atribui importância suficiente ao texto. O texto é referido como um elemento sem qualquer propósito próprio ou valor autónomo. Para a autora, o texto está unicamente relacionado com o seu objetivo, o que significa que, no processo de tradução, o texto de partida e o seu propósito original não são relevantes (Nord, 2005, p. 31).

2.5. *Skopostheorie*

Para além das duas perspetivas funcionalistas já mencionadas, que têm como propósito dar algum contexto à mudança de paradigma, existem outras duas que, na minha opinião, têm uma enorme relevância no contexto da tradução técnica. Começemos por analisar a *Skopostheorie*.

Na década de 1970, Hans J. Vermeer introduziu, em conjunto com Katharina Reiss, no livro *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie* (em inglês, *Towards a General Theory of Translational Action*), uma teoria que se foca no propósito de uma tradução, determinando os métodos de tradução que podem ser usados para produzir um resultado equivalente mais adequado. O objetivo da criação desta teoria é, tal como o título do livro indica, formular uma teoria geral que pudesse ser aplicada a todos os tipos de texto.

Esta teoria aparece devido à necessidade crescente, no século XX, de progredir na teorização da tradução de textos não literários para acompanhar os avanços tecnológicos e a necessidade adjacente de partilhar esses avanços mundialmente. Tal como já foi referido anteriormente, a tradução técnica tornou-se crucial na indústria e na sociedade moderna, e os Estudos de Tradução acompanharam esta mudança de paradigma.

Na tradução de textos técnicos, os fatores contextuais são bastante importantes e não podem ser ignorados. Estes fatores incluem, além do propósito e função do texto de chegada, a cultura dos leitores do texto final, por exemplo. Para estes autores, questões como o propósito do texto de partida junto dos leitores na cultura de partida deixam de ser o foco principal e passam para segundo plano, para que o tradutor passe a valorizar mais as reações dos leitores do texto de

chegada na sua cultura. De acordo com a abordagem de Reiss e Vermeer, o texto de chegada pode assumir diversas formas e ser traduzido de várias formas diferentes, que dependem da função e propósito do texto na cultura de chegada (Vermeer, 1989, p. 228).

Segundo Vermeer, qualquer ato de tradução, tal como o nome afirma, pode ser considerado um ato, uma ação (Vermeer, 1989, p. 221). Se olharmos para a própria definição da palavra “ação”, de acordo com a Infopédia, podemos ver que a quarta aceção é “4. medida ou conjunto de medidas tomadas para conseguir certo objetivo”¹⁴, o que confirma que qualquer ação tem um objetivo ou propósito. Tendo este conceito de ação em mente, Vermeer introduz a palavra grega *skopos* como um termo técnico para o propósito da tradução, o que dá origem ao nome da sua teoria *Skopos* *theorie*. De acordo com o autor, o ato de tradução é, tal como o nome indica, uma ação só por si, o que significa que é feita para alcançar um certo objetivo que, neste caso, refere-se ao texto de chegada, a que o autor chama de *translatum* (Vermeer, 1989, p. 221). É portanto essencial, para o tradutor, que exista comunicação entre este e o cliente para que se possa saber qual o propósito da tradução: se o tradutor não tiver acesso a estes fatores extratextuais, a tradução não passa de uma transposição de uma língua para a outra e não pode ser considerada uma tradução fiável. O texto de chegada deve então ser orientado para a cultura de chegada e é esta característica que o define (Vermeer, 1989, p. 222).

Os autores definiram algumas regras para a teoria de *skopos* para ajudar o tradutor a perceber o que deve seguir e priorizar ao realizar uma tradução. Segue-se o resumo feito por Jeremy Munday destas seis regras:

- (1) A translation action is determined by its *skopos*.
 - (2) It is an offer of information (*Informationsangebot*) in a target culture and TL concerning an offer of information in a source culture and SL.
 - (3) A TT does not initiate an offer of information in a clearly reversible way.
 - (4) A TT must be internally coherent.
 - (5) A TT must be coherent with the ST.
 - (6) The five rules above stand in hierarchical order, with the *skopos* rule predominating.
- (Munday, 2016, p. 127)

Analisemos estas seis regras. Estas regras devem ser seguidas por ordem hierárquica, o que significa que a sua importância também segue esta ordem. Isto significa que a primeira regra

¹⁴ Informação disponível na página <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/a%C3%A7%C3%A3o>

é a mais importante: a ação é determinada pela função. A segunda regra diz respeito aos contextos culturais de ambas as línguas. É importante referir que, ao relacionar os dois textos, esta regra atribui alguma relevância ao texto de partida, algo que não se observa na abordagem de Holz-Mänttari. Indiretamente, esta regra também acaba por demonstrar mais uma vez o papel do tradutor como especialista do processo de comunicação, uma vez que é o responsável pela tradução e, conseqüentemente, pela transmissão da informação. A terceira regra afirma que a função dos textos pode ser igual ou completamente diferente; o público-alvo dos textos pode pertencer a uma realidade cultural completamente diferente, o que pode implicar que a sua função seja também diferente. A quarta regra refere a importância da coerência textual, pelo que é necessário que o texto seja produzido de acordo com a cultura e público-alvo de chegada. A quinta regra também está relacionada com coerência, mas neste caso relativa ao texto de partida, sendo importante que o texto de partida seja mais do que uma simples referência para a produção do texto de chegada. Esta regra, mais evidentemente que a segunda, atribui bastante relevância ao texto de partida. Ao observar estas regras e ao ter em conta o seu grau hierárquico de importância, é possível aferir que, de acordo com esta abordagem, a principal preocupação é, de facto, o texto de chegada e o seu público-alvo, contrariando as abordagens referentes ao conceito de equivalência.

Tal como referido na terceira regra, o texto de partida e o texto de chegada podem divergir em termos não só de propósito, como também de formulação, dependendo do contexto em que será inserido e apresentado o texto de chegada. Contudo, ambos os textos podem ter propósitos iguais. No entanto, tal como foi referido anteriormente, não basta fazer uma transposição para a língua de chegada, uma vez que a cultura de chegada continua a ser diferente e o texto necessita, portanto, de ser adaptado e orientado tendo sempre em consideração a cultura de chegada. Para o autor, existem duas regras gerais que devem ser respeitadas, a da “intertextual coherence” (Vermeer, 1989, p. 223) – que se reflete na fidelidade do texto de chegada relativamente ao texto de partida – e a da coerência do próprio texto traduzido para que seja compreensível para os leitores da cultura de chegada.

Como referi anteriormente, esta teoria rejeita o conceito comum de equivalência, que se baseia na transposição direta entre as duas línguas e sustenta, em vez disso, que existe uma ligação entre vários elementos intratextuais e extratextuais muito mais ampla e relevante, com ênfase na tradução como sendo uma transferência cultural. É importante notar que o conceito de *skopos* é também aplicável a segmentos mais pequenos e não apenas necessariamente a textos completos, como tem sido referido até aqui. De acordo com os autores, nesta abordagem o

conceito de equivalência é substituído pelo conceito de adequação (*adequacy* em inglês). O conceito de adequação refere-se à relação entre os textos relativa ao processo de tradução, isto é, uma tradução é considerada adequada se estiver de acordo com o objetivo previsto na “commission” (Reiss & Vermeer, 2014, p. 127). Vejamos de que trata este último termo.

Para cumprir as regras que Reiss e Vermeer sugerem, é necessário que a informação relativa ao propósito e intenção do texto de chegada seja partilhada com o tradutor. Para resolver essa questão, os autores introduzem o conceito de “commission”. Trata-se de um documento com intuito instrumental para guiar o tradutor no processo de tradução. Este documento ou instrução deve indicar elementos como o propósito da tradução, o público-alvo, a data limite de entrega e o custo (Vermeer, 1989, p. 229). A partir do momento em que o tradutor tem acesso a uma informação (aparentemente) tão simples como o propósito da tradução, é capaz de tomar decisões muito mais conscientes e pertinentes.

Vejamos a tradução técnica tendo em consideração a teoria de *Skopos*. A importância dada à “commission”, (mais tarde designada por “encomenda de tradução” por outros autores) que contém informações tais como o público-alvo e o objetivo da tradução, também se releva na prática da tradução técnica. Tal como foi observado anteriormente, ao saber concretamente a quem o texto se destina e qual é a sua função, o tradutor pode tomar decisões terminológicas e linguísticas mais acertadas. Estas informações, e outras mais, deveriam ser proporcionadas pelo cliente *a priori*, mas isso nem sempre acontece. Ainda que por vezes estas informações possam parecer óbvias e implícitas em relação ao texto de partida, torna-se mais conveniente e apropriado se esta informação for claramente fornecida (Vermeer, 1989, p. 229).

Do mesmo modo que todas as teorias referidas até aqui, a teoria de *Skopos* também apresenta algumas falhas e limitações. Tal como foi mencionado anteriormente, a necessidade da existência de uma encomenda de tradução nem é sempre atendida pelo cliente. Num contexto de trabalho, é comum o tradutor ter de pedir informações adicionais depois de o cliente enviar a proposta de tradução ou o próprio projeto. É possível que, por exemplo, um cliente que esteja a solicitar uma tradução pela primeira vez só pense em referir a língua de chegada, o número de palavras para traduzir e a data limite para o envio do trabalho final. No entanto, para que o tradutor possa fazer o seu trabalho corretamente, existem outras informações que devem ser fornecidas. Jody Byrne apresenta uma estratégia para combater esta questão: fazer uma pequena lista de questões básicas que se podem colocar a um cliente no início do processo de tradução, compilar essas perguntas e produzir aquilo a que o autor designa de *translation brief* (em

português, encomenda de tradução). Este conceito será abordado mais detalhadamente no final deste capítulo.

Outra das críticas à teoria de *Skopos* é a importância mínima dada a elementos linguísticos em ambos os textos. Jeremy Munday refere que a abordagem de Reiss e Vermeer é bastante generalista e abstrata no que diz respeito a aspetos semânticos e sintáticos. O foco desta abordagem é o resultado final da tradução, e não se foca propriamente nos meios para atingir esse fim. É importante que a coerência textual referida nas regras apresentadas pelos autores não se cinja apenas a uma coerência relativa ao conteúdo, mas que exista também uma coerência semântica e sintática dentro de cada um dos textos em si.

2.6. Christiane Nord e o modelo de análise textual

Para terminar esta abordagem às teorias funcionalistas, vou analisar o modelo funcionalista de Christiane Nord, que considero ser também bastante relevante neste contexto. Christiane Nord é considerada uma das figuras principais na área dos Estudos de Tradução. No final da década de 1980, a autora apresenta uma abordagem com várias características presentes nas abordagens apresentadas anteriormente, tais como o reconhecimento de vários agentes presentes durante o processo de tradução, como na abordagem de Holz-Mänttari, e a utilização do conceito de *Skopos*, introduzida por Reiss e Vermeer. Ao remeter a estas abordagens, a autora reconhece a existência e a importância de vários intervenientes e fatores no processo de tradução. Este modelo pode ser aplicado à tradução técnica visto que o intuito da própria autora é que exista um modelo de análise textual que não apresente referências a características específicas de um texto (Nord, 2005, p. 2). Todos os textos apresentam uma função comunicativa que é condicionada pelos fatores que levam à criação desse mesmo texto. Os fatores que originam um texto e os fatores que levam à tradução desse mesmo texto devem ser os elementos mais importantes a considerar numa tradução (Nord, 2005, p. 41).

A abordagem de Nord apresenta o seu modelo de análise textual orientada para a tradução através de um conjunto de fatores extratextuais e intratextuais. Este modelo é fortemente utilizado atualmente no âmbito académico e também por tradutores estagiários e profissionais que procuram sistematizar problemas de tradução ou justificar as suas decisões numa determinada tradução. Nord pretende que este modelo possa ser adaptado e utilizado em

todos os tipos de texto, incluindo os textos literários, afirmando que esta abordagem deve ser “(a) general enough to be applicable to any text and (b) specific enough to take account of as many generalizable translation problems as possible” (Nord, 2005, p. 2).

De acordo com a autora, a tradução é considerada uma interação comunicativa que permite a ligação entre pessoas que pertencem a comunidades diferentes e falam línguas diferentes. O papel do tradutor é permitir a comunicação entre estas pessoas ao ultrapassar as barreiras linguísticas e culturais através da tradução (Nord, 2006, p. 35). Para além da tradução propriamente dita, o trabalho de tradução pode até envolver aconselhamento linguístico ou interpretação, pelo que a autora considera que a tradução deve ser inserida num contexto mais amplo, a “translational action”, que envolve todas as atividades que podem ser feitas por um tradutor (Nord, 1997b, p. 17).

Adotar uma abordagem focada no propósito de uma tradução significa que o papel do tradutor é extremamente importante, uma vez que é este quem escolhe as estratégias de tradução, considerando que é quem tem o conhecimento e a especialização necessárias para tal. O tradutor necessita de ter em consideração as especificações referidas na encomenda de tradução, relativas à cultura e ao leitor do texto de chegada, para que possa decidir como utilizar o texto de partida (Nord, 2006, p. 43). Tal como Holz-Mänttari, Nord também considera o tradutor um intermediário entre as culturas e os leitores. O tradutor é o único que conhece e tem acesso às duas línguas e às respetivas culturas, o que significa que é o único capaz de desvendar e, posteriormente, resolver os problemas que possam existir na tradução do texto de partida para o texto de chegada.

Contudo, estas considerações e posteriores decisões devem ser feitas antes de iniciar a tradução em si. O *skopos* deve ser definido no início do processo de tradução e deve ser especificado pelo cliente na encomenda de tradução. No entanto, por vezes a ideia do cliente pode ser vaga ou incorreta considerando o que pretende com o produto final (Nord, 1997b, p. 30). Nessas situações, o cliente e o tradutor podem negociar e discutir qual a melhor maneira de produzir um texto na língua e cultura de chegada, considerando o propósito da tradução. Ainda que possa ser feita esta negociação, segundo Nord (Nord, 1997b, pp. 30-31) o tradutor tem a formação e as competências necessárias para poder analisar a encomenda de tradução e as especificações pedidas pelo cliente, e decide quais as melhores estratégias de tradução para satisfazer as necessidades do cliente.

Para além da importância e da necessidade que os tradutores têm de ter acesso a estes fatores, existe uma necessidade ainda maior de fazer acompanhar as tarefas de tradução dadas aos estudantes na formação de tradutores das respetivas encomendas de tradução. De acordo com a autora, os tradutores profissionais não necessitam frequentemente de informações tão detalhadas porque a sua experiência profissional lhes permite ter uma visão mais ampla e permite-lhes saber que um determinado tipo de texto requer uma determinada tradução e terá um determinado propósito. No entanto, não pode ser esperado que os iniciantes e formandos da área da tradução, devido à sua inexperiência, interpretem as situações de forma intuitiva. (Nord, 1997a, p. 47). Este tipo de considerações é, na minha opinião, bastante importante. Remetendo para a minha experiência durante o primeiro ano do Mestrado em Tradução e durante o estágio curricular, a importância de uma encomenda de tradução é evidente. Foi extremamente importante para mim, como iniciante na área de tradução, que os docentes das várias unidades curriculares nos facultassem sempre diversas informações intratextuais e extratextuais sobre o texto de partida e também sobre os vários fatores relevantes como o propósito da tradução na respetiva língua e cultura de chegada. Durante o estágio curricular, a orientadora de estágio forneceu-me, também, todas as informações necessárias e pertinentes. O fácil e rápido acesso a todas estas informações permitiu que o começo da análise do texto de partida e tradução fosse mais rápido e intuitivo. Não ter acesso direto a estas informações levaria a uma pesquisa mais profunda e detalhada sobre o cliente para decifrar qual o propósito do projeto pedido, qual o meio no qual o texto seria introduzido, entre outros, o que poderia levar à má execução do trabalho de tradução.

Christiane Nord afirma também que considerar a tradução como uma ação é, conseqüentemente, encará-la como uma interação entre dois ou mais agentes – a interação humana pode ser descrita como uma mudança de estado entre duas ou mais pessoas, o que a torna comunicativa, quando é efetuada através de signos produzidos de forma intencional por um agente, referido como “sender”, para ser recebido por outro agente, referido como “receiver” (Nord, 1997b, p. 16). Para além do simples ato comunicativo entre os dois agentes, estas interações acontecem também considerando o espaço e o tempo. O discurso é sempre condicionado cultural e historicamente e quando os agentes da interação pertencem a culturas e até mesmo a espaços temporais diferentes, é necessário que exista um intermediário que permita que a comunicação seja possível. É aqui que entram os tradutores e a importância do seu papel na sociedade, como Christiane Nord afirma:

Translators enable communication to take place between members of different culture communities. They bridge the gap between situations where differences in verbal and non-verbal behaviour, expectations, knowledge and perspectives are such that there is not enough common ground for the sender and receiver to communicate effectively by themselves. (Nord, 1997b, p. 17)

A autora afirma ainda que é necessário fazer uma comparação entre a função do texto de partida e a função do texto de chegada para poder prever alguns dos problemas que surgem no processo de tradução (Nord, 1997b, p. 14). Isto é, o modelo deverá auxiliar o tradutor a partir do momento em que este recebe o texto de partida e a encomenda de tradução, não apenas quando o tradutor começa a fazer as suas escolhas de tradução. Tal como para Reiss e Vermeer, também Nord considera a função do texto de chegada um elemento crucial. No entanto, o texto de partida não pode ser visto como um elemento separado do processo de tradução ou como um elemento com menos importância. De acordo com a autora, deve ser atribuída a respetiva importância ao texto de partida, porque não é possível existir uma tradução ou um processo de tradução sem que exista um elemento de partida (Nord, 1997b, p. 32). Para além da importância do texto de partida, é também necessário ter em consideração o autor do texto de partida e as suas intenções. É aqui que entra o conceito de “fidelidade”.

Reiss e Vermeer introduzem o conceito de fidelidade na sua abordagem, pois para estes autores numa tradução deve existir fidelidade entre o texto de partida e o texto de chegada. Se pensarmos nas regras que propõem, a coerência entre o texto de partida e o texto de chegada encontra-se na quinta e última posição, tendo portanto menos importância que todas as outras regras. Isto significa que, de acordo com os autores, o tradutor deve primeiro certificar-se de que o propósito do texto de chegada é adequado; segundo, certificar-se de que o texto de chegada é coerente só por si; e só por último deve certificar-se de que o texto de chegada está em concordância com o texto de partida (Munday, 2016, p. 128).

Contudo, de acordo com Christiane Nord, ainda que o propósito do texto de chegada seja o aspeto mais importante no processo de tradução, não pode ser o único a ser considerado (Nord, 2005, p. 32). O tradutor não é apenas responsável pelo texto de chegada, mas sim por se certificar que existe uma relação entre o texto de partida e o texto de chegada. Para a autora, este dever designa-se por lealdade. Contrariamente ao conceito de fidelidade de Reiss e Vermeer, que se focava na relação do tradutor com o texto de chegada, o conceito de lealdade de Nord prende-se com a responsabilidade do tradutor para com o autor do texto de partida (e as suas intenções)

e com os leitores do texto de chegada. Para a autora, este conceito está essencialmente relacionado com o comportamento do tradutor, é responsável por preservar a intenção e os interesses do autor e, ao mesmo tempo, responsável por respeitar os leitores ao transmitir a mensagem de forma fidedigna (Nord, 1997b, p. 125).

Antes de explicitar o modelo de análise textual de Christiane Nord, é importante referir a distinção que a autora faz entre o que são, para si, os dois tipos básicos de processos de tradução: a tradução documental e a tradução instrumental.

A tradução documental refere-se à tradução de um documento que serve de comunicação entre o autor do texto de partida e o leitor desse mesmo texto. Neste tipo de documentos, os elementos referentes à cultura do texto de partida são mantidos e reproduzidos no texto de chegada. Os leitores do texto de chegada estão cientes desta situação e não estranham que não façam diretamente parte deste ato comunicativo. Os exemplos de traduções documentais mais comuns são as traduções literais e as traduções que têm como principal objetivo “preservar a cor local do texto de partida” (Nord, 2005, pp. 80-81).

Por sua vez, a tradução instrumental refere-se à tradução como instrumento de uma ação comunicativa independente, que apresenta a sua própria função. O texto deve ser lido pelo público-alvo do texto de chegada como se tivesse sido originalmente escrito na cultura de chegada, isto é, o leitor não deve notar que está a ler um texto traduzido (Nord, 2005, p. 81). Este tipo de traduções é mais comum e engloba vários tipos de texto, como por exemplo a tradução técnica. Vejamos um manual de instruções: o essencial na tradução de um manual de instruções é que o utilizador consiga montar e manobrar um determinado produto, pelo que a transmissão da informação de forma clara só por si é o elemento mais relevante.

Passemos agora à análise do modelo de análise textual de Nord, que se diferencia de todas as outras teorias funcionalistas mencionadas. Tal como foi referido anteriormente, o objetivo da autora é que este modelo possa ser aplicado a todos os tipos de texto. Para alcançar esse objetivo, este modelo analisa o texto de partida, a importância e papel da encomenda de tradução e identifica problemas de tradução (Nord, 1997b, p. 59). Nord identifica os fatores de uma comunicação funcional e divide-os em duas categorias: os fatores intratextuais e os fatores extratextuais (Nord, 2005, p. 42).

Começemos pelos fatores extratextuais: estes aspetos são analisados antes de entrar em contacto com o texto de partida, para compreender o contexto em que está inserido. É importante

referir primeiro estes fatores porque condicionam posteriormente os fatores intratextuais e o processo de tradução em si. É através de questões contextuais como quem é o autor do texto, qual a sua intenção, quem é o público-alvo e onde e quando o texto foi produzido, que é possível aferir qual a situação comunicativa do texto de partida (Nord, 2005, pp. 41-43). De acordo com a autora, na sua primeira abordagem à análise textual, os fatores extratextuais estão divididos em: emissor, intenção do emissor, recetor, meio, local, tempo, motivo e função do texto (Nord, 2005, pp. 47-83). Posteriormente, na sua obra *Translating as a Purposeful Activity*, a autora sintetiza esta informação e explica que estes aspetos devem estar presentes na encomenda de tradução. O tradutor precisa de ter acesso a estes elementos para poder comparar o texto de partida e o texto de chegada e poder concluir em que pontos coincidem e em que pontos divergem. Segundo Nord, existem cinco elementos relativos aos textos que devem fazer parte da encomenda de tradução (Nord, 1997b, p. 60). Vejamos cada um dos aspetos extratextuais separadamente.

Primeiramente, é importante saber quem é o público-alvo dos textos. Tal como já foi mencionado anteriormente, o público-alvo do texto de chegada é considerado um fator bastante importante nas teorias funcionalistas. O destaque dado ao público a quem o texto de chegada se destina é bastante visível, por exemplo, na tradução técnica, como já foi observado anteriormente. No entanto, o público-alvo do texto de partida também deve ser tido em consideração. Ter conhecimento de quem são os leitores de ambos os textos permite que o tradutor afira se está na presença de públicos-alvo semelhantes ou distintos. Caso os leitores sejam completamente distintos, o tradutor poderá ter de fazer adaptações ao texto: abordar mais detalhadamente elementos que possam ser desconhecidos para o público do texto de chegada, e omitir elementos que sejam, presumidamente, já conhecidos pelos leitores. Ainda que não existam várias semelhanças entre as duas audiências, estas nunca poderão ser exatamente iguais uma vez que se inserem em contextos culturais e situações diferentes (Nord, 2005, pp. 57-59).

De seguida, é relevante saber também quais as funções de ambos os textos. A função textual é o fator de destaque da grande maioria das abordagens funcionalistas, tal como foi observado anteriormente. De acordo com a autora, a função do texto está relacionada com a sua função comunicativa. Algumas destas funções comunicativas são tão frequentes e comuns que passam a constituir géneros, ou seja, “um género é um resultado textual de um determinado tipo de ação comunicativa”. O género textual e a função comunicativa são duas formas distintas de classificar um texto (Nord, 2005, pp. 77-78); Katharina Reiss, por exemplo, explora este conceito e utiliza as designações “informativo”, “apelativo” e “expressivo” (Reiss, 1977/1989, pp.

108-109). Voltando concretamente à função do texto, Nord refere também que a função texto de chegada só pode ser identificada depois de saber qual a função do texto de partida. Isto relaciona-se com o conceito de “lealdade”, que refere que o tradutor tem uma responsabilidade não só para com o público-alvo do texto de chegada, mas também para com o autor do texto de partida (Nord, 2005, pp. 80-81).

Outros aspetos importantes são o local e o tempo em que os textos são produzidos. Relativamente ao local, este aspeto ganha importância em situações em que uma língua é falada em vários locais diferentes (Nord, 2005, p. 67), como por exemplo Portugal e Brasil, onde a língua falada é português. Se a língua portuguesa for utilizada no texto de partida, o tradutor precisa de saber de qual das variantes se trata para poder realizar a sua pesquisa em conformidade; se a língua portuguesa for utilizada no texto de chegada, o tradutor precisa igualmente de saber qual a variante para poder utilizá-la corretamente. Para além disto, é importante conhecer o local para compreender não só as diferenças culturais que possam existir entre a cultura de partida e a cultura de chegada, mas também os aspetos linguísticos e políticos (Nord, 2005, p. 68). Por sua vez, o tempo refere-se ao momento da comunicação. Contextualizar temporalmente um documento é importante devido às constantes alterações contextuais. Existem textos que estão associados a determinados períodos históricos (Nord, 2005, p. 70). As línguas, no entanto, sofrem continuamente alterações a nível semântico, com a introdução de novas palavras e conceitos. Ao mesmo tempo, as culturas também sofrem alterações definidas por fatores sociais e políticos. Para além disso, a contextualização temporal pode ajudar a compreender algumas escolhas feitas pelo autor, que são condicionadas pelo meio em que se encontra, e pode ajudar a compreender a intenção do autor no texto de partida (Nord, 2005, p. 71).

O penúltimo fator extratextual é o meio. Este aspeto considera o canal de comunicação que transmite a mensagem ao leitor: através de texto ou através de uma comunicação oral. Este aspeto interfere com a escolha de linguagem e com a apresentação da informação e, caso se trate de uma comunicação oral, pode incluir a utilização de elementos não-verbais que podem ter de ser considerados. Tal como com o local e o tempo, o meio pode também ajudar a compreender decisões tomadas pelo autor (Nord, 2005, pp. 62-64).

Por fim, o último fator a ser analisado é o motivo. Ter conhecimento sobre o motivo pelo qual o texto de partida foi escrito pode ser bastante vantajoso para o tradutor. Aliás, de acordo com Nord, o motivo do texto de partida, ainda que possa ser completamente diferente do motivo

do texto de chegada, ajuda o tradutor a compreender a informação que está a ser transmitida e, conseqüentemente, facilita o processo de tradução (Nord, 2005, pp. 75-76). Note-se, o motivo e a intenção são dois fatores diferentes: ainda que a intenção também aborde o motivo pelo qual um texto é produzido, o motivo aborda adicionalmente a ocasião para a qual o texto foi produzido (Nord, 2005, p. 76). Se pensarmos na tradução de manuais de instruções, os documentos que são produzidos são exigidos por lei e existem para a comodidade dos clientes. O motivo do ato de comunicação é comercializar o produto em questão no país do texto de chegada.

De seguida, a autora designa e caracteriza os fatores intratextuais. Depois de mencionar os aspetos e fatores extratextuais que devem estar presentes na encomenda de tradução, Nord (Nord, 1997b, p. 62) passa a analisar o texto de partida e o seu papel no processo de tradução. Ainda que nas traduções funcionalistas referidas até agora tenha sido dado uma grande relevância ao texto de chegada, é importante não esquecer o texto de partida. Uma crítica frequente às abordagens anteriores era a irrelevância dada ao texto de partida, que era frequentemente considerado apenas uma ferramenta sem qualquer valor independente (Nord, 2005, p. 31). De acordo com a autora, depois de feita a comparação entre o texto de partida e o texto de chegada utilizando os fatores mencionados anteriormente, é crucial analisar o texto de partida mais detalhadamente. Depois de realizar uma análise metódica, o tradutor é capaz de determinar e decidir quais as informações mais importantes do texto de partida que precisam de estar presentes no texto de chegada e quais as estratégias de tradução mais adequadas para conseguir cumprir a encomenda de tradução (Nord, 1997b, pp. 62-63). Através desta análise é possível identificar o que a autora considera os aspetos intratextuais: assunto, conteúdo, os pressupostos culturais, composição do texto, elementos não-verbais, léxico, estrutura frásica e características prosódicas. Vejamos cada um destes aspetos separadamente.

O primeiro fator intratextual é o assunto. Este é dos aspetos mais importantes em todas as abordagens de análise textual orientada para a tradução. É importante determinar qual o tema (ou temas) de um texto principalmente devido às questões culturais. Se o assunto de um texto estiver relacionado ou inserido num determinado contexto cultural, pode ser possível retirar algumas conclusões sobre a cultura de partida e qual a sua relevância no texto de chegada. Adicionalmente, pode ser também possível retirar conclusões sobre alguns dos fatores extratextuais, como o tempo, o local ou a função do texto. Para além disso, saber qual é o tema de um texto permite que o tradutor perceba se tem o conhecimento específico sobre essa temática e, posteriormente, decidir se pode executar o trabalho (Nord, 2005, pp. 93-94).

O conteúdo é outro aspeto intratextual mencionado pela autora. Tal como o nome indica, é relativo ao significado do texto. De acordo com Nord, o conteúdo está praticamente circunscrito a itens lexicais (Nord, 2005, pp. 98-99). Se pensarmos na tradução informática, por exemplo, é possível observar que a maioria do vocabulário está relacionada com *software* ou *hardware*.

De seguida, a autora define as pressuposições culturais. Este aspeto está relacionado com o conhecimento que os leitores de ambos os textos têm relativamente à cultura do texto de partida. Se o texto de partida contiver explicações ou redundância que não são relevantes para o público-alvo do texto de chegada, estas possam ser omissas uma vez que isso não implica a perda de informação no ato de comunicação. De igual forma, é crucial que a informação pressuposta pelo autor do texto de partida seja, de alguma forma, transmitida aos leitores do texto de partida na tradução para que a tradução realize o seu propósito de comunicação. Isto pode ser necessário quando o texto de partida apresenta convenções, referências ou simbologias que não são conhecidas na cultura do texto de chegada. Para isso, é necessário que o tradutor esteja ciente da informação que pode potencialmente ser omitida e da informação que necessita de, potencialmente, ser explicada (Nord, 2005, pp. 106-107).

O próximo fator intratextual é a composição do texto. De acordo com Thiel (Nord, 2005, p. 110), o texto é composto por uma macroestrutura que contém várias microestruturas. As macroestruturas consistem em segmentos como as notas de rodapé e as citações; por sua vez, as microestruturas consistem, por exemplo, nas unidades de informação e na ordem e relação lógica de frases. Esta divisão das estruturas permite diferenciar os vários segmentos de texto que podem apresentar condições diferentes e, conseqüentemente, necessitar de estratégias de tradução diferentes. Analisar a composição do texto pode também ser útil quando o texto é confuso ou complexo; analisar as estruturas separadamente pode ajudar o tradutor a decifrar o significado e a descodificar a informação (Nord, 2005, pp. 110-117).

Os elementos não-verbais presentes num texto também devem ser analisados. Fazem parte destes fatores os aspetos paralinguísticos que requerem comunicação presencial (isto é, requer que as pessoas envolvidas no ato comunicativo se vejam umas às outras, como numa videochamada), incluindo expressões faciais, gestos e qualidade da voz. Para além disso, a autora também refere os elementos não-verbais que estão presentes num texto, como as imagens, ilustrações e logótipos. Estes elementos podem ter várias funções, nomeadamente acompanhar, complementar ou descodificar a mensagem do texto (Nord, 2006, pp. 118-119). Este tipo de

elementos é bastante comum na tradução técnica, nomeadamente na tradução de manuais; este tipo de documentos apresenta bastantes ilustrações e imagens a acompanhar o texto para que o utilizador possa, para além da leitura, ter um apoio visual.

A autora designa e descreve também o léxico, e explica que este é um dos fatores mais importantes nas abordagens focadas na análise textual. Apesar de se encontrar nos fatores intratextuais, o léxico também apresenta informações essenciais para determinar fatores extratextuais (Nord, 2005, p. 122). Voltando à tradução técnica, por vezes é possível aferir o tipo de texto e qual a sua função ao observar o léxico utilizado. Por exemplo, no caso dos manuais de instrução, estes apresentam um tipo de linguagem bastante específico que se torna fácil de identificar.

Em penúltimo lugar a autora identifica a estrutura frásica. A análise da sintaxe do texto permite obter informações sobre outros aspetos, tais como a complexidade do assunto, a ordem pela qual a informação é apresentada ou figuras de estilo como elipses, pleonasmos ou hipérbolos (Nord, 2005, pp. 129-130). Se observarmos a estrutura frásica dos manuais de instruções, é possível verificar que apresentam a informação de forma simples e concisa, para que o utilizador possa compreender facilmente as indicações e é também possível verificar que não utilizam figuras de estilo como as enumeradas anteriormente (isso poderia fazer com que o texto se tornasse complicado e pudesse não cumprir a sua função).

Por último, a autora descreve as características prosódicas. Estas características definem o tom do texto, modulação e variações de sonoridade. Estes aspetos podem variar de acordo com o meio através do qual o texto é transmitido (Nord, 2005, p. 132). No caso dos manuais de instruções, não existem muitas características prosódicas presentes; as escolhas verbais são bastante neutras, normalmente conjugadas no infinitivo.

Esta análise textual com fatores extratextuais e intratextuais permite que o tradutor tenha acesso a toda a informação disponível e tome decisões de tradução mais conscientes. Para além disso, a autora também refere que esta abordagem permite que o tradutor consiga identificar problemas de tradução antecipadamente (Nord, 1997b, p. 64). Tendo em consideração o ato comunicativo de ambos os textos e a funcionalidade do texto de chegada, Nord divide hierarquicamente os problemas de tradução em quatro categorias para que a identificação seja mais simples e, conseqüentemente, a resolução de problemas seja também mais simples e rápida (Nord, 2005, pp. 188-190).

Primeiramente, a autora apresenta a categoria referente aos problemas de ordem pragmática entre o texto de partida e o texto de chegada que resultam das diferenças entre os fatores extratextuais de cada um deles. Considerando que este tipo de problemas está presente em todas as traduções, independentemente das línguas ou culturas, estes tornam-se os problemas mais importantes e mais relevantes que devem ser mencionados na formação de tradutores (Nord, 1997b, p. 65). De seguida, temos os problemas culturais que estão relacionados, tal como o nome indica, com as diferenças culturais, nomeadamente normas e convenções, que existem em ambas as linguagens e culturas. Este tipo de problemas é recorrente nas traduções instrumentais; por exemplo, a tradução de instruções pode necessitar de alguma adaptação devido às diferentes legislações. A terceira categoria refere-se aos problemas de tradução linguísticos; esta categoria envolve os problemas entre os pares de línguas do texto de partida e do texto de chegada. Estes problemas resultam de “falsos amigos”¹⁵ ou cognatos nas duas línguas que fazem parte do processo de tradução. Por fim, a quarta categoria é relativa aos problemas de tradução relacionados especificamente com o texto de partida. Fazem parte desta categoria elementos como recursos estilísticos, neologismos, provérbios, trocadilhos e jogos de palavras (Nord, 1997b, pp. 65-67).

A preocupação com identificação e resolução de problemas relacionados com a tradução é ainda hoje um tema recorrente. Jody Byrne também apresenta considerações relevantes sobre esta temática. No seu livro *Scientific and Technical Translation Explained*, o autor apresenta, para além de uma explicação sobre o que são os textos científicos e os textos técnicos e as suas respetivas características, um capítulo dedicado a estratégias e técnicas de tradução. A estratégia mais relevante no contexto do estágio curricular e deste Relatório de Estágio é a produção de uma encomenda de tradução. A encomenda de tradução consiste numa lista de questões básicas que podem ser colocadas a um cliente no início do processo de tradução. Desta forma, o tradutor pode primeiramente decidir se aceita o trabalho e, posteriormente, caso aceite a proposta, decidir qual a melhor forma para traduzir o texto (Byrne, 2012, p. 137).

Todavia, o próprio autor rapidamente desacredita esta estratégia, uma vez que existe uma forte possibilidade de o cliente não ficar satisfeito com este método. Fazer muitas perguntas pode parecer, aos olhos do cliente, pouco profissional e indicar que o tradutor não está confortável ou

¹⁵ A designação “falsos amigos” refere-se a palavras de línguas diferentes que são muito parecidas foneticamente ou semanticamente, mas que têm um significado completamente diferente. Entre o português e o inglês é possível verificar vários casos de falsos amigos: a palavra “application” em inglês, ainda que parecida com a palavra “aplicação” em português, significa “inscrição”; a palavra “realize” em inglês, ainda que parecida com a palavra “realizar”, significa “perceber”.

preparado para realizar um determinado trabalho. O tradutor deve sempre lembrar-se de que o cliente espera simplesmente que o trabalho seja feito, uma vez que assume que este tem uma capacidade inata para responder a estas perguntas automaticamente, considerando que a tradução é o seu trabalho (Byrne, 2012, p. 137). Para além disso, é relevante referir que nem mesmo Reiss e Vermeer especificam quais devem ser as informações presentes numa encomenda de tradução. Contudo, atualmente existe um consenso sobre o que deve constar num documento como este. Jody Byrne apresenta, no seu exemplo de encomenda de tradução, informações tais como língua de partida, língua de chegada, tipo de texto, função do texto de chegada, público-alvo de chegada, formação do público-alvo, referências e requisitos específicos do cliente.

Como já foi referido anteriormente, na primeira semana do estágio curricular foi analisado, juntamente com a orientadora de estágio, o exemplo dado por Jody Byrne. Ainda que a produção de um documento tal como o autor sugere seja um processo complexo e, por vezes, impossível, é importante ter este conceito em mente. É indispensável que a comunicação entre o cliente e o tradutor se torne um hábito e seja frequente para que ambas as partes possam executar os seus respetivos trabalhos com sucesso. No contexto do meu estágio curricular, felizmente, a maioria dos projetos com os quais tive contacto era acompanhado de toda a informação necessária. Isto deve-se principalmente ao facto de se tratar, em muitos casos, de clientes recorrentes da orientadora de estágio, o que significa que já estavam habituados a trabalhar com um tradutor e já tinham conhecimento das informações fundamentais necessárias.

Tal como foi aprofundado até aqui, a prática da tradução prende-se com aspetos que vão muito além do simples ato de tradução. Torna-se claro que o processo de tradução tem de ter em consideração fatores como o ato comunicativo, os fatores intratextuais e extratextuais e os problemas que surgem da tradução. Considerando estes elementos, e atendendo à sua aplicação à tradução técnica, pretendo utilizar a abordagem de Christiane Nord na terceira parte deste Relatório, aplicando a terminologia e analisando os problemas de tradução do projeto escolhido.

Capítulo III

3. A localização

A necessidade de internacionalizar e comercializar as novas tecnologias leva a uma procura para adaptar os produtos aos diversos mercados regionais. Os computadores pessoais surgiram nos anos 1980 e, a partir daí, a tecnologia de computadores começou a crescer e a tornar-se mais disponível para o público em geral e não só para os informáticos e engenheiros. A utilização destes dispositivos por parte de um número maior e mais diverso de utilizadores fez com que existisse uma crescente necessidade de criar e desenvolver *software* e *hardware* que permitisse realizar o seu trabalho mais eficazmente. Anthony Pym refere o exemplo da empresa Microsoft, que começou a desenvolver *software* para o mercado norte-americano também na década de 1980 e a traduzi-lo para as principais línguas de outros mercados, como o francês e o alemão. No entanto, com a larga e rápida expansão do mercado, o modelo de tradução simples de uma língua para a outra tornou-se ineficaz e dispendioso (Pym, 2014, pp. 118-119). Era necessária a adaptação de texto em menus, ficheiros e caixas de diálogo, em termos de *software*, mas também na adaptação de *hardware*, como por exemplo a alteração de teclados para as diversas línguas (por exemplo a adição da tecla “ç” nos teclados de língua portuguesa e da tecla “ñ” no teclados de língua espanhola). Estas alterações não são necessariamente feitas apenas pelo tradutor; questões como a alteração dos teclados são tratadas por especialistas técnicos que estão em contacto com o produto. Isto significa que este processo envolve uma grande variedade de tarefas que são realizadas por uma equipa de pessoas, onde os tradutores estão inseridos (Pym, 2014, p. 118). Para tornar o processo mais eficaz, os produtos começaram portanto a ser produzidos já com o intuito de serem distribuídos mundialmente. Este processo é designado por “localização”.

3.1. Conceitos básicos de localização

A localização é uma área muito recente para os especialistas da tradução e da linguagem. Esta área está relacionada com a era digital e com os produtos informáticos, num mundo onde a tecnologia está bastante presente na vida quotidiana. Ainda que a localização possa parecer

apenas um processo de tradução tradicional com um pouco de adaptação, é importante notar que a localização é muito mais do que mera tradução de alta tecnologia. Este tipo de tradução deve ser tratado com a respetiva complexidade e importância devida – a localização faz parte de diversos processos e é, conseqüentemente, uma parte integral da globalização. As várias etapas da localização estão relacionadas não só com a tradução, mas também com *marketing*, o que leva a que se fale bastante em “produto” em vez de simplesmente “texto”, e a que sejam também introduzidos termos como “preparação” e “adaptação” na caracterização e descrição do processo (Pym, 2014, p. 119).

Antes de explorar os vários tipos de localização e as respetivas metodologias, é crucial definir alguns dos termos mais importantes desta temática: globalização, internacionalização, localização e *locale* (um termo que combina linguagem, localização geográfica e implicações culturais envolvidas), que são normalmente abreviados segundo o acrónimo GILT (globalização, internacionalização, localização e tradução).

O conceito de globalização é crucial para compreender a localização. Desde os anos 1980, com o aumento exponencial da tecnologia, a preocupação e necessidade de tornar a informação mais acessível para toda a população também aumentou. O fluxo de informação levou a uma grande expansão económica e social mundial, o que resultou, conseqüentemente, num maior foco na integração do mundo dos negócios num nível internacional (Lommel, 2007, pp. 3-4).

Em termos mais gerais, este termo está principalmente associado à economia e aos negócios, mais concretamente aos vários processos e problemas associados à comercialização, a nível mundial, de um produto. No entanto, no contexto da localização, a globalização refere-se às atividades relacionadas com a comercialização de um produto em vários mercados regionais, adaptando-o às necessidades dos residentes daquela região. Ainda que a primeira aceção da palavra não se enquadre no contexto direto deste Relatório, é importante referi-la para que se veja que ambas as aceções remetem para o mesmo conceito de “tornar(-se) comum ou global”¹⁶. É comumente utilizado, neste contexto, o acrónimo G11n para a palavra globalização.

¹⁶ Referência à primeira aceção da palavra “globalização” de acordo com o dicionário Infopédia da Língua Portuguesa. Informação disponível na página <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/globaliza%C3%A7%C3%A3o>

Para proceder à inserção de um produto em diversos mercados, é necessário que se faça a sua internacionalização. De acordo com Arle R. Lommel¹⁷, a internacionalização é definida como “the process of enabling a product at a technical level for localization” (Lommel, 2007, p. 17). Isto significa que um produto concebido para ser distribuído mundialmente não necessita de ser completamente remodelado ou reinventado, uma vez que esse produto já é concebido com a preocupação de que terá de ser posteriormente adaptado, tornando este processo mais simples. Fazem parte da internacionalização as várias tarefas de preparação que facilitam a localização subsequente de um produto para diversas convenções culturais e de linguagem. Sempre que possível, a preparação do produto já inclui retirar determinados elementos de *locales* específicos e substituí-los por elementos gerais, tanto quanto possível (Pym, 2014, p. 120).

Num processo normal de tradução, o tradutor passa de um texto de partida para um texto de chegada. No entanto, na localização, o texto de partida passa para uma versão intermediária – essa versão é a chamada versão internacionalizada. É comumente utilizado, neste contexto, o acrónimo I18n para a palavra internacionalização.

O termo *locale*¹⁸ é definido pelo dicionário Merriam-Webster como “a place or locality especially when viewed in relation to a particular event or characteristic”. Isto é, um *locale* identifica um grupo de pessoas pelas suas convenções linguísticas e culturais comuns, ainda que este grupo não esteja necessariamente no mesmo espaço ou local físico. Este termo combina a linguagem, a localização geográfica e as implicações culturais envolvidas. Não é possível dizer que o *locale* é uma cultura ou uma língua específica; um *locale* é mais do que uma cultura porque é mais abrangente, e também não pode ser considerado uma língua, ainda que a língua seja uma parte essencial de um *locale*. Existem *locales* diferentes que podem utilizar a mesma língua do texto ou produto de partida, por exemplo, o francês de França, o francês da Suíça e o francês do Canadá. No entanto existem sempre adaptações que são necessárias para que o produto seja bem recebido.

Em termos técnicos, os *locales* são representados por uma combinação da nomenclatura utilizada para classificar línguas (identificados na norma ISO 639-1) com a nomenclatura utilizada para classificar os países (identificados na norma ISO 3166-1). Ambas as nomenclaturas são representadas por um sistema de duas letras, que resulta em códigos como,

¹⁷ Arle R. Lommel é um especialista reconhecido nas áreas da localização e da tradução. Lommel tem várias publicações na área, nomeadamente sobre os aspetos técnicos e empresariais da tradução e da relação entre eles.

¹⁸ Informação disponível na página <https://www.merriam-webster.com/dictionary/locale>

por exemplo, fr-CA, que se refere ao francês falado no Canadá, ou como es-VE, que se refere ao espanhol falado na Venezuela.

Depois de dadas algumas noções dos conceitos adjacentes, é necessário agora analisar o conceito de localização. A localização é definida pela *Localization Industry Standards Association* como “the process of modifying products or services to account for differences in distinct markets” (Lommel, 2007, p. 11). Quando se fala em “produto ou serviço” neste contexto, é importante lembrar que a localização envolve muito mais do que a simples tradução para a língua de chegada. A localização envolve também a alteração de elementos não textuais, como as imagens, os ícones, as cores, os formatos de datas e hora, etc. O objetivo da localização é fazer com que as pessoas de um *locale* específico consigam utilizar um determinado produto sem qualquer dificuldade na sua língua nativa e sem notar que o produto não foi originalmente feito na sua língua (Sandrini, 2008, p. 2). Os produtos que podem sofrer localização são, por exemplo, *websites*, *software* e *hardware*. É comumente utilizado, neste contexto, o acrónimo L10n para a palavra localização.

No âmbito deste Relatório de Estágio, a área específica mais pertinente é a localização de produtos relativos a *hardware*. No entanto, pretendo referir brevemente o que implica a localização de *software* e de *websites*, que são as duas áreas predominantes e sobre as quais existe mais literatura. A localização de produtos relativos a *software* é muito semelhante à de localização de produtos de *hardware*, pois as adaptações necessárias são as mesmas, nomeadamente no que diz respeito à adaptação de elementos característicos de cada *locale*.

3.1.1 Localização de *Websites*

Por sua vez, a localização de *websites* é um pouco diferente da localização de *software* ou *hardware*. A *Internet* surgiu nos anos 1990 e, ainda que relativamente recente, já é algo considerado tão natural que chega até a ser subestimado. Assim que surgiram os *websites*, surgiu também a necessidade de os tornar acessíveis, através de serviços de tradução técnica que permitem que os *websites* funcionem, mesmo depois de traduzidos. A localização de *websites* pode ser definida como “the process of modifying an existing Website to make it accessible, usable and culturally suitable to a target audience” (Sandrini, 2008, p. 9).

A função de um *website* varia bastante, dependendo do seu conteúdo – esses conteúdos são chamados os *digital assets*. De acordo com Peter Sandrini, estes conteúdos podem ser divididos em:

1. conteúdo comum, de que fazem parte os constituintes da estrutura principal de um *website*;
2. conteúdo multimédia, de que fazem parte os constituintes de som e imagem;
3. conteúdo acessível apenas através de aplicações específicas, como o Adobe PDF;
4. conteúdo comercial, de que faz parte o comércio eletrónico;
5. conteúdo para a comunidade, de que faz parte o conteúdo dinâmico e de discussão. (Sandrini, 2008, pp. 9-10)

Dentro desta divisão, é possível também dividir a informação em estática (informação não suscetível de ser alterada, como por exemplo eventos históricos), dinâmica (informação em constante mudança, como por exemplo os preços de produtos) ou semi-dinâmica (informação passível de ser alterada, como por exemplo as biografias de pessoas vivas) (Sandrini, 2008, p. 10). Estes conteúdos apresentam importâncias e preocupações diferentes no processo de localização, uma vez que alguns exibem mais desafios que outros, como o conteúdo dinâmico. Este tipo de conteúdo tem uma vida útil bastante curta, uma vez que está suscetível a alterações constantes, o que significa que é mais difícil de localizar porque pode necessitar de programação adicional para acompanhar as transformações ao longo do tempo. Se pensarmos no preço dos produtos, é necessário que exista uma codificação específica na programação do *website* para que o valor seja alterado consoante o aumento ou redução do preço dos produtos, sem que seja necessário voltar a introduzir os valores e as moedas.

Considerando que o conteúdo a ser localizado é diferente do conteúdo localizado em *software*, é possível também assumir que o seu foco e objetivo são diferentes: a localização de *websites* foca-se essencialmente na linguagem e na qualidade do conteúdo apresentado, e não necessariamente na funcionalidade do produto, como é o caso da localização de *software* (Sandrini, 2008, p. 12).

Outro fator que tem de ser considerado é a capacidade de um *website* apresentar várias páginas nas diversas línguas para as quais é traduzido. Ainda que este problema seja mais técnico e direcionado primeiramente para os programadores, é um dos fatores a ponderar ao pensar em expandir o mercado para outros *locales*.

Tal como na localização de *software*, é também aqui necessário realizar testes e verificações ao carregar as várias páginas, nomeadamente erros de foro linguístico e informático.

É importante verificar se a página localizada funciona exatamente da mesma forma que a página original e se serve o mesmo propósito. Por exemplo, as hiperligações, que têm de funcionar e de remeter para o mesmo conteúdo que a página original. Deve ainda ser possível verificar se a tradução do texto em si está correta, completa e satisfatória e se a página está também visualmente satisfatória. Por exemplo, podem existir alterações gráficas relativas ao tamanho e formato do texto apresentado, sendo necessário um ajuste para que o produto final continue a ser apelativo.

3.2.1 Localização de *software*

Primeiramente, é importante definir o que é *software* para que se compreenda o que implica a localização destes produtos. O termo *software* é definido pela Infopédia como:

1. conjunto dos meios não materiais (em oposição a *hardware*) que servem para o tratamento automático da informação e permitem o «diálogo» entre o homem e o computador;
2. conjunto de programas que possibilita o funcionamento do computador no tratamento do problema que lhe é posto (Infopédia, 2021)

Em termos técnicos, o *software* refere-se ao código organizado num ficheiro executável que é enviado para o *hardware* com informações e ordens, estabelecendo o que este faz. Este código executável deve ter a mesma função antes e depois da localização (Sandrini, 2008, p. 3). No início, o processo de localização de *software* era bastante complicado, porque dentro do código de programação nem todo o texto é para ser localizado ou traduzido – era bastante complicado para os localizadores encontrar as pequenas parcelas de texto a serem traduzidas sem alterar acidentalmente partes de texto pertencentes ao código de programação em si. Neste contexto, a alteração de uma simples letra numa linha de comando pode fazer com que o programa passe a apresentar erros constantes ou deixe até mesmo de funcionar por completo.

É possível encontrar, no meio de um código, instruções e comandos, por exemplo, em inglês, mas isso não significa que estas palavras devam ser tratadas automaticamente como texto para ser traduzido, uma vez que estas instruções podem fazer parte da linguagem de programação utilizada e não devem ser alteradas. Esta dificuldade fez com que os produtos passassem a ser produzidos já com o intuito de serem posteriormente localizados e, para além

disso, que as equipas de produção e localização passassem a trabalhar conjuntamente e em função uma da outra. (Esselink, 2000, p. 22). Para além da tradução e localização de texto dentro do código de programação, existe também a necessidade de adaptar outros elementos como os formatos de datas e horas, a moeda, as unidades de medida e os atalhos de teclado, que são elementos bastante variáveis e dependentes do *locale* para o qual se destina o produto final. Para além do produto *software* em si mesmo, este vem sempre acompanhado de manuais e guias, sejam físicos ou digitais, que também necessitam de localização.

Para realizar a localização de ficheiros executáveis, Sandrini identifica três passos essenciais: preparar o código, traduzir os elementos necessários e, para finalizar, testar o código (Sandrini, 2008, p. 4). Primeiramente é necessário que o código de programação seja preparado para a tradução. Depois de identificada a linguagem de programação e o programa no qual o produto foi criado, o tradutor deve aceder aos ficheiros enviados em anexo, nomeadamente os ficheiros de recurso, que incluem os elementos principais a serem traduzidos. Se estes ficheiros de recurso não existirem, a informação traduzível e a linguagem de programação podem confundir-se e, como disse anteriormente, levar a que um comando dentro do código seja indevidamente traduzido.

De seguida, passa-se à tradução propriamente dita, com recurso a programas específicos, como por exemplo o SDL Passolo, que facilitam o processo completo. Neste processo de tradução é especialmente importante prestar atenção a situações como, por exemplo, os atalhos de teclado reatribuídos a outras teclas. Estes atalhos são normalmente conjuntos de teclas que, quando premidos ao mesmo tempo, permitem aceder a uma determinada funcionalidade mais facilmente, como por exemplo a combinação CTRL + C (a letra C vem de “Copiar”) que serve para copiar um elemento de texto ou imagem. Na aplicação Microsoft Word, em português, a combinação CTRL + A (Abrir) resulta na abertura de um documento. No entanto, na mesma aplicação em inglês, para obter o mesmo resultado, a combinação é CTRL + O (Open). Numa das traduções feitas durante o estágio curricular surgiu uma situação semelhante (referida no capítulo I, secção 1.6, Exemplo 1), na qual a letra destacada foi alterada. Neste caso concreto, a letra estava associada a uma hiperligação para conteúdo relacionado e não a um atalho para aceder a uma funcionalidade. Isto significa que a alteração da letra não se revelou problemática; ainda assim foi necessário ter em atenção a utilização de uma letra não acentuada para que pudesse ser compreendida e reproduzida por um teclado da língua de chegada.

Para finalizar, é necessária uma panóplia de testes, nomeadamente testes linguísticos e funcionais, de forma a verificar se tanto os parâmetros de tradução como os parâmetros

informáticos estão em conformidade. A questão visual é bastante importante e também tem de estar dentro do que seja considerado adequado, tendo em conta o produto de partida e as alterações feitas no produto de chegada, que têm também de ser visualmente agradáveis (Sandrini, 2008, p. 8).

Esta breve abordagem ao mundo da localização permite compreender e contextualizar o que se segue na análise do manual de instruções traduzido durante o estágio curricular. Como vai ser explicado, na localização deste manual foram utilizados termos, siglas e designações da língua de partida na tradução. Estas escolhas são possíveis porque existe uma predominância da língua inglesa no que diz respeito à criação de terminologia informática (Byrne, 2006, p. 4), o que leva à utilização dessa mesma terminologia quando é feita a localização de um produto. Estas decisões são tomadas não só por uma questão de uniformidade terminológica mas também por questões económicas, que serão exploradas numa secção posterior. Nas próximas secções pretendo explorar a localização de manuais de instruções e analisar as escolhas de tradução.

4. Tradução de manuais de instruções

Como foi referido no capítulo anterior, a tradução de manuais de instruções representa uma parte significativa da tradução técnica. Com a evolução e criação de novas tecnologias e produtos, surge a necessidade de expandir e globalizar esse mercado, que conseqüentemente resulta na necessidade da tradução dos documentos que acompanham os produtos.

De acordo com Jody Byrne, os manuais são documentos educacionais que ajudam o leitor ou utilizador a compreender ou aprender como utilizar um determinado objeto (Byrne, 2012, p. 59). Para além dos manuais de instruções, existem vários tipos de documentos que apresentam uma função igualmente educativa, tais como os manuais de referência. Estes dois últimos tipos de documentos são destinados a utilizadores e leitores mais experientes, com um conhecimento mais avançado sobre a utilização e manuseamento do produto. Uma vez que os leitores estão acostumados com o produto, a terminologia é mais especializada e a linguagem mais complexa (Byrne, 2006, pp. 51-52). Para além deste tipo de manuais, documentos tais como livros de culinária, tutoriais, e sistemas de pesquisa *online* também são considerados nesta categoria (Byrne, 2012, pp. 59-62)

Os manuais de instruções, também designados manuais de utilizador, destinam-se a leitores e utilizadores sem conhecimento prévio do produto. Tal como mencionado anteriormente em relação à Resolução C411, a informação deve estar explícita, escrita de forma concisa e de fácil compreensão para que o leitor possa compreender e posteriormente utilizar o produto da forma projetada (1998, p. 3). A linguagem utilizada é, normalmente, simples e explícita; as informações, conceitos e termos essenciais devem ser explicados ao longo do manual para que o leitor compreenda todas as informações (1998, p. 4). A função do manual é explicar e ensinar como é que o produto funciona, fornecendo informações essenciais e importantes para que as pessoas possam usufruir do produto na totalidade. Para além disso, os manuais de instruções também contêm instruções de segurança e advertências para evitar possíveis danos pessoais e materiais (1998, p. 4).

É extremamente importante que os manuais contenham todas as informações necessárias para assegurar a utilização correta e responsável de um produto. A produção de um documento de qualidade é essencial para assegurar a prevenção de acidentes que envolvem o utilizador. Estima-se que uma parte das devoluções e reclamações feitas tenham origem na má interpretação ou redação de manuais de instruções (Byrne, 2006, p. 65), que resultam na utilização imprópria dos produtos. Para assegurar a redação adequada deste tipo de documentos, existem normas e diretrizes, tal como a Resolução C411, que já foi referida no capítulo anterior. Estas indicações servem não só para guiar os autores dos manuais mas também, posteriormente, os tradutores desses mesmos documentos.

Ainda que não seja o autor original do texto, é importante ter em consideração que o tradutor técnico deste tipo de documentos está inevitavelmente associado aos problemas relativos aos manuais de instruções. As traduções erradas são consideradas uma das principais causas da existência de manuais de instruções inadequados, como referido na Resolução C411 (1998, p. 1). No entanto, ainda que isto se possa verificar, é necessário ter em consideração que o tradutor, e até mesmo o autor, têm um papel pouco ou nada significativo na redação destes documentos, uma vez que estes processos são, normalmente, deixados para segundo plano e só são contemplados quando o produto está prestes a ser exportado e comercializado (Byrne, 2006, p. 68).

Embora o tradutor não possa fazer alterações significativas num manual, é possível realizar pequenas alterações que podem ter um impacto positivo e significativo, melhorando assim a experiência do utilizador final. Por exemplo, o tradutor pode fazer alterações a nível

linguístico que facilitem a compreensão do público-alvo do texto de chegada, como a utilização de linguagem mais simples ou concisa relativamente ao texto de partida. Em contrapartida, não compete ao tradutor alterar o conteúdo ou o formato integral de um documento, a não ser que isso seja expressamente solicitado.

Atendendo a estas considerações, na próxima secção deste capítulo reflito sobre alguns dos problemas e posteriores soluções encontrados na tradução de um manual de instruções durante o Estágio Curricular. Por uma questão de organização, apresento primeiramente alguns dos problemas associados ao nível extratextual e, de seguida, alguns dos problemas ao nível intratextual. Para finalizar, apresento algumas conclusões e considerações pessoais relativas à tradução final do documento.

5. Problemas de tradução relativos a manuais de instruções

Ao longo do Estágio Curricular foram feitas várias e diversificadas traduções, cada uma delas com os seus próprios problemas e dificuldades, tal como já foi referido anteriormente. No entanto, neste capítulo apresento os principais problemas de tradução que surgiram ao realizar a tradução de um manual de instruções da montagem de um computador. Este foi o quarto projeto realizado durante o Estágio Curricular e teve uma duração aproximada de duas semanas. Por uma questão de confidencialidade, os exemplos são apresentados para que a identidade do cliente seja preservada, assim como a divulgação de informações que possam ser comprometedoras.

5.1. Fatores extratextuais

Remetendo para o modelo de análise textual de Christiane Nord, os fatores extratextuais são, como já foi referido no capítulo anterior, essenciais para o tradutor uma vez que condicionam o processo de tradução (Nord, 2005, p. 44). Relativamente a possíveis problemas de tradução relacionados, foi possível aferir que nenhum dos elementos causou problemas na tradução. As informações relativas a estes elementos foram devidamente apresentadas antes do início da tradução. O emissor, ou cliente, do projeto realizado é o fabricante do computador.

Considerando que estamos a analisar a tradução de um manual de instruções de um produto, é natural que o emissor e a intenção desse mesmo emissor sejam os mesmos para ambos os textos de partida e de chegada. É do interesse do fabricante que o produto seja produzido em massa e exportado para outros países, o que significa que é necessário que as instruções que acompanham o produto se encontrem nos respetivos idiomas.

Relativamente ao público-alvo do texto de chegada, e mais uma vez considerando o tipo de documento traduzido, foi possível aferir que os leitores são semelhantes e apresentam o mesmo tipo de conhecimento relativo ao texto. O manual de instruções é um documento educativo que se destina a ser lido e interpretado por pessoas sem qualquer conhecimento prévio do produto em questão. A função do manual de instruções é guiar o utilizador na montagem e utilização do produto, independentemente da língua no qual está escrito. Assim sendo, a única diferença entre os leitores do texto de partida e do texto de chegada é a sua cultura e o seu idioma. Neste caso concreto, ainda que a cultura de chegada seja diferente da cultura de partida, este não é um elemento relevante porque não é necessário fazer alterações de foro cultural.

O meio, ou canal de comunicação, do texto de partida é exatamente o mesmo do texto de chegada. A informação é transmitida e apresentada através de texto escrito e as suas características principais de semântica, sintaxe e coesão são as mesmas em ambos os textos. O nível de explicitação é o mesmo uma vez que os textos são transmitidos da mesma forma. Isto deve-se principalmente ao facto de existirem, como já foi referido, normas e diretrizes que devem ser seguidas na redação e tradução deste tipo de documentos.

De seguida, relativamente ao local, pode ser importante para o tradutor saber exatamente quando e onde é que o texto de partida foi produzido para que possa realizar a sua pesquisa e tomar decisões tendo essa informação em consideração. No documento original não existem advérbios de tempo ou lugar que são, por vezes, problemáticos na realização de uma tradução. Se no texto de partida existir, por exemplo, o advérbio de tempo “hoje”, é necessário averiguar exatamente qual a sua referência (a que dia exato se refere o advérbio para que o tradutor possa traduzir corretamente no texto de chegada). Relativamente ao local em que o texto de partida foi emitido, existe apenas um elemento que está diretamente relacionado com este fator – a utilização de unidades de medida. Neste caso concreto, o texto de partida está escrito em inglês. Em algumas situações, tais como, por exemplo, em catálogos, ainda é possível observar o sistema imperial, onde se utiliza a medida de *inches* (polegadas) e *feet* (pés). No entanto, o

sistema métrico está a tornar-se a norma internacional (Byrne, 2012, p. 57). Vejamos os dois exemplos seguintes:

Texto de partida

Pull the top cover to the front for about **1 cm** (1).

Remove the five **3x6mm** screws to remove the front bezel from the top cover.

Texto de chegada

Puxe a tampa superior **1 centímetro** para a frente (1).

Retire os cinco parafusos **3x6 mm** para retirar a tampa frontal da tampa superior.

No texto de partida, a unidade de medida de comprimento utilizada é o metro. O sistema imperial ainda é utilizado em países como os Estados Unidos da América e o Reino Unido quando, por exemplo, existe a referência à altura de uma pessoa¹⁹. No entanto, como o sistema métrico é o mais utilizado internacionalmente²⁰, não é estranho observar esta unidade de medida a ser utilizada neste contexto. Como já foi referido anteriormente, este tipo de produto é produzido para ser exportado globalmente. Ainda que noutros contextos o sistema imperial seja predominante, no que diz respeito a algo que é produzido já a pensar na sua comercialização, faz sentido que se utilize um sistema de medida consensual mundialmente.

Contudo, é interessante notar que existe um exemplo da utilização do sistema imperial no mesmo texto de partida. Inicialmente, a utilização dos dois sistemas de medida pode parecer confusa e problemática. No entanto, após alguma pesquisa esclarecedora, e tendo em consideração o contexto e temática no qual o documento se insere, foi possível compreender o motivo aliado a esta decisão. Vejamos dois exemplos da utilização deste sistema:

Texto de partida

Hold the **3.5"** drive securely in the middle and

Texto de chegada

Segure o disco **3.5"** firmemente no meio e

¹⁹ Em Inglaterra, por exemplo, dir-se-ia que uma pessoa mede “6ft 1” (*6 feet and 1 inch*), enquanto em, por exemplo, Portugal dir-se-ia que uma pessoa mede 1,85 m. Por uma questão de referência, “1 foot” equivale a aproximadamente 30 centímetros e “1 inch” equivale a aproximadamente 2,5 centímetros.

²⁰ O Sistema Internacional de Unidade, abreviado para SI, é um sistema de medidas de grandeza. Devido à vasta existência de sistemas de medida no passado, foi criado em 1792 um sistema sujeito a várias regulações, com o objetivo de ser utilizado universalmente. As unidades de medida neste sistema são: comprimento (metro), massa (quilograma), tempo (segundo), corrente elétrica (ampere), temperatura (kelvin), intensidade luminosa (candela) e quantidade de massa (mole). Esta informação pode ser consultada na página <https://www.nist.gov/pml/weights-and-measures/metric-si/si-units>

| | |
|---|---|
| pull it out completely. | puxe-o completamente para fora. |
| Removing the 2.5" drive from the drive cage | Remover o disco 2.5" do suporte para discos |

A utilização do símbolo " remete para *inch* (polegada, em português). Neste caso concreto, esta medida refere-se ao tamanho de um disco rígido. Estes discos são fabricados em dois tamanhos padrão, 2.5 polegadas ou 3.5 polegadas. Ainda que seja possível converter polegadas para centímetros, o consenso universal neste contexto específico é utilizar o valor em polegadas, nomeadamente utilizando o símbolo ". Uma simples pesquisa por “disco rígido” numa página portuguesa de venda de peças de *hardware* apresenta vários resultados cuja descrição, e até o próprio nome, apresentam um dos valores mencionados seguidos do símbolo para polegadas. Pressupõe-se que um utilizador que procure este tipo de peça no mercado tenha algum conhecimento da área informática e saiba como manusear e montar um computador. É improvável que um utilizador inexperiente compre peças e tente montar um computador de raiz, uma vez que a montagem requer alguns conhecimentos informáticos e eletrónicos. Isto significa que o utilizador que adquire este tipo de produto conhece estas medidas padrão e quais as principais diferenças entre os dois produtos.

Por outro lado, o utilizador deste manual de instruções pode não estar inteiramente consciente das diferenças entre estes dois discos. A função principal deste manual de instruções é guiar o utilizador na montagem e desmontagem deste computador, o que não significa necessariamente que se destine a pessoas com um conhecimento mais avançado na área. É possível que o utilizador queira apenas desmontar o computador para fazer uma limpeza de rotina, o que significa que o seu conhecimento sobre as peças que o integram pode ser menor. Estes utilizadores podem guiar-se pelas etiquetas coladas nas próprias peças. Estas etiquetas podem ter, por exemplo, informações tais como o nome do fabricante, o modelo, as dimensões, a capacidade de armazenamento e o número da patente. Isto permite que o utilizador identifique facilmente a peça e não a confunda com outra qualquer. Considerando que é do interesse do fabricante que a etiqueta seja lida e compreendida pelo maior número de pessoas, é natural que seja escrita em inglês. A língua inglesa é falada por aproximadamente 1,2 mil milhões pessoas, o que faz com que este idioma seja utilizado internacionalmente por indivíduos e empresas (Byrne, 2006, p. 62). Posto isto, é frequente que esteja indicado na etiqueta o tamanho do disco que, como já foi referido, é apresentado em polegadas. Desta forma, é fácil para o utilizador identificar este valor que surge na etiqueta e relacioná-lo com o valor apresentado no manual de instruções, independentemente da língua para a qual o documento possa ser traduzido.

O fator extratextual seguinte é o meio. No que se refere a este fator, não existem alterações entre o texto de partida e o texto de chegada. A informação é transmitida através da escrita em ambas as versões. A linguagem e a apresentação da mensagem também são idênticas em ambos os textos. Tal como já foi referido anteriormente, devido à regulamentação rigorosa existente, não seria possível existirem muitas diferenças entre ambos os textos. Para além disso, é necessário ter também em consideração que este documento está sempre associado a um produto, independentemente do idioma para o qual é traduzido. Em Portugal, é obrigatório que todos os produtos e serviços comercializados (e toda a documentação associada aos mesmos) estejam disponíveis na língua portuguesa²¹. Voltando ao exemplo do manual de instruções em questão, é expectável que o documento de partida seja traduzido e que ambos os documentos tenham uma apresentação igual ou semelhante.

Por último, relativamente ao motivo, é possível também afirmar que este elemento é igual em ambos os textos. O texto de partida é produzido para que o produto associado possa ser comercializado de acordo com as normas e regulamentações do país no qual é produzido. Posteriormente, o texto de chegada é igualmente produzido uma vez que existe a obrigatoriedade de um produto estar acompanhado da sua devida documentação para poder ser vendido, tal como foi referido acima. Estes documentos são produzidos devido às exigências da lei nas duas situações.

Como é possível observar, não existem diferenças significativas relativas aos fatores extratextuais. No entanto, e devido à importância destes elementos no processo de tradução, é importante tê-los sempre em consideração. Estes aspetos devem sempre fazer parte da encomenda de tradução para que o tradutor possa comparar os textos e depreender quais as semelhanças e quais as diferenças. Devido à natureza do exemplo apresentado, os aspetos externos ao texto não podem diferir muito entre os textos. Tal como foi referido no capítulo anterior e ao longo da apresentação dos fatores extratextuais, existem normas e diretrizes que ditam a estrutura e conteúdo deste tipo de documentos, o que significa que, independentemente do idioma no qual são produzidos, nunca poderão diferir muito do documento original.

O aspeto mais interessante nesta análise é a utilização das unidades de medida. Ainda que não seja necessário fazer uma conversão das unidades de medida, penso que é importante explorar os motivos pelos quais isso não é necessário neste contexto. Estes sistemas são

²¹ Esta informação está apresentada no Dec-Lei n.º 238/86, de 19 de agosto. O documento está disponível na página https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/218768/details/normal?search_WAR_drefrontofficeportlet_print_preview=print-preview

utilizados em duas situações diferentes e, ainda que ambos sejam unidades de medida de comprimento, devem ser analisados como exemplos inseridos em contextos distintos. Tal como referido, o sistema métrico tem vindo a ser utilizado internacionalmente (Byrne, 2012, p. 57), o que permite que durante o processo de tradução não seja necessário realizar a conversão de um sistema para outro. Curiosamente, mesmo quando o sistema imperial é utilizado neste contexto, não existe uma necessidade de o converter para o sistema métrico. A dimensão de um disco rígido é sempre apresentada em polegadas e essa é a norma independentemente do sistema de unidade de medida utilizado no país do texto de chegada. Neste caso, o utilizador que procura este tipo de produtos encontra esta unidade de medida na descrição e nas características, ainda que os procure numa página de vendas portuguesa. Como será apresentado no próximo ponto, isto não se aplica a outras peças de *hardware*.

5.2. Fatores intratextuais

Remetendo mais uma vez para o modelo de análise textual de Christiane Nord, passamos agora para a análise dos fatores intratextuais. Na tradução deste manual de instruções, existem alguns elementos que se revelaram mais desafiantes e que, posteriormente, despertaram alguma curiosidade, algo que será comentado futuramente.

Começamos pelos elementos que não causaram problemas de tradução. Tanto o assunto como o conteúdo do texto de partida estão apresentados de uma forma bastante clara – este documento apresenta instruções para a montagem e desmontagem de peças de um computador e contém vários termos pertencentes ao campo lexical da tecnologia e informática. Estas informações foram fornecidas na encomenda de tradução que a orientadora de estágio proporcionou. Porém, mesmo que estas informações não tivessem sido disponibilizadas, é possível aferi-las assim que o documento é aberto. As primeiras páginas apresentam o índice e, de seguida, algumas considerações e informações de segurança para o manuseamento das peças. O tema está claramente definido e a terminologia é apresentada antes mesmo de começarem as instruções propriamente ditas, portanto estes elementos são bastante evidentes e fáceis de reconhecer.

Os próximos fatores internos, tais como a composição do texto, o léxico e a estrutura frásica, estão relacionados diretamente com a microestrutura do texto (Nord, 2005, pp. 110-111).

De seguida, apresento vários problemas presentes em diversos segmentos textuais do documento em análise. Estes podem ser divididos em duas categorias: problemas a nível sintático e problemas a nível lexical.

Em relação aos problemas a nível lexical, existe um elemento que considero complicado e, possivelmente, problemático na tradução de manuais de instruções: a escolha dos modos verbais. Os verbos são os elementos frásicos que designam estados e ações e, conseqüentemente, acabam por atribuir significado às restantes palavras de uma frase. Graças aos verbos, os leitores são capazes de assimilar, compreender e, no caso das instruções, utilizar o texto para realizar corretamente várias ações. Neste tipo de documentos, os verbos apresentam-se, normalmente, no imperativo ou no infinitivo. O modo imperativo está associado às instruções diretas para o utilizador, enquanto o modo infinitivo está associado a descrições e títulos de secções. O problema é que esta distinção pode não ser assim tão óbvia porque, em inglês, é possível utilizar o mesmo modo verbal para as duas situações. Porém, em português, existem os dois modos verbais já referidos, cada um deles utilizado para um propósito diferente, o que significa que é essencial saber o contexto no qual os verbos (e as frases) estão inseridos para que seja feita uma tradução fiável.

Durante o estágio curricular, em alguns projetos de tradução, o cliente enviava apenas o texto já processado e convertido para ser inserido e traduzido numa ferramenta CAT. Por vezes, ao fazer a conversão para uma destas ferramentas, os segmentos apresentados não correspondiam às frases completas presentes no documento. Uma situação recorrente em vários projetos traduzidos durante o estágio curricular foi a separação de frases com a pontuação dois pontos (:) em segmentos diferentes, como se fossem frases separadas. Devido a situações como esta, é importante que o tradutor tenha acesso ao documento original. Através de uma pesquisa rápida no documento de partida, o tradutor pode aferir o contexto no qual se insere um determinado segmento e escolher qual o modo verbal adequado para a tradução. Para compreender melhor estas duas utilizações, vejamos dois exemplos retirados do manual de instruções sob análise:

Texto de partida

Closing the drive cage

Disconnect all cables connected to the computer.

Texto de chegada

Fechar o suporte para discos

Desligue todos os cabos ligados ao computador.

O primeiro exemplo refere-se ao título de uma das secções do manual. Os verbos dos títulos das várias secções contêm todos a mesma estrutura com o mesmo modo verbal – *present continuous* – que é composto pelo radical de um verbo com a terminação *-ing*. Em inglês, estes verbos são normalmente antecidos pelo verbo *to be*, no entanto, isso não se aplica em títulos e cabeçalhos. Em português, o modo verbal utilizado em títulos num documento como este é o modo infinitivo. Este modo verbal é impessoal, o que significa que não tem sujeito, portanto é adequado para a utilização nestes títulos. Por sua vez, o segundo exemplo refere-se a uma frase retirada do corpo do texto. Neste caso, existem duas traduções possíveis para o verbo *disconnect*, nessa perspectiva de uso de formas verbais diferentes – “desligar” ou “desligue”. Depois de consultar o documento original, foi possível verificar que se tratava de uma instrução para o utilizador e, portanto, traduzi o verbo para o modo imperativo. Neste documento específico, foi simples identificar qual a escolha do modo verbal correta. Visto que tinha o documento original na minha posse, foi possível aceder constantemente ao mesmo, o que permitiu a verificação do contexto ao longo da tradução. A escolha adequada do modo verbal é bastante importante para que a tradução seja consistente e compreensível. É essencial que os leitores consigam distinguir facilmente uma instrução de uma descrição de uma ação, para que não existam equívocos na leitura do manual de instruções.

Em relação aos problemas a nível lexical, ou seja, problemas relacionados com o nível da palavra, é relevante mencionar três elementos: os falsos amigos (ou falsos cognatos), as siglas e abreviaturas, e os empréstimos.

Começamos pelos falsos amigos ou cognatos. Trata-se de palavras em línguas diferentes que são muito semelhantes semanticamente mas cujo significado é completamente diferente. Tal como já foi referido no capítulo anterior, na nota de rodapé 15, existem vários exemplos destas palavras entre o par de línguas português e inglês. Estas palavras conseguem apresentar um desafio uma vez que podem induzir o tradutor em erro numa primeira leitura. Cabe ao tradutor identificar e ter em mente os exemplos mais comuns de falsos cognatos no par de línguas com o qual trabalha para evitar erros na tradução (Nord, 1997b, p. 66). No par de línguas português e inglês, existem vários verbos quase homógrafos, mas que apresentam significados diferentes. No entanto, existem falsos cognatos específicos do contexto informático e tecnológico que são mais relevantes. Vejamos um exemplo encontrado no manual de instruções sob análise:

Texto de partida

Removing the CMOS **battery**.

Texto de chegada

Remover a **pilha** CMOS.

O termo *battery* pode ser traduzido para português de duas formas diferentes dependendo do contexto no qual está inserido – pode tratar-se de uma bateria ou de uma pilha. Neste caso concreto, para determinar qual o termo adequado em português recorri, primeiramente, ao documento original. Uma das particularidades deste documento, e dos manuais de instruções em geral, é a existência de imagens a acompanhar o texto e que funcionam como auxiliares visuais. Nesta secção do manual, todas as imagens apresentam uma pilha pequena redonda, como é possível observar na imagem abaixo, portanto tornou-se evidente a utilização do termo “pilha”.

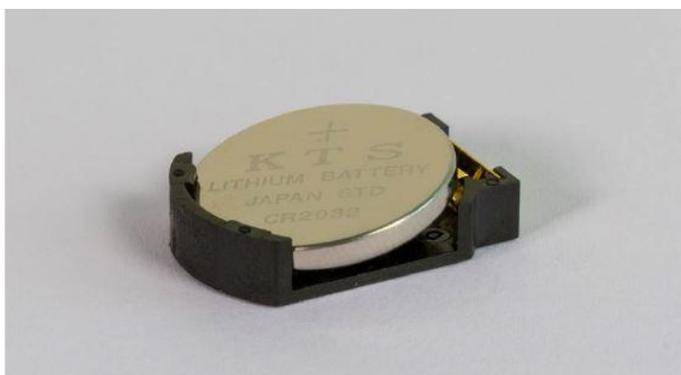


Figura 1 - Fotografia de uma pilha retirada de um manual de instruções

Ainda assim, para retirar todas as dúvidas, fiz também uma pesquisa de imagens do termo *CMOS battery*. Tal como as imagens presentes no manual, também os resultados da pesquisa feita no *Google* apresentaram imagens de pilhas. Ao longo do documento aparece também o termo *lithium battery* que, tal como o termo anterior, é acompanhado por imagens de uma pilha no documento original. O exemplo apresentado acima é o mais evidente, visto que aparece várias vezes ao longo do documento. Outro exemplo encontrado no texto de partida é o termo *data*. Este termo é um falso cognato da palavra “data” em português – ainda que sejam homógrafas e (quase) homónimas, as palavras têm significados bastante distintos nas duas línguas.

Texto de partida

Technical **data** subject to modifications and delivery subject to availability.

Texto de chegada

Dados técnicos sujeitos a alterações e entrega sujeita a disponibilidade.

Ao contrário do exemplo anterior, em que a palavra *battery* pode, na verdade, ser traduzida por “bateria”, neste caso a palavra *data* não pode ser traduzida por “data” em nenhuma circunstância ou contexto. Em inglês, a palavra *data* está associada a dados ou informações. Não existe nenhuma aceção da palavra “data” em português que remeta para um destes significados. Para evitar erros relativos aos falsos cognatos, é importante que o tradutor esteja atento e não seja induzido em erro pela semelhança entre as palavras. A realização de pesquisas e a consulta do documento original para aferir o contexto (quando possível) é fundamental para que o tradutor se certifique de que está a optar pela opção adequada.

Por sua vez, a utilização de siglas e abreviaturas também pode representar problemas durante o processo de tradução. As siglas podem ter vários significados, o que significa que o tradutor tem de escolher a opção correta. Para além disso, cabe também ao tradutor decidir se é necessário explicitar por extenso o significado de uma sigla para que esta seja clara e compreensível para o leitor. De acordo com D’Agenais & Carruthers, na maioria dos casos, quando uma sigla não é conhecida ou compreendida pelo público em geral, esta deve ser explicada (apud Byrne, 2006, p.86). O tradutor tem de saber quem é o público-alvo para poder decidir se as siglas e abreviaturas apresentadas no texto de partida são do conhecimento geral e se são compreendidas pelo público-alvo do texto de chegada. No entanto, tal como Byrne também refere, muitas das abreviações relacionadas com informática e computadores estão a tornar-se mais conhecidas (Byrne, 2006, p. 86), o que resulta na utilização da sigla reconhecida internacionalmente em detrimento da designação por extenso nas respetivas línguas.

Ao longo da realização da tradução deste manual de instruções, foram encontradas várias siglas no texto de partida referentes a diversos componentes, peças e periféricos de um computador. Inicialmente, a minha estratégia de tradução foi explicitar, por extenso, o significado das siglas em português. Na minha opinião, este método fazia sentido visto que estas designações existem e são utilizadas na língua portuguesa. No entanto, depois de conferir com a orientadora de estágio, chegámos à conclusão que, para este cliente, deveria manter as siglas que estão presentes no texto de partida.

| Texto de partida | Tradução inicial | Tradução final |
|---|---|---|
| Press the green HDD rails together (1) | Pressione as calhas verdes da caixa do disco rígido (1). | Pressione as calhas verdes do HDD (1). |

| | | |
|---|--|--|
| Unplug the cables which are connected to the ODD . | Desligue os cabos que estão ligados à drive ótica . | Desligue os cabos que estão ligados à ODD . |
| Then open the CPU holder. | Abra o suporte do processador . | Abra o suporte da CPU . |

As designações utilizadas na tradução inicial não estão incorretas, no entanto é necessário seguir as instruções proporcionadas pelo cliente na encomenda de tradução. Estas três siglas são normalmente conhecidas e compreendidas pelo público em geral e podem, portanto, ser transferidas da língua de partida para a língua de chegada sem que isso cause problemas. Como foi referido anteriormente, estas siglas já estão tão vinculadas na língua portuguesa que são, efetivamente, utilizadas comumente. Contudo, um utilizador que pretenda adquirir um destes componentes e faça uma pesquisa *online* numa página de uma loja de informática encontra as designações “disco rígido”, “drive ótica” e “processador”. Também é possível encontrar as siglas ao procurar estes produtos, nomeadamente nas descrições e características técnicas dos mesmos, mas essas não são as primeiras informações que encontra assim que realiza a pesquisa. Da mesma forma, se um utilizador se dirigir a uma loja informática para adquirir estes produtos, é mais provável que utilize as designações em português e não as siglas ao apresentar as questões a um funcionário.

Por outro lado, existem também siglas cuja designação em português não é utilizada comumente ou não existe de todo. Isso significa que é necessário utilizar as siglas que estão presentes no texto de partida. Nestes casos, isso é possível porque, mais uma vez, as siglas estão vinculadas na língua portuguesa e são, portanto, conhecidas pelo público em geral, tal como é possível observar nos próximos exemplos:

| Texto de partida | Texto de chegada |
|--|---|
| Unplug the USB cable | Desligue o cabo USB |
| Pull the M.2 SSD out of its socket. | Puxe o SSD M.2 do respetivo encaixe. |

A sigla **USB** (*universal serial bus*) está vinculada na língua portuguesa e não existe nenhuma designação ou descrição consensual que possa ser utilizada em sua substituição. Relativamente à sigla **SSD** (*solid state drive*), em português é possível traduzir para “disco rígido”. No entanto, como foi referido anteriormente, a sigla **HDD** também remete para a

designação “disco rígido”. Curiosamente, se realizarmos uma pesquisa por esta designação na página de uma loja de informática, os resultados remetem todos para discos HDD. Existem algumas diferenças entre este tipo de discos, nomeadamente os seus componentes, a tecnologia de armazenamento que utilizam e a velocidade de acesso à informação que contêm, o que significa que são, efetivamente, dois produtos diferentes. A utilização consensual da sigla para um dos discos e da designação (em português) da sigla por extenso para o outro é algo que pode ser explicado pelo período de existência de cada um deles. Os discos HDD surgiram muito antes dos discos SSD²², o que pode justificar a utilização da designação em português do primeiro componente, visto que existe no mercado há quase 70 anos, o que significa que é utilizado internacionalmente há mais tempo.

Tal como com as siglas, existem também outros termos e designações associadas à terminologia informática que causaram problemas na tradução. Vejamos dois casos na tabela abaixo:

| Texto de partida | Tradução inicial | Tradução final |
|---|--|--|
| Damage of motherboard caused by wrong handling during repair | Danos na placa-mãe causados pela utilização incorreta durante a reparação | Danos na motherboard causados pela utilização incorreta durante a reparação |
| Removing the SD card reader | Remover o leitor de cartões de memória | Remover o leitor de cartões SD |

No primeiro exemplo, se traduzirmos o termo “motherboard” de forma literal obtemos, de facto, a palavra “placa-mãe”. Contudo, esta designação não é habitualmente utilizada no português europeu – é mais utilizada na variante do português do Brasil. Num primeiro contacto com o termo, a minha inclinação foi traduzir por “placa-mãe”, visto que encontrei a palavra no dicionário Infopédia com uma aceção relativa a informática. No entanto, ao fazer a revisão do documento, realizei uma pesquisa numa página de uma loja de informática para verificar se esta designação era empregue, e notei que não existiam resultados para a minha pesquisa. Por outro lado, realizar uma pesquisa por “motherboard” na mesma página direccionou-me para vários resultados de várias marcas deste produto. Ainda que exista efetivamente uma designação para

²² Os discos HDD foram inventados pela empresa IBM na década de 1950, enquanto os discos SSD surgiram na década de 1970.

esta palavra na língua portuguesa, acontece que a mesma não é utilizada no mundo da informática. O termo *motherboard* já está enraizado neste contexto e é utilizado na língua portuguesa como um empréstimo da língua inglesa. No contexto informático, é comum existirem vários termos que são “emprestados” com proveniência na língua de partida porque não existem termos ou designações na língua de chegada que contenham o mesmo significado. Por exemplo, o termo “Internet” é utilizado em várias línguas sem que exista uma tradução do mesmo.

Relativamente ao segundo exemplo, a tradução inicial por “cartões de memória”, ainda que possível, não é completamente correta. Após uma breve pesquisa, foi possível aferir que existem vários tipos de cartões de memória e que os “SD cards” (*secure digital cards*) são apenas um dos vários tipos de cartões de memória existentes. Portanto, ainda que estes produtos sejam efetivamente cartões de memória, trata-se de um tipo específico de cartões de memória, o que significa que a tradução inicial se revelaria inadequada e incompleta. Para além disso, após uma pesquisa numa página de uma loja de informática, foi possível verificar que a descrição e o título destes produtos apresenta o termo “cartão SD” ou “cartão de memória SD”, o que confirma a utilização desta designação em português. Não existe nenhuma tradução consagrada desta sigla nem uma designação por extenso da mesma, o que faz com que, tal como com outros exemplos acima, seja utilizada a sigla na língua de partida.

Em síntese, é possível aferir que existem várias soluções para os diversos problemas de tradução apresentados. Cabe ao tradutor decidir qual a estratégia indicada, tendo sempre em consideração o contexto, a cultura e o público do texto de chegada. Para além disso, é essencial que o tradutor considere também os requisitos expressos pelo cliente na encomenda de tradução e consiga tomar decisões adequadas com todos os elementos em mente.

5.3. A dimensão cultural e linguística na localização

De acordo com a 24^a edição da publicação *Ethnologue: Languages of the World*²³, existem atualmente 7129 línguas faladas no mundo. Contudo, existe uma grande disparidade na representação dessas mesmas línguas. A maioria das empresas e indústrias das novas tecnologias

²³ A *Ethnologue: Languages of the World* é uma publicação anual da *SIL International*, uma organização sem fins lucrativos que se dedica ao estudo e catalogação de idiomas. Em fevereiro de 2021 foi publicada a 24^a versão, que conta com várias atualizações e documenta mais 22 línguas vivas relativamente ao ano anterior. Estas informações podem ser encontradas na página <https://www.ethnologue.com/>

está localizada nos Estados Unidos da América, o que significa que os produtos estão primeiramente disponíveis e acessíveis apenas na língua inglesa. Estas empresas utilizam posteriormente a localização para que os seus produtos possam ser distribuídos e comercializados internacionalmente. No entanto, esta localização apresenta alguns problemas que considero importantes e que, na minha opinião, merecem ser destacados.

Primeiramente, a localização feita pelas grandes empresas, quer seja de *software*, *hardware* ou conteúdos *online*, é feita apenas para alguns mercados e culturas específicos. O processo de globalização e localização deveria servir, sobretudo, para que existisse um intercâmbio cultural e social entre várias pessoas e comunidades. No entanto, a preocupação principal destas empresas não passa necessariamente pela criação de diversidade, mas sim pelo aumento dos lucros e do reconhecimento internacional (Schäler, 2002, p. 8). A localização dos produtos e serviços oferecidos é, na sua maioria, feita para um grupo muito específico de culturas e línguas, nomeadamente para o que Reinhard Schäler designa de “*northern languages*” – as línguas faladas nos países mais prósperos do hemisfério norte (Schäler, 2002, p. 6). De facto, se visitarmos a página de uma empresa como a Apple, que tem um sucesso mundial incontestável, é possível observar que a página não está traduzida para todas as regiões que aparenta abranger. A página para países como, por exemplo, o Vietname, encontra-se em inglês, que não é a língua oficial do país. Por outro lado, a página da mesma empresa para países como Alemanha, França, China ou Japão apresenta-se nas respetivas línguas oficiais, e não apenas a página principal mas também como todos os menus e páginas secundárias relativas aos produtos vendidos pela empresa.

A ausência de representação de algumas línguas poderia estar associada ao número de falantes de uma língua – uma língua com menos falantes poderia ter menos visibilidade e não ser tão conhecida pelo público em geral, o que leva a que também existam menos pessoas com conhecimento especializado que possam realizar traduções nessa língua. No entanto, curiosamente, uma língua como o inglês tem menos falantes nativos que, por exemplo, o mandarim ou o espanhol²⁴, o que significa que a afirmação anterior não pode servir como justificação para esta lacuna. Contudo, considerando que as principais empresas com influência mundial são americanas e considerando que uma parte considerável da população mundial tem o inglês como segundo ou terceiro idioma, a língua inglesa acaba por ter uma grande

²⁴ De acordo com o *Ethnologue: Languages of the World*, o mandarim tem 921 milhões de falantes nativos, o espanhol tem 471 milhões de falantes nativos e o inglês tem 370 milhões de falantes nativos. Informação consultada em: <https://www.ethnologue.com/guides/most-spoken-languages>

predominância no mundo digital. Para além do domínio da língua inglesa, os custos e a duração de processos como a localização e a tradução também são um fator decisivo para as empresas. Embora obtenham uma grande parte dos seus lucros através da comercialização internacional (Schäler, 2002, p. 5), não existe um interesse total na localização para todas as culturas e idiomas visto que isso teria, como é possível imaginar, um custo bastante elevado para as empresas.

O que considero ser o segundo problema relativo à localização, e que está diretamente relacionado com o anterior, é a estratégia de reutilização de material nas traduções. A forma mais rentável de localizar para um maior número de culturas e línguas é utilizar todos os elementos possíveis que já são conhecidos pelo público-alvo. Isto significa que, sempre que possível, devem reutilizar-se termos e designações que já são característicos e comuns da indústria em questão e alterar o mínimo possível no texto de chegada (Schäler, 2002, p. 7). Vejamos o exemplo apresentado na secção anterior relativo à utilização de siglas do documento original na tradução – a pedido do cliente, as siglas relativas a componentes do computador deveriam ser mantidas tal como apresentadas no documento original. A utilização constante destes termos permitiu que se enraizassem noutras línguas e passassem a ser utilizados comumente, sem causar estranheza aos utilizadores e leitores. Isto permite que as empresas utilizem esta estratégia livremente para economizar no processo de tradução e localização. Devido ao poder e impacto que estas indústrias têm no mercado, acabam por suprimir as designações existentes nas culturas de chegada em prol da terminologia considerada global. O que inicialmente começa por ser uma tentativa de equilibrar a discrepância entre a representação das línguas torna-se num método em que a cultura e língua de partida se infiltram de tal forma na cultura e língua de chegada que acabam por influenciá-las e, possivelmente, alterá-las, o que resulta numa perda da diversidade cultural (Schäler, 2002, p. 7).

Por outro lado, alguns teóricos discordam destas críticas ao processo de localização. De acordo com Anthony Pym, a estratégia de reutilização e uniformização utilizada na localização não é uma ameaça à diversidade cultural. O processo de localização já prevê que possam ser necessárias adaptações culturais e linguísticas na etapa da internacionalização (Pym, 2014, p. 133). A preparação de um produto pode incluir a substituição de elementos de *locales* específicos por elementos mais gerais na versão internacionalizada do texto, antes mesmo de finalizar o processo de localização (Pym, 2014, p. 120). Segundo este autor, um aspeto muito mais importante do que o anterior é a quantidade de línguas e culturas que já são localizadas atualmente (Pym, 2014, p. 133). Apesar de algumas páginas de empresas internacionalmente

reconhecidas não apresentarem um leque vasto de opções de idiomas, existem outras que já apresentam uma grande diversidade, como por exemplo a Microsoft – ao contrário da Apple, a Microsoft disponibiliza uma página em vietnamita e não em inglês para as pessoas naturais do Vietname. A simples inclusão de uma língua na indústria tecnológica e eletrónica, independentemente de pequenas adaptações que sejam necessárias, fomenta a sua longevidade e não diminui a diversidade cultural. Na verdade, de acordo com Pym, a alteração cultural começa no momento em que uma cultura é sujeita aos avanços tecnológicos, algo que é comum a todas as culturas que fazem parte deste mundo globalizado, não se apresentando assim como um perigo (Pym, 2014, p. 133).

Tal como sucede com muitas outras abordagens e teorias, não existe um consenso sobre estas problemáticas. No entanto, depois de ter tido contacto com o manual de instruções traduzido durante o estágio curricular, estas questões despertaram o meu interesse e penso serem merecedoras de alguma ponderação. De facto, tal como foi referido na secção anterior, a utilização de algumas siglas e termos em inglês não foi a minha primeira escolha de tradução. Ainda que, a pedido do cliente, devesse reutilizar estes elementos, o meu primeiro instinto foi traduzi-los para os seus equivalentes na língua portuguesa. Antes da realização do projeto de tradução mencionado e, posteriormente, da realização deste Relatório de Estágio, não estava consciente desta estratégia de uniformização terminológica. Considero ter alguns conhecimentos na área informática e visito, frequentemente, páginas *online* e lojas físicas para me manter atualizada relativamente às novas tecnologias. Como referi, no quotidiano do público em geral e no comércio português são utilizadas maioritariamente as designações em português, utilização essa que, na minha opinião, é justificada e adequada.

Depois da realização desta pesquisa, os motivos e as vantagens da utilização de uma terminologia mais uniformizada são claros. Para além da redução de custos, a existência de uma base terminológica acordada e aceite internacionalmente contribui para a qualidade de uma tradução. Como refere Cruz-Lara et al. (2008) relativamente a esta temática, “using standards means working with a high level of quality, performance, and reliability within a very important market that is becoming more and more global and thus more and more challenging” (p.152). Com o auxílio das ferramentas CAT, esta estratégia proporciona mais segurança e confiança ao tradutor no decorrer do seu trabalho. A terminologia uniformizada pode ser compilada numa base terminológica que é utilizada durante a tradução, o que diminui a probabilidade de existirem, por exemplo, erros de concordância entre os segmentos relativos a uma mesma

designação. Para além disso, esta estratégia permite economizar bastante tempo, uma vez que não é necessário realizar uma pesquisa aprofundada sobre quais as designações e terminologia utilizadas nas respetivas línguas de trabalho.

Contudo, e apesar de não poder ignorar estas vantagens, a utilização de um termo ou sigla numa outra língua, em detrimento da designação em português não deixa de causar estranheza. Considerando que já existem designações e termos tão consolidados na nossa língua, parece incoerente quando os mesmos não são utilizados. Como futura tradutora, linguista e defensora da língua portuguesa, penso que é apropriado utilizar a nossa língua tanto quanto possível, especialmente em contextos onde a terminologia já tem traduções consagradas. A língua portuguesa é, na verdade, uma das línguas mais faladas no mundo²⁵, o que significa que não está ameaçada ou sequer em vias de extinção, como acontece com outras línguas com um número muito reduzido de falantes. Não obstante, e considerando a minha proximidade com a língua e cultura portuguesas, penso que é importante preservar e cuidar do idioma. As línguas estão constantemente a crescer e a acompanhar a evolução das novas tecnologias. Sempre que surge uma inovação ou invenção tecnológica, a consequente necessidade de a produzir e comercializar internacionalmente faz com que, inevitavelmente, exista uma necessidade equivalente de encontrar formas de nos referirmos a esta evolução na nossa própria língua. O exemplo mais evidente deste fenómeno na atualidade é o aparecimento do vírus COVID-19. Com a propagação do vírus e o desenvolvimento da pandemia, surgiram vários conceitos e termos relacionados que passaram a estar, ainda hoje, presentes no vocabulário do quotidiano, como por exemplo a designação do vírus e o célebre conceito de “distanciamento social”. A longevidade de uma língua também depende desta introdução de novos conceitos, termos e designações, portanto penso que é importante aplicá-la e aproveitá-la sempre que possível.

²⁵ De acordo com um artigo publicado na página *Ethnologue* intitulada *What are the top 200 most spoken languages?* a língua portuguesa é a nona língua mais falada no mundo, com cerca de 258 milhões de falantes. Informação consultada em: <https://www.ethnologue.com/guides/ethnologue200>

Conclusão

Em tom conclusivo, apresentarei algumas considerações finais relativas a cada um dos três capítulos do presente Relatório de Estágio, seguidas de uma apreciação global ao Mestrado em Tradução.

Primeiramente, e considerando o teor deste Relatório de Estágio, é essencial começar por referir a importância do estágio curricular e do trabalho realizado no seu decurso. Tal como foi referido, optei pelo estágio curricular porque me pareceu a modalidade mais adequada para adquirir experiência e ter contacto com o mercado real de trabalho. Depois de realizado o estágio curricular, a minha opinião mantém-se – esta continua a parecer a opção mais favorável.

A experiência de tradução num contexto real de trabalho proporcionou uma visão bastante clara do que será o meu futuro como tradutora, especialmente dos desafios que esta profissão apresenta. A preparação para o mundo de trabalho é incontestável, o que tornou esta experiência bastante proveitosa. Outro elemento bastante favorável foi a possibilidade de trabalhar com textos relacionados com várias temáticas durante o período de estágio, o que me ajudou a perceber quais as áreas de maior interesse para mim, nomeadamente a tradução técnica em termos gerais e a localização em particular.

O projeto em análise neste relatório despertou bastante curiosidade o que, conseqüentemente, resultou na análise de algumas problemáticas e posterior exposição e crítica das mesmas. Em termos gerais, considero que a realização de um estágio curricular conjuga o melhor de dois mundos – a vertente prática juntamente com o trabalho de investigação teórico.

Relativamente ao enquadramento teórico exposto no segundo capítulo, as abordagens referidas são essenciais para que se compreenda o contexto no qual a análise do projeto realizado foi feita. No início do capítulo foi explicado que, ainda que o tradutor não pense concretamente nos processos e motivos por detrás das decisões que toma, isso não significa que não tenha sempre em consideração alguns princípios teóricos, ainda que o faça inconscientemente. Isto confirma a necessidade de possuir, durante o processo de aprendizagem da profissão, uma base teórica sólida e consolidada que possa ser útil posteriormente no exercício da profissão. A exposição cronológica de várias teorias possibilita visualizar a evolução desta área de estudo ao longo das décadas. É importante analisar as linhas de pensamento que originaram aquilo que utilizamos como referência na atualidade, pois só assim é possível compreender o que foi alterado ao longo do tempo. A redação deste capítulo permitiu referir vários autores estudados

durante o primeiro ano do Mestrado em Tradução, conjugando assim mais evidentemente esta vertente teórica com o trabalho realizado no estágio.

A última secção do segundo capítulo diz respeito ao modelo textual de Christiane Nord que é utilizado, posteriormente, para fazer uma análise do projeto de tradução escolhido. Esta abordagem revelou ser a mais indicada para realizar a análise devido à sua natureza versátil e flexível. A caracterização dos fatores intratextuais e extratextuais, ainda que bastante detalhada, acaba por ser bastante extensiva, o que permite enquadrar a análise da tradução técnica, assim como de outros tipos de tradução. Para além da identificação dos fatores, este modelo textual permite também sistematizar problemas de tradução comuns que um tradutor pode encontrar. Ao ter sempre em consideração o texto de partida, o texto de chegada e as problemáticas associadas a cada um deles, o tradutor é capaz de tomar decisões mais acertadas e resolver os problemas que possam surgir na tradução do texto.

No terceiro e último capítulo relativo ao projeto de tradução escolhido, foram analisados vários exemplos que permitiram tecer algumas considerações relativas aos problemas apresentados. Primeiramente, espero ter demonstrado que existem estratégias que podem ser utilizadas para realizar uma tradução adequada deste tipo de textos. Ter acesso ao documento original, quando possível, é essencial para que o tradutor consiga obter mais informações contextuais que possam contribuir para uma tradução mais consistente e lógica. A existência de uma encomenda de tradução fornecida pelo cliente, que contenha todas as informações relevantes para todo o processo, é igualmente fundamental. O acesso a estes elementos permite que, juntamente com a realização de pesquisas sólidas e fiáveis, o tradutor disponha de todas as ferramentas necessárias para realizar um trabalho de excelência.

Para além destes elementos, é indispensável que, na tradução deste tipo de documentos, o tradutor opte por uma linguagem simples e clara, de modo a que seja compreendida pelo público-alvo do texto de chegada. Ainda que a existência de normas e diretrizes relativas a este tipo de documentos não permita alterações excepcionais relativas ao conteúdo e ao aspeto, compete ao tradutor garantir que a leitura do texto de chegada é fluida e que a informação transmitida é semelhante à informação presente no documento original.

No que diz respeito ao processo de localização, este pode ser visto como algo não muito diferente e inovador relativamente à teoria da tradução existente. Se analisarmos a localização e a teoria de *Skopos* lado a lado, podemos encontrar semelhanças. Hans J. Vermeer defendia que o foco da tradução deveria ser o texto final, da mesma maneira que o objetivo da localização, deve

ter como foco, desde o início do processo, o produto final. Ainda que seja importante reconhecer elementos relativos ao texto de partida, são elementos como o público-alvo e a cultura de chegada que realmente importam no processo tradutivo.

No entanto, o processo de localização também considera a produção em massa e a comercialização internacional do produto final, o que implica que existem fatores adicionais que passam a ser considerados pelo cliente, tais como os fatores económicos. Tendo em consideração estes fatores, é possível que o cliente faça pedidos na encomenda de tradução que possam causar estranheza ao tradutor. Ao longo deste último capítulo tentei demonstrar esta situação, com a qual me deparei ao traduzir este documento.

O tradutor é, acima de tudo, um especialista e conhecedor de idiomas e culturas o que, na minha perspetiva, significa que tem o dever e a obrigação de preservar ambos da melhor forma possível. Contudo, o tradutor tem, de igual forma, o dever de exercer a sua função como prestador de um serviço, o que significa que os pedidos e exigências do cliente devem prevalecer. Cabe ao tradutor, portanto, assimilar estas problemáticas e ponderar o peso destas questões.

De seguida, penso que é pertinente também apresentar algumas considerações finais relativas ao Mestrado em Tradução. Se olharmos para a estrutura do curso, é possível observar uma divisão em termos de classificação pelas diversas unidades curriculares, como por exemplo “Tradução Especializada Inglês-Português” e, simultaneamente, “Tradução Literária Inglês-Português”. Na primeira são abordadas as traduções em áreas como a biomédica e jurídica, a segunda dedica-se exclusivamente, tal como indicado na sua designação, à tradução literária. Esta divisão entre as várias disciplinas permite uma abordagem muito mais detalhada e aprofundada de cada um dos tipos de tradução – desta forma, os conteúdos são explorados e adequadamente consolidados. Curiosamente, a última unidade curricular mencionada dedica-se exclusivamente à tradução de inglês para português, e não existe outra paralela que trabalhe com o par de línguas de forma inversa. Ainda que esta seja uma unidade curricular opcional, considero que seria proveitoso a existência de uma disciplina concomitante relativa ao par de línguas inverso. Esta adição seria vantajosa para que, como aprendizes de tradução, pudessemos ter mais contacto com a tradução de português para inglês. Ainda que seja menos comum realizar projetos da língua materna para a língua segunda, é possível que, no exercício da função, seja necessário fazê-lo. Atendendo a que esse processo pode ser menos intuitivo, considero que é fundamental praticar este procedimento o máximo possível, de preferência ainda durante o

processo de aprendizagem para que possamos, juntamente com os docentes, reter as melhores técnicas e estratégias de tradução deste par de línguas.

Não obstante, considero que o processo de formação e o conhecimento assimilado durante o Mestrado em Tradução foram fundamentais tanto para sucesso do estágio curricular como para, futuramente, alcançar o êxito na vida profissional. A unidade curricular “Teoria da Tradução”, por exemplo, proporcionou todas as bases teóricas necessárias para compreender as diversas tendências e estratégias de tradução. Alguns dos autores abordados na cadeira foram também mencionados no estágio curricular e, certamente, as suas abordagens de tradução virão a ser bastante úteis num contexto real de trabalho, como por exemplo a utilização de uma encomenda de tradução idêntica à que Jody Byrne apresenta e que foi mencionada durante as aulas, no começo do estágio curricular e posteriormente neste mesmo Relatório de Estágio.

A formação em tradução proporcionada neste Mestrado passa por várias vertentes desta função, tais como a interpretação, tal como já foi mencionado, o que considero ser imprescindível para o exercício desta profissão tão versátil e complexa. Contudo, e apesar de considerar as várias variantes bastante interessantes e desafiantes, após a realização do estágio curricular, reconheço que existe um interesse crescente na vertente da tradução técnica e é nessa área que espero poder trabalhar futuramente. Felizmente, o contacto com esta área foi bastante extenso durante o percurso académico e durante o estágio curricular, o que proporcionou fundações sólidas cruciais. Com a participação em formações futuras na área e um trabalho de pesquisa individual constante ao longo do meu percurso, espero poder prosperar nesta área.

Para finalizar, espero que o presente Relatório de Estágio seja relevante no contexto da tradução técnica, nomeadamente na aquisição de conhecimentos relacionados com a localização. Além do processo de localização em si, espero que seja possível, através das considerações pessoais tecidas, criar uma maior consciencialização relativa às questões culturais e linguísticas dos processos de tradução. A prevalência e importância de algumas línguas num contexto global não deve implicar o desfavorecimento de outros idiomas que possuem meios linguísticos igualmente ricos e que permitem uma comunicação clara e explícita sem que seja necessário utilizar terminologia oriunda de outros *locales* para compreender a mensagem do texto final.

Bibliografia/Fontes Consultadas

- (2001). Obtido de BITRA (Bibliography of Interpreting and Translation): https://aplicacionesua.cpd.ua.es/tra_int/usu/buscar.asp?idioma=en
- ação (2021, maio 25). In *Infopédia*. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/a%C3%A7%C3%A3o>
- Bassnett, S., & Lefevere, A. (Edits.). (1992). *Translation, History and Culture*. Routledge.
- Byrne, J. (2006). *Technical Translation: Usability Strategies for Translating Technical Documentation*. Springer.
- Byrne, J. (Janeiro de 2009). The Coming of Age of Technical Translation: an Introduction. *The Journal of Specialised Translation*, 2-5.
- Byrne, J. (2012). *Scientific and Technical Translation Explained*. St. Jerome Publishing.
- Cruz-Lara, S., Bellalem, N., Ducret, J., & Kramer, I. (2008). Standardising the management and representation of multilingual data: The Multi Lingual Information Framework. In E. Y. Rodrigo (Ed.), *Topics in Language Resources for Translation and Localisation* (pp. 151-172). John Benjamins Publishing Company.
- Cunha, C., & Lindley Cintra, L. F. (2014). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Edições João Sá da Costa.
- Doherty, S. (2016). The Impact of Translation Technologies on the Process and Product of Translation. *International Journal of Communication*, 947-969.
- especializada (2021, maio 23). In *Infopédia*. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/especializada>
- Esselink, B. (2000). *A Practical Guide to Localization*. John Benjamins.
- Franco Aixelá, J. (janeiro de 2004). The Study of Technical and Scientific Translation: An Examination of its Historical Development. *The Journal of Specialised Translation*, 29-49.

- Gambier, Y. (2010). Translation strategies and tactics. In Y. Gambier, & L. v. Doorslaer (Edits.), *Handbook of Translation Studies* (Vol. 1, pp. 412-418). John Benjamins Publishing Company.
- Holmes, J. S. (1975). The Name and Nature of Translation Studies. In J. S. Holmes, *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies* (pp. 67-80). Rodopi.
- Holmstrom, J. E. (1950). *Proposals for UNESCO to sponsor the production of special dictionaries*. UNESCO.
- Holmstrom, J. E. (Janeiro de 1954). The Translation Machine. *Courier*, pp. 22-23.
- Jakobson, R. (1959). On Linguistic Aspects of Translation. *On Translation*, pp. 232-239.
- Julian, C., & Laan, K. V. (2001). *The complete idiot's guide to technical writing*. Alpha Books.
- Kremer, L. M. (1999). *A tradução e o intraduzível na área da informática: do empréstimo ao transbordamento de línguas*. Tese de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas.
- Lommel, A. R. (2007). *The Globalization Industry Primer: An introduction to preparing your business and products for success in international markets*. The Localization Industry Standards Association.
- Munday, J. (2016). *Introducing Translation Studies*. Routledge.
- Newmark, P. (1988). *A Textbook of Translation*. Hertfordshire: Prentice Hall.
- Newmark, P. (2004). Non-literary in the Light of Literary Translation. *The Journal of Specialised Translation*, 8-13.
- Nida, E. A. (1964). *Toward a Science of Translation*. E. J. Brill.
- Nord, C. (1997a). Defining translation functions. The translation brief as a guideline for the trainee translator. *Ilha do Desterro A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies*, 41-55.
- Nord, C. (1997b). *Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained*. St. Jerome.

- Nord, C. (2005). *Text Analysis in Translation - Theory, Methodology, and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis* (2nd ed.). (C. Nord, & P. Sparrow, Trads.) Rodopi.
- Nord, C. (maio de 2006). Loyalty and Fidelity in Specialized Translation. *Confluências - Revista de Tradução Científica e Técnica*, pp. 29-41.
- Nord, C. (2006). Translating for Communicative Purposes across Culture Boundaries. *Journal of Translation Studies*, 9(1), pp. 43-60.
- Pym, A. (2014). *Exploring Translation Theories*. Routledge.
- Reiss, K. (1977/1989). Text types, translation types and translation assessment. In A. Chesterman, *Readings in translation theory* (A. Chesterman, Trad., pp. 105-115).
- Reiss, K. (1981/2014). *Translation Criticism - The Potentials and Limitations*. (E. F. Rhodes, Trad.) Routledge.
- Reiss, K., & Vermeer, H. J. (2014). *Towards a General Theory of Translational Action*. (C. Nord, Trad.) Routledge.
- Resolução do Conselho de 17 de Dezembro de 1998 relativa às instruções de utilização de bens de consumo técnicos*. (31 de dezembro de 1998). Obtido de <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=CELEX%3A31998Y1231%2802%29>
- Sandrini, P. (2008). Localization and Translation. (H. Gerzymisch-Arbogast, Ed.) *MuTra Journal*, Vol. 2, pp. 167-191.
- Schäler, R. (2002). The Cultural Dimension in Software Localisation. In *Localization Reader* (pp. 5-8). Localisation Research Centre and Multilingual Computing.
- Schleiermacher, F. (janeiro/junho de 1813/2007). Sobre os Diferentes Métodos de Traduzir. (C. R. Braidia, Trad.) *Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)*, pp. 233-265.
- Schubert, K. (janeiro de 2009). Positioning Translation in Technical Communication Studies. *The Journal of Specialised Translation*, 17-30.
- Schubert, K. (2010). Technical translation. In Y. Gambier, *Handbook of Translation Studies* (pp. 350-355). John Benjamins.

Staub, A. (2014). A importância de Karl Bühler na lingüística moderna. *Letras de Hoje*, 48-67.

técnica (2021, maio 23). In *Infopédia*. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/t%C3%A9cnica>

Toury, G. (1978/2012). The nature and role of norms in literary translation. In L. Venuti (Ed.), *Translation Studies Reader* (p. 198). Routledge.

Toury, G. (1991). What are descriptive studies in translation likely to yield apart from isolated descriptions? In K. van Leuven-Zwart, & T. Naaijken (Edits.), *Translation Studies: The State of the Art: Proceedings of the First James S Holmes Symposium on Translation Studies* (pp. 179-192). Rodopi.

Venuti, L. (2004). *The Translation Studies Reader*. Routledge.

Vermeer, H. J. (1989). Skopos and Commission in Translation Action. In L. Venuti, *The Translation Studies Reader* (A. Chesterman, Trad., pp. 221-232). Routledge.

Zethsen, K. K. (1999). The Dogmas of Technical Translation - Are They Still Valid? *Journal of Linguistics*, 65-75.

ANEXOS

Anexo I

Mapas dos Estudos de Tradução

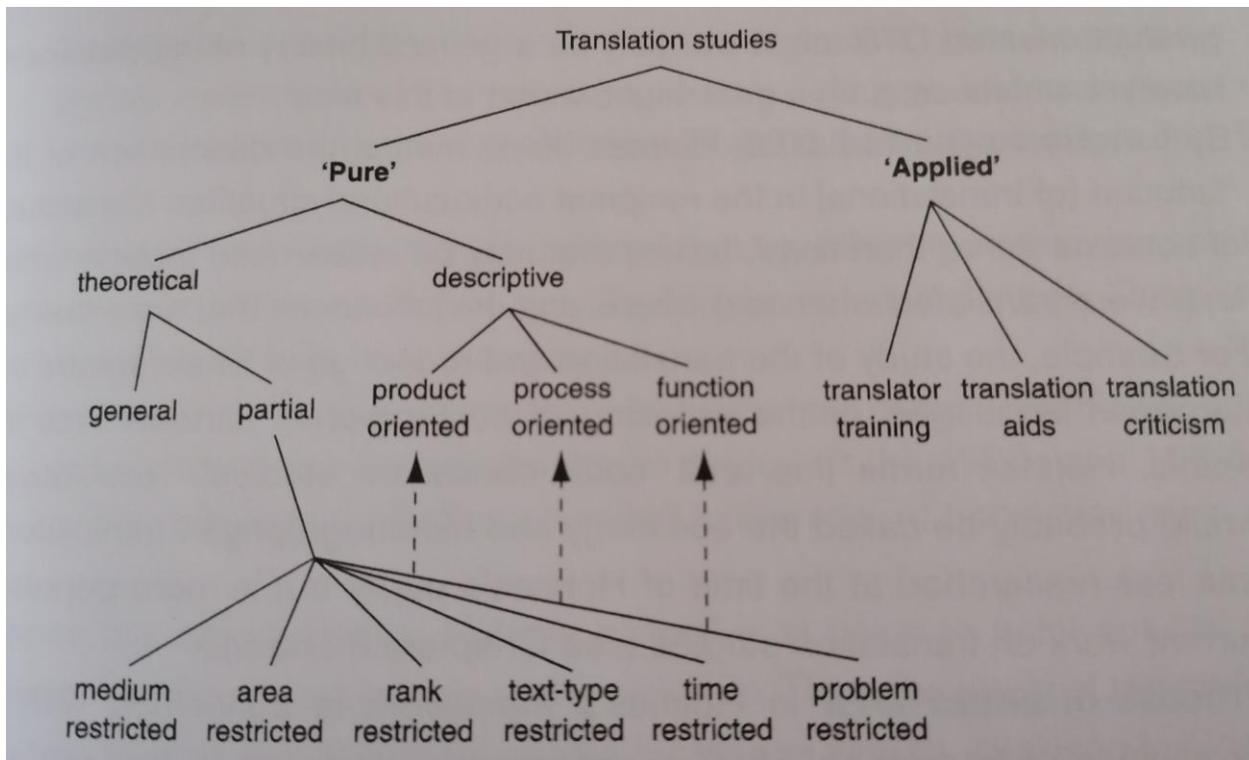


Figura 2 - Mapa conceitual de Holmes (Munday, 2016, p. 17)

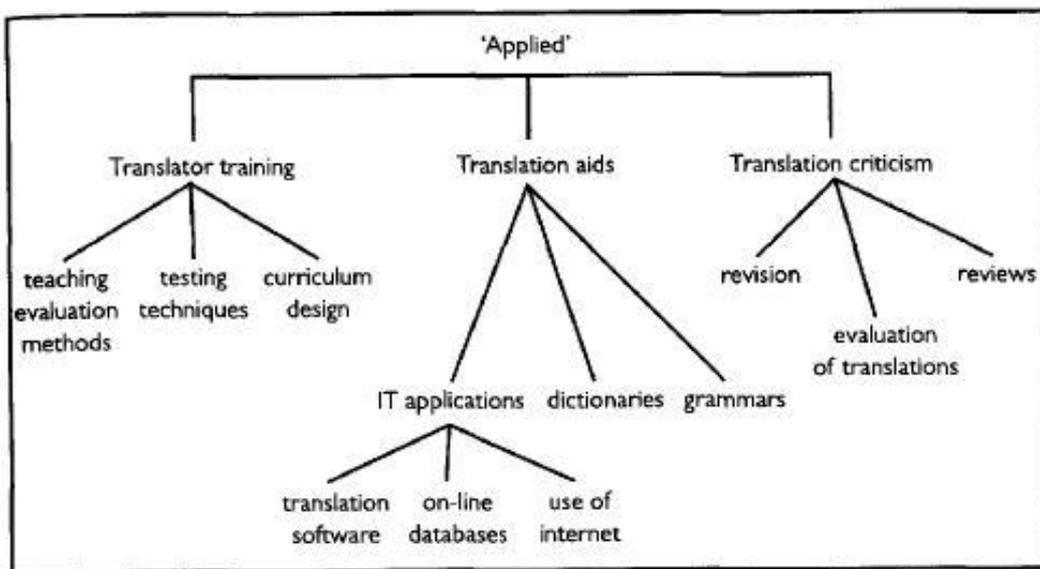


Figura 3 - Interpretação dos Estudos de Tradução de Munday (Munday, 2001, p.13)

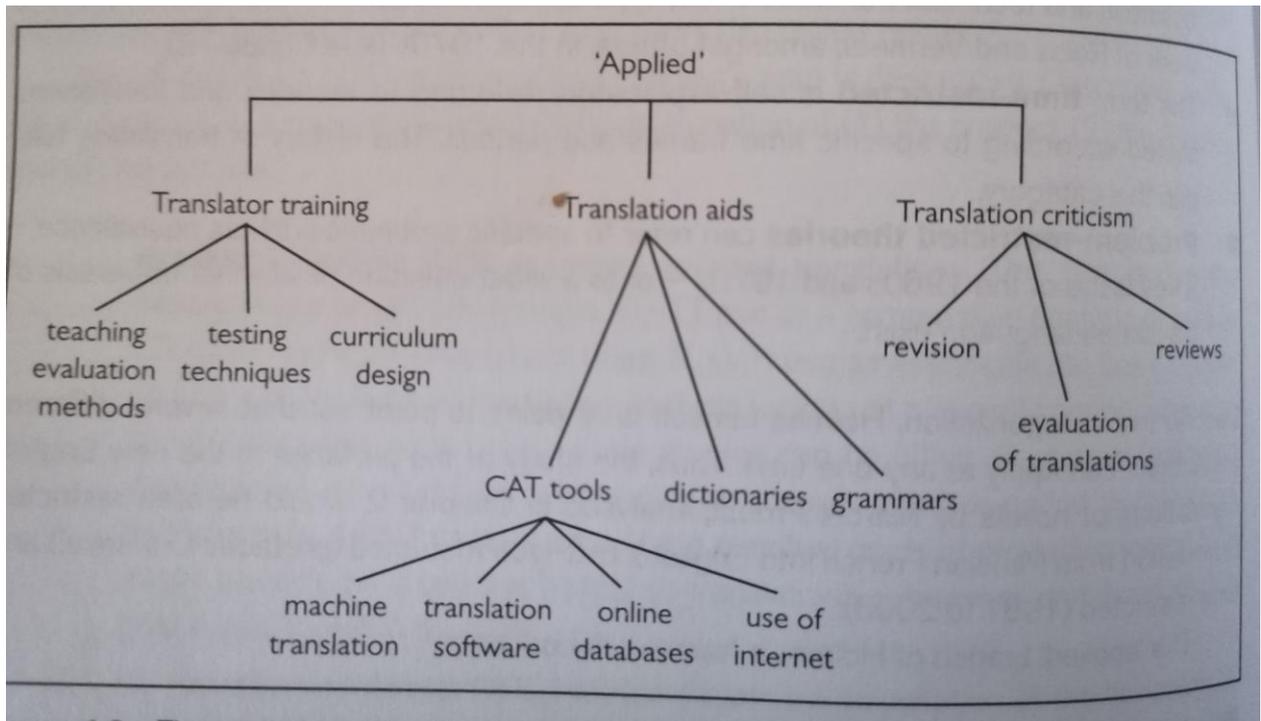


Figura 4 - Interpretação dos Estudos de Tradução de Munday (Munday, 2008)

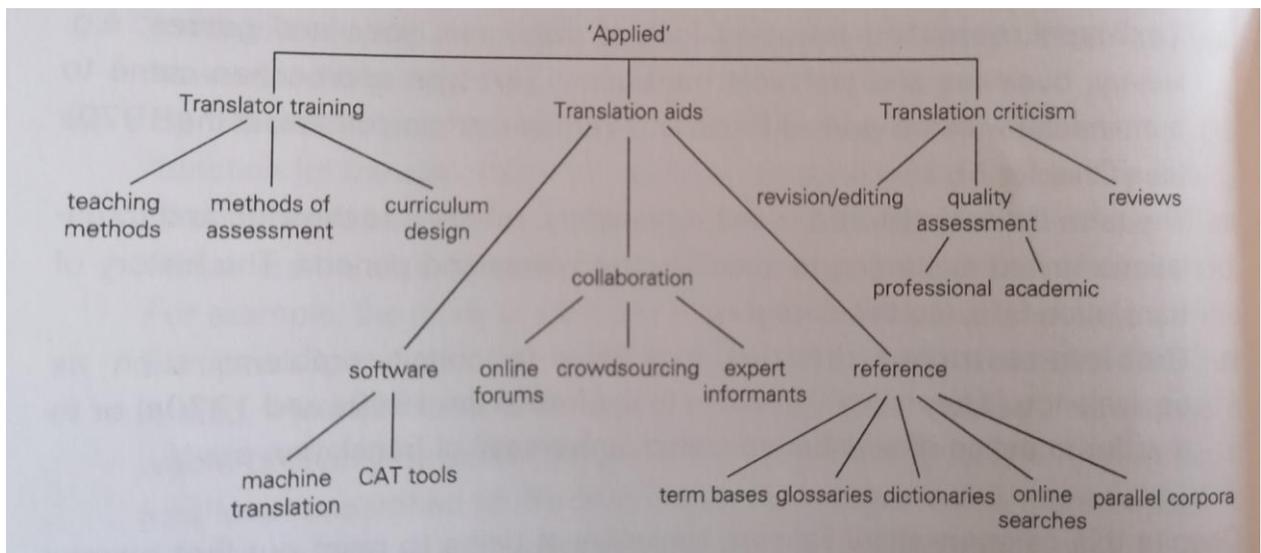


Figura 5 - Interpretação dos Estudos de Tradução de Munday (Munday, 2016, 20)

Anexo II

Resolução do Conselho de 17 de Dezembro de 1998 relativa às instruções de utilização de bens de consumo técnicos: C411

I

(Comunicações)

CONSELHO

RESOLUÇÃO DO CONSELHO

de 17 de Dezembro de 1998

relativa às instruções de utilização de bens de consumo técnicos

(98/C 411/01)

O CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA,

Tendo em conta a resolução do Conselho, de 5 de Abril de 1993, relativa às futuras medidas em matéria de rotulagem de produtos no interesse dos consumidores ⁽¹⁾,

- (1) Considerando que promover os interesses dos consumidores e assegurar-lhes um nível elevado de protecção implica, nomeadamente, proteger a sua saúde e segurança;
- (2) Considerando que os consumidores têm o direito de receber uma informação sobre questões de segurança que lhes permita avaliar os riscos inerentes a determinado produto e tomar precauções contra esses riscos;
- (3) Considerando que a protecção dos interesses económicos implica que os consumidores de produtos técnicos tenham acesso a uma informação ao utilizador adequada, que garanta a utilização apropriada e integral dos produtos;
- (4) Considerando que instruções de utilização inadequadas podem afectar a apresentação dos produtos e constituir um factor a ter em conta, juntamente com todas as outras circunstâncias pertinentes, para a avaliação do eventual carácter defeituoso dos produtos; que, neste contexto, deve ser tida em conta a experiência adquirida com a Directiva 85/374/CEE do Conselho, de 25 de Julho de 1985, relativa à aproximação das disposições legislativas, regulamentares e administrativas dos Estados-membros em matéria de responsabilidade decorrente dos produtos defeituosos ⁽²⁾;
- (5) Considerando que, à luz da crescente diversidade de artigos disponíveis no mercado e das frequentes inovações decorrentes do progresso técnico, as instruções de utilização de bens de consumo técnicos tendem a ser consideradas inadequadas pelos consumidores, não só devido à sua falta de clareza e às dificuldades de carácter linguístico, nomeadamente as que resultam de traduções incorrectas ou do emprego de termos demasiado complexos, mas também devido à falta de estruturação e à escolha inadequada do conteúdo; que o emprego de uma linguagem adequada é fundamental para a transparência e convivialidade das instruções de utilização;
- (6) Considerando que as disposições vinculativas da legislação comunitária tratam o problema das instruções de utilização em domínios que se afiguram especialmente importantes para a protecção da saúde e da segurança humanas (nomeadamente, medicamentos, máquinas, brinquedos, dispositivos de baixa voltagem, aparelhos a gás e equipamentos de protecção), a fim de garantir o cumprimento dos requisitos essenciais pertinentes;
- (7) Considerando que não existe legislação comunitária que trate os aspectos específicos das instruções de utilização de bens de consumo técnicos em geral;
- (8) Considerando que, em princípio — numa economia de mercado —, a necessidade geral de instruções de utilização adequadas deve ser satisfeita tanto pelos produtores como pelos distribuidores, tendo em conta as exigências por parte da procura e promovendo, através do diálogo e da cooperação com as organizações de consumidores, a implementação das melhores práticas; que os consumidores podem beneficiar do desenvolvimento de métodos adequados de determinação da qualidade das instruções de utilização antes de efectuarem uma compra;

⁽¹⁾ JO C 110 de 20.4.1993, p. 1.

⁽²⁾ JO L 210 de 7.8.1985, p. 29.

- (9) Considerando que a previsão de instruções de utilização acessíveis está estreitamente associada à abordagem «Concepção acessível a todos» (*Design for all*), que visa a que os produtos e serviços mais comuns sejam concebidos por forma a poderem ser utilizados por qualquer pessoa, inclusivamente por idosos e deficientes, e que se encontra no cerne do actual mandato conferido aos organismos europeus de normalização das tecnologias da informação e das comunicações sobre «Normas para os idosos e os deficientes» (*Standards for disabled and elderly people*)⁽¹⁾; que constitui também uma das actividades actualmente desenvolvidas pelos organismos de normalização CEN, Cenelec e ETSI, em nome dos serviços da Comissão responsáveis em matéria de estudos e programas relacionados com as necessidades dos consumidores no domínio das tecnologias das telecomunicações; que devem igualmente ser tidos em conta os aspectos conviviais das instruções de utilização, bem como o ciclo de vida total de um produto, da produção até à reciclagem;
- (10) Considerando que estão disponíveis a nível internacional e, por vezes, a nível nacional, normas gerais⁽²⁾ e específicas⁽³⁾ sobre instruções de utilização;
- (11) Considerando que foram já completados, ou estão em curso, diversos mandatos relativos a determinadas preocupações dos consumidores que necessitam de ser abordadas através da normalização, especialmente na área da prevenção de lesões, com base num mandato-quadro acordado pela Comissão em 1995;
- (12) Considerando que, no que respeita aos bens de consumo técnicos, é possível melhorar a estrutura, o conteúdo e a facilidade de uso das instruções de

utilização, a fim de otimizar a utilização dos produtos pelo consumidor, garantindo simultaneamente um elevado nível de segurança;

REGISTA que, com o objectivo de ajudar a identificar os melhores métodos e práticas possíveis, a Comissão tenciona comunicar aos Estados-membros as conclusões de um inquérito conduzido junto das administrações nacionais de países da União Europeia e da EFTA, bem como o relatório final de um estudo especializado sobre instruções de utilização levado a cabo pelas autoridades austríacas;

CONVIDA a Comissão a tratar a questão das instruções de utilização de bens de consumo técnicos no âmbito das actividades relacionadas com a normalização, após a necessária ponderação da respectiva relação custo-eficácia, e a atribuir a devida importância a esta questão em todos os domínios pertinentes, nomeadamente no que se refere à integração das necessidades dos consumidores e à promoção da representação dos consumidores no processo de normalização;

CONVIDA os Estados-membros e os agentes económicos:

- a procurarem alcançar o objectivo de fornecer informações aos consumidores que lhes permitam utilizar os produtos técnicos de modo seguro, fácil, adequado e completo, tendo em conta, tanto quanto possível e no respeito das disposições do Tratado que institui a Comunidade Europeia, as indicações relativas às actividades neste domínio que constam do anexo da presente resolução,
- a estudarem, por exemplo, a possibilidade de se celebrarem acordos voluntários entre produtores e associações de consumidores, sobre a concepção e o conteúdo das instruções de utilização e da rotulagem dos produtos, e de se atribuírem prémios destinados a promover a introdução de instruções de utilização actualizadas e conviviais.

⁽¹⁾ Sogits — Grupo de Altos Funcionários para a Normalização da Tecnologia da Informação nº 1032.

⁽²⁾ A nível internacional, ver Guia ISO/CEI nº 37, 1995; a nível nacional, ver, por exemplo, DIN V 8418.

⁽³⁾ A segurança das crianças e as normas — orientações gerais; referência: Guia ISO/CEI nº 50, 1987, 1ª edição, 15 de Abril.

ANEXO

INDICAÇÕES PARA A ELABORAÇÃO CORRECTA DE INSTRUÇÕES DE UTILIZAÇÃO DE BENS DE CONSUMO TÉCNICOS ⁽¹⁾

As indicações enunciadas em cada um dos capítulos seguintes não devem ser consideradas exaustivas nem vinculativas:

1. Elaboração das instruções de utilização

- a) São tomadas em consideração as directrizes, normas, disposições legislativas, etc., existentes em matéria de instruções de utilização;
- b) Para garantir que a informação fornecida com os produtos tenha utilidade prática, é realizado um ensaio de funcionamento (*usability test*): este tipo de ensaio consiste em apresentar o aparelho, uma lista das tarefas que ele se destina a executar e uma versão preliminar das instruções de utilização a um número adequado de consumidores, a fim de poder observar esses consumidores durante a realização das tarefas previstas e registar os resultados assim obtidos num protocolo normalizado;
- c) O conteúdo é estruturado com base nas acções típicas de uso corrente: a estrutura de um manual de instruções baseia-se nas tarefas que terão de ser executadas pelos utilizadores do produto (princípio da orientação com base nas tarefas a executar);
- d) Os manuais de utilização contêm exclusivamente informações que não decorram nem do próprio produto (capacidade elucidativa do próprio produto), nem dos conhecimentos e experiência do utilizador ou das características das tarefas a executar (princípio da prestação de informações em falta e necessárias).

2. Conteúdo

As instruções de utilização são apresentadas numa sequência lógica que reflecta uma utilização segura e prática.

As instruções sobre segurança, as advertências e os avisos, as instruções de instalação e, por último, as instruções de utilização, devem estar claramente separadas umas das outras.

Os componentes típicos das instruções de utilização são os seguintes:

- lista das versões do produto abrangidas pelo manual, com indicação das características que as distinguem umas das outras,
- índice (no caso de instruções prolongadas),
- breve descrição das tarefas que podem ser executadas pelo produto,
- informações orientadas para a actividade para cada tarefa, incluindo instruções de segurança e advertências, tais como instalação e colocação em serviço (tarefa 1, tarefa 2, ...), informações gerais sobre o manuseamento seguro na medida em que não tenham ainda sido incluídas nas tarefas, manutenção e cuidados de utilização, e secções relativas às avarias,
- especificações técnicas,
- endereços e linhas directas (*hotlines*) de serviços pós-venda,
- índice remissivo (para os produtos que executem várias tarefas ou para instruções prolongadas),
- instruções de consulta rápida destacáveis (para os produtos que executem várias tarefas ou tarefas com vários passos individuais),
- lista de erros típicos de utilização, suas causas e possíveis soluções,
- informações relativas à facilidade de utilização do produto e ao modo como pode ser reciclado,
- indicações sobre a disponibilidade das instruções sob outras formas que não o papel impresso, tais como a cassette vídeo, o CD-ROM, o sítio na *World Wide Web*, etc.

3. Instruções de utilização separadas para diferentes modelos do mesmo produto

Por vezes, as instruções de utilização contêm informações sobre modelos ou versões diferentes do mesmo produto. É aconselhável prever instruções separadas para cada um dos modelos, especialmente se uma eventual confusão constituir um risco para a segurança.

⁽¹⁾ Como por exemplo o equipamento «branco» (isto é, equipamento de cozinha e outros aparelhos domésticos, habitualmente revestidos de tinta de esmalte branca), o equipamento de *bricolage*, os equipamentos eléctricos e electrónicos de entretenimento, tanto domésticos como portáteis, e os equipamentos terminais de telecomunicações.

No entanto, pode ser aceitável a cobertura de vários produtos num único manual quando as diferenças entre as versões do produto não originem diferenças entre os passos operacionais (por exemplo, quando uma versão de um aparelho de fax tenha características suplementares em relação ao modelo de base, mas as operações de base para o envio de um fax permaneçam idênticas).

4. Instruções e advertências de segurança

As instruções, as advertências e os avisos em matéria de segurança estão consignados em lugar de destaque no início das instruções de utilização, reportando-se aos pictogramas correspondentes colocados no próprio produto. Se necessário, estas instruções, advertências e avisos são repetidos onde for pertinente.

Além disso, obtêm-se melhores resultados de sensibilização dos utilizadores para o manuseamento seguro do produto quando se associam instruções e advertências de segurança claramente assinaladas à sequência de passos individuais seguida no uso corrente.

Os erros de utilização típicos são recordados na sequência em que possam ocorrer.

5. Língua utilizada nos manuais

Os consumidores devem aceder facilmente às instruções de utilização pelo menos na sua própria língua oficial da Comunidade, devendo estas ser facilmente legíveis e de fácil compreensão para o consumidor.

Por motivos de clareza e convivalidade, as diferentes versões linguísticas são colocadas separada e distintamente umas das outras.

As traduções baseiam-se exclusivamente na língua original e têm em conta as especificidades culturais da área em que é utilizada a língua em causa; para tal, as traduções devem ser realizadas por especialistas com formação adequada que partilhem a língua dos consumidores visados pelo produto e, idealmente, devem ser testadas junto dos consumidores para se aferir a compreensão.

6. Transmissão da informação

Idealmente, a transmissão da informação satisfaz os seguintes requisitos:

- suficiente clareza e rigor,
- correcção ortográfica e gramatical,
- emprego de palavras compreensíveis,
- se possível, utilização dos verbos na voz activa, e não na passiva,
- abstenção do uso de expressões técnicas desnecessárias,
- utilização de expressões correntes,
- utilização coerente dos termos (isto é, um mesmo termo deve referir-se ao mesmo objecto ou acção, ao longo de todo o texto),
- caracteres que evitem qualquer confusão entre letras maiúsculas, letras minúsculas e algarismos,
- abreviaturas explicadas e acompanhadas de um texto claro,
- caso sejam utilizadas imagens ilustrativas, estas correspondem exactamente ao que o consumidor vê, estão circunscritas às informações necessárias e apresentam um único conteúdo por imagem,
- caso se utilizem símbolos, estes correspondem a pictogramas de uso corrente, são facilmente reconhecíveis e têm sempre o mesmo significado,
- caso seja utilizada uma combinação de texto e imagens, escolhe-se um tipo de apresentação como fio condutor e mantém-se ao longo de todo o manual,
- não utilizar exclusivamente imagens, o que não constitui garantia de clareza, uma vez que as imagens em si nem sempre serão suficientemente elucidativas.

7. Conservação das instruções de utilização para futura consulta

A fim de facilitar a conservação em casa e a futura consulta, recomendam-se formatos adequados. Devem evitar-se as folhas soltas, e a formatação do texto tem de reflectir a subdivisão do conteúdo. Deve ser utilizado um corpo tipográfico legível pelos consumidores, especialmente pelos idosos.

Pode ser útil assinalar as informações mais importantes, tais como os conselhos de segurança.